

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MARIA FERNANDA FERNANDES DOS SANTOS

**AS LUTAS REVOLUCIONÁRIAS DA CHINA E O SURGIMENTO DOS
MOVIMENTOS FEMINISTAS CHINÊS (1850-1949)**

Santana do Livramento

2023

MARIA FERNANDA FERNANDES DOS SANTOS

**AS LUTAS REVOLUCIONÁRIAS DA CHINA E O SURGIMENTO DOS
MOVIMENTOS FEMINISTAS CHINÊS (1850-1949)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Bacharel em Relações Internacionais pela
Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.

Orientadora: Profa. Dra. Anna Carletti

APTO PARA BANCA

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Anna Carletti', is centered on the page. The signature is fluid and cursive, with a long horizontal stroke extending to the right.

Santana do Livramento

2023

MARIA FERNANDA FERNANDES DOS SANTOS

**AS LUTAS REVOLUCIONÁRIAS DA CHINA E O SURGIMENTO DOS
MOVIMENTOS FEMINISTAS CHINÊS (1850-1949)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Relações Internacionais pela
Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 5 de dezembro de 2023.

Banca examinadora:

Profª. Dra. Anna Carletti
(Orientadora)
UNIPAMPA

Prof. Dr. Flávio Augusto Lira Nascimento
(Membro da Banca)
UNIPAMPA

Profª. Dra. Nathaly Silva Xavier Schütz
(Membro da Banca)
UNIPAMPA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S2371 Santos, Maria Fernanda Fernandes dos
As lutas revolucionárias da China e o surgimento dos
movimentos feministas Chinês (1850-1949) / Maria Fernanda
Fernandes dos Santos.

93 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2023.

"Orientação: Anna Carletti".

1. Lutas revolucionárias. 2. Movimentos feministas . 3.
Mulheres. 4. China. I. Título.

Dedico este trabalho à minha amada mãe,
Regina Maria Ajala Fernandes, e às minhas
sobrinhas Ana Clara e Maria Luiza (*in
memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer a minha mãe, Regina, por todo apoio, amor e empatia durante toda a minha vida, e por ter continuado me apoiando nesses anos de graduação. Por nunca ter descreditado do meu potencial e sempre me incentivando a ser alguém melhor. Abdicando muitas vezes de tempo de qualidade, de sonhos pessoais para me ver realizando os meus sonhos. Minha mãezinha sempre esteve comigo em todos os momentos da minha vida, sempre me amou independente de qualquer coisa, inclusive é a única pessoa que consegue me amar, mesmo nem eu conseguia me amar. Independente de tudo sempre estarei contigo, o primeiro lugar que habitei, os primeiros olhos que olhei, o primeiro coração que escutei bater, eu e você para sempre.

Agradeço a Deus, que sempre caminhou comigo, abençoando e protegendo quando decidi fazer graduação em outro estado, longe da minha zona de conforto e de tudo que me era familiar.

Ao meu pai Jorge Deniz, agradeço por me trazer a este mundo, onde posso ter a possibilidade de caminhar em busca dos meus sonhos. Eu o amo e sou grata por tudo.

Agradeço a minha irmã, Valéria, que me acolheu em sua casa, compartilhando sua vida e cotidiano comigo. Que me ensinou a ser mais independente e não esperar que tudo seria perfeito. Por ter me dado o presente mais lindo da minha vida, o privilégio de ser tia e madrinha da Maria Luiza, e Ana Clara, com elas aprendi a amar alguém antes mesmo do nascimento.

Um agradecimento especial a professora e orientadora Anna Carletti, pessoa na qual me inspirou desde a primeira aula, sua maneira de passar conhecimento me cativaram fazendo meu anseio por lecionar renascer. Agradeço pela paciência no caminho que foi a escrita deste trabalho, e por lutar e passar conhecimentos sobre causas feministas dentro e fora da universidade, com carinho lhe agradeço.

A Universidade Federal do Pampa, por me proporcionar a possibilidade de um estudo de qualidade e gratuito. Me oferecendo experiências que levarei para o resto da minha vida. A todos docentes do curso de Relações Internacionais que me guiaram até esse momento, obrigada por dividirem seu conhecimento.

Agradeço a minha amiga Letícia, minha prima Ana Claudia e minha madrinha Claudete por estarem ao meu lado em todo os momentos me apoiando e me dando forças para

não desistir, tanto a distância quanto quando estávamos morando no mesmo estado. Mulheres incríveis inspiram outras, grata pela existência de vocês.

Um agradecimento muito especial, ao grupo de amigas que fiz durante os anos de graduação, que me trouxeram momentos de conforto, lazer e felicidade nesse caminho árduo que é a vida acadêmica. Obrigada Pamela, Carol, Mica, Ana Laura, Joicy e Elisa. Sou grata a vocês meninas.

Por fim, sou grata e agradeço a todos que entraram na minha vida me ajudando, nem que seja com um sorriso nesse capítulo da minha vida. E a todas mulheres de todos os lugares, realidades e culturas pelo mundo.

“Quando as pessoas entendem que a gente está lutando por justiça social, por equiparação e por equidade, não tem motivo para não ser feminista.”

Djamila Ribeiro

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender de que maneira o primeiro suspiro do movimento feminista chinês surgiu em meio das diversas revoluções ao longo da história da China. Como as lutas revolucionárias internas e externas influenciaram o surgimento e fortalecimento do movimento. Utilizando a hipótese do feminismo chinês nascendo e fortalecendo-se junto às lutas revolucionárias no final da Dinastia Qing até a Revolução Comunista chinesa, que se direciona não apenas à libertação das mulheres como também à libertação nacional. Com uma base teórica sobre a influência do feminismo hegemônico, suas raízes, vertentes e teorias, que vem a moldar além da China os demais feminismos pelo mundo por seu lugar de destaque global. Os conceitos feministas usados como base para melhor compreensão do lugar e da necessidade da mulher nos atos revolucionários. Deste modo, visa compreender a influência do pensamento feminino dentro de conflitos armados e ideológicos, a fim de desvendar um novo ponto de vista do surgimento do feminismo em uma sociedade antiga marcada por invasões e humilhações de povos estrangeiros. A participação das mulheres nas lutas revolucionárias chinesas no final do período dinástico e construção dos movimentos feministas chineses com base em suas conquistas em um período de grande instabilidade, até as primeiras décadas do período republicano da China e o fortalecimento do lugar feminino dentro da sociedade chinesa. A pesquisa se desenvolverá norteadas pela parte teórica sobre a influência das teorias feministas e alguns conceitos de maior destaque na pesquisa como feminismo e revolução. Também utilizará achados bibliográficos quanto à parte histórica da presença e participação de mulheres chinesas nas revoltas no final do período dinástico. Utilizando metodologia exploratória, com bases bibliográficas publicadas, como: artigos acadêmicos, livros e materiais científicos exploratórios, em uma perspectiva qualitativa, buscando a compreensão e exposição do problema exposto no trabalho.

Palavras-chave: Lutas revolucionárias; Movimento feminista; Mulheres; China.

ABSTRACT

The general objective of this work is to understand how the first breath of the Chinese feminist movement emerged in the midst of the various revolutions throughout China's history. How internal and external revolutionary struggles influenced the emergence and strengthening of the movement. Using the hypothesis of Chinese feminism being born and strengthening itself along with the revolutionary struggles at the end of the Qing Dynasty until the Chinese Communist Revolution, which is aimed not only at women's liberation but also at national liberation. With a theoretical basis on the influence of hegemonic feminism, its roots, aspects and theories, which has shaped other feminisms around the world beyond China due to its prominent global position. Feminist concepts used as a basis for better understanding the place and need of women in revolutionary acts. In this way, it aims to understand the influence of feminine thought within armed and ideological conflicts, in order to unveil a new point of view on the emergence of feminism in an ancient society marked by invasions and humiliations by foreign peoples. The participation of women in Chinese revolutionary struggles at the end of the dynastic period and the construction of Chinese feminist movements based on their achievements in a period of great instability, until the first decades of China's republican period and the strengthening of women's place within Chinese society . The research will be developed guided by the theoretical part on the influence of feminist theories and some most prominent concepts in research such as feminism and revolution. It will also use bibliographical findings regarding the historical part of the presence and participation of Chinese women in the revolts at the end of the dynastic period. Using exploratory methodology, with published bibliographic bases, such as: academic articles, books and exploratory scientific materials, in a qualitative perspective, seeking to understand and expose the problem exposed in the work.

Keywords: Revolutionary struggles; Feminist movement; Women; China.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Eventos na China 1796-1901.....	40
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. A INFLUÊNCIA DO FEMINISMO HEGEMÔNICO NO NASCIMENTO E CRESCIMENTO DO FEMINISMO CHINÊS.....	17
2.1. Breve histórico do feminismo hegemônico e suas principais contribuições teóricas..	18
2.2. O surgimento e as características do feminismo chinês.....	30
3. AS MULHERES CHINESAS NAS LUTAS REVOLUCIONÁRIAS DA CHINA NO FINAL DO PERÍODO DINÁSTICO.....	39
3.1 As Rebeliões e a decadência do final do período dinástico.....	42
3.1.1 O movimento dos Taiping e a luta das mulheres chinesas.....	48
3.2 A participação das mulheres na revolta dos Boxers anti imperialistas.....	59
4. O CRESCIMENTO DO FEMINISMO CHINÊS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DA CHINA REPUBLICANA.....	65
4.1. As mulheres chinesas e a tentativa de modernização da China.....	69
4.2. As lutas revolucionárias republicanas e o protagonismo das primeiras revolucionárias chinesas.....	72
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	84

1. INTRODUÇÃO

O rápido desenvolvimento da sociedade chinesa no que se refere a globalização, industrialização e economia , foram benéficas para a mulher chinesa, porém o tratamento desigual e desrespeitoso no qual as mulheres ainda eram submetidas persistiu. A filosofia denominada patriarcal causou uma desarmonia entre mulheres e homens na China, uma das razões pelo difícil e precário acesso das mulheres à educação. Por um breve momento na história e formação da sociedade chinesa, houve uma espécie de sociedade formada por princípios matriarcais, onde mulheres exerciam os cargos de mais prestígio, ocupando e liderando diversos setores da sociedade graças às suas crenças na deusa Nu Gua ou Nüwa, uma deusa chinesa mitológica, na sua crença Nu Kua criou a humanidade, sendo a representação de muito poder. A civilização da época a associavam com chuva, lagoas e lugares onde as águas tinham seu encontro, porém os aspectos físicos da figura masculina começaram a ser levadas mais em consideração por ajudarem e trazerem mais resultados nas guerras e atividades em campo, por conta de seu porte e força física. A partir disso, se instaura a sociedade patriarcal, ocasião em que a maioria dos direitos das mulheres foram retirados.

As revoluções na cultura impulsionaram o direito de participação das mulheres chinesas na sociedade. As transformações da imagem feminina começou a ganhar forma, após se emanciparem da submissão implícita da figura masculina, os padrões se moldaram a nova realidade e liberdade, houveram mudanças no tradicionalismo da maneira mulher se portar, e na sua aparência (comportamento e beleza). Agora como devidas cidadãs conquistando seus direitos, suas funções não eram mais apenas privadas e restritas ao núcleo familiar, como agora também em funções públicas. A busca por oportunidades dentro de lutas revolucionárias, levou as mulheres aos movimentos onde reivindicavam uma posição no campo político. Assim como Dantas (2019) diz, a revolução deu espaço e oportunidade para essas mulheres com baixa conhecimento, tomarem o lugar de protagonismo na própria vida, e serem presentes e significativas no caminho em que a sociedade chinesa iria tomar daquele momento para frente.

A presença feminina na luta revolucionária, respondia a maneira brutal em que estavam vivendo com o regime conservador e tradicional, moldada pelas ideologias do confucionismo sob uma ética feudal que dificilmente tratava de maneira justa as queixas das mulheres. Na verdade as mulheres eram consideradas apenas peças sem uma importância significativa, eram como máquinas de entretenimento, reprodução garantindo a linhagem de

seu marido, sempre servindo a imagem masculina da família, como: pai, maridos e filhos mais velhos, seguindo a ideia da hierarquia patriarcal.

A proposta da pesquisa foi a análise do surgimento do movimento feminista chinês em meio as lutas revolucionárias. A partir de um recorte teórico sobre a influência das teorias feministas sobre o nascimento do feminismo chinês no período das grandes revoluções chinesas, se encontrava com maior frequência e destaque homens do que mulheres. A cultura chinesa mostra um longo recorte temporal da posição dominante dos homens, em diversos âmbitos, como: na política, economia, tópicos sociais e a constituição familiar. É perceptível que o papel do patriarcado moldou muitos os países orientais. Mesmo que esse molde patriarcal tenha se mostrado relevante e de maior destaque, a participação das mulheres foi bastante presente e significativa para o despertar dos movimentos feministas da China antiga. Graças ao ressaltado e ênfase da presença das mulheres chinesas nas revoluções e guerras temos a população feminina muito mais em destaque e relevância na sociedade atual, conseguindo conquistar bastante o seu espaço em áreas que não eram comumente inseridas no passado.

A contribuição das mulheres ajudou no desenvolvimento da sociedade mesmo sem serem devidamente reconhecidas, seus dons e habilidades eram desmerecidos e acabavam não sendo utilizados por conta dos costumes e leis. A consciência feminina vai começando a se aflorar com o passar do tempo, e com a modernização e ocidentalização do continente asiático, em meio aos povos estrangeiros chegando até sua terra por razões militares das revoluções. A chegada da ocidentalização trouxe alguns ganhos para os movimentos feministas na China. Após o fim do isolamento da China com o tratado de Nanquim com a Inglaterra, começaram a surgir algumas implementações na sociedade da época, como as escolas para mulheres, moldadas e administradas pelos missionários cristãos. Apesar da inicialização da mulher, a educação destes mesmos missionários criaram um certo estereótipo da mulher chinesa, que iria se perpetuar por longos anos o que adversidades por conta de conceitos limitados e costumes bastante fortes.

Para tanto, o presente trabalho propõe uma análise inicial da influência do feminismo hegemônico no nascimento e desenvolvimento do feminismo chinês, levando em consideração o cunho teórico dentro do movimento. Estima-se que o presente tema é de suma importância e vem sendo cada vez mais discutido e explorado nos meios interculturais e políticos, porém não recebe muita visibilidade e reconhecimento por se tratar de uma área com poucos pesquisadores se comparada com outras temáticas. A construção da civilização chinesa é bastante pautada no gênero, no que se refere a desigualdade nas hierarquias entre eles, e existe o questionamento de quando se teve o início aos movimentos feministas, ou seja,

desde quando as mulheres se mostraram ativas na sociedade chinesa. Esse tema acaba sendo pouco explorado também na área das relações internacionais, sendo a teoria feminista uma das teorias com menos material de fácil acesso se levar em consideração outras teorias.

A última Dinastia imperial da China foi a Dinastia Qing (清 Qing, 1636-1912), que governou o país de 1644 a 1912, nesse contexto o império chinês foi se tornando cada vez mais populoso e ajudou na formação de identidade da China. Durante 1839 a 1912 a China passou por um período bastante conturbado, a dinastia era pressionada por forças externas do ocidente, para abertura de seus portos comerciais, principalmente o comércio do ópio. Por outro lado, a Inglaterra deu início a uma série de ataques navais e investidas contra o império Qing, o que desencadeou as três Guerras do Ópio. A Rebelião Taiping foi outro evento que ocasionou a fraqueza da Dinastia Qing. O líder dessa rebelião era Hong Xiuquan, que tinha o intuito de transformar a China em um país seguidor do cristianismo, neste meio período as mulheres começaram a ter mais notoriedade dentro da sociedade, momento de bastante importância para emancipação da mulher dentro da sociedade dinástica de caráter feudal.

Ao final do século XIX e início do século XX, de 1899 a 1901, os Boxers assim nomeados pelos ocidentais, iniciaram uma rebelião onde grupos nacionalistas lutavam contra os estrangeiros invasores de seu território. O grupo se mostrava descontente com o poder imperial e sua incompetência em conter a intervenção imperialista no país, então desenvolveram uma sociedade secreta para deter o imperialismo que por sua vez Dinastia Qing de maneira oportunista se juntou ao movimento sob a bandeira de ser contra o imperialismo, neste momento a presença feminina, na revolução em si, como no campo de batalha não é algo destacado, mas sua presença em outros setores se mostra pertinente para o movimento, como no caso de Qiu Jin, mulher revolucionária do período dinástico.

Deste modo, o objetivo principal deste estudo é revelar quais são as contribuições teóricas dos feminismos hegemônicos para o feminismo chinês, para que este estudo possa contribuir para uma melhor compreensão do nascimento dos movimentos feministas na China e contribuir para a compreensão de conceitos como o período revolucionário ajudou e é considerada ser de grande importância. O período de Lutas e Revoluções dentro do território chinês caracterizado pelas contribuições de feministas do Norte Global no contexto da luta pela igualdade de gênero dentro de uma China recém abandonando seu sistema de ética feudal, estipulado pelo patriarcalismo.

Diante disso, o trabalho se dividirá em três capítulos: O primeiro capítulo do traz uma análise da influência do feminismo hegemônico no nascimento e crescimento do feminismo do feminismo chinês, descrevendo de forma introdutória as principais contribuições teóricas

do feminismo do Norte global, concedendo explicação e contexto da mulheres chinesas em busca de seus direitos nas vertentes feministas e o surgimento e as características do feminismo chinês. Também apresenta um lado histórico do surgimento da sociedade onde por um breve momento as mulheres chinesas assumiram um lugar superior aos homens. A chegada do Ocidente e os missionários trouxe suas contribuições para as mulheres, uma das contribuições foram as propagandas anti-pés-de-lótus, uma tradição antiga da China onde as mulheres eram submetidas a mutilação de seus próprios pés para seguir um padrão estético estipulado no período. Porém, mesmo que o feminismo hegemônico viesse com o intuito de libertar e ajudar as mulheres chinesas a evoluir intelectualmente dos costumes patriarcais, existiam algumas limitações nesse feminismo hegemônico quando se trata de sua diversificação e ótica. A presença das mulheres na história e construção da China é algo bastante apresentado no capítulo, constatando sua importante influência na formação do território chinês.

O segundo capítulo irá apresentar as mulheres chinesas nas lutas revolucionárias no fim do período da dinastia chinesa, já que o fardo histórico da China reflete-se tanto em suas revoluções como no papel das mulheres na sociedade chinesa. Tendo isso, o período revolucionário pode ser visto apenas como uma das partes desta história, trazendo lutas ideológicas e de liberdade de um gênero agredido pelo sistema. A China passou por um longo período de humilhações vindas de povos estrangeiros, com isso teve de se submeter a diversos tratados forçados e desiguais. Neste cenário a China passou por um século de diversas rebeliões e conflitos. As mulheres tiveram seu despertar revolucionário, aproveitaram do cenário para ganhar algumas lutas dentro de sua própria causa feministas, questionando a ética feudal. No terceiro e último capítulo mostra uma análise do crescimento do feminismo chinês nas primeiras décadas da China republicana, as mulheres chinesas na tentativa de modernização da China, e as lutas revolucionárias republicanas com a presença do protagonismo das primeiras revolucionárias chinesas.

2. A INFLUÊNCIA DO FEMINISMO HEGEMÔNICO NO NASCIMENTO E CRESCIMENTO DO FEMINISMO CHINÊS.

Neste capítulo inicial o objetivo será uma análise e entendimento do feminismo hegemônico, suas raízes, vertentes e teorias, que vem a moldar os demais feminismos por seu lugar de destaque global. Djamila Ribeiro, mulher negra, feminista e filósofa pontua que as mulheres têm um longo histórico de luta por justiça social, por equiparação e por equidade, porém quando apenas um dos lados dessa luta leva credibilidade, é difícil incluir as demais causas e perfis de feminismos.

Quando um grupo que luta pela igualdade e liberdade não leva em consideração a cultura, raça e localidade geográfica dos seus membros, finda por descredibilizar as pautas e o movimento de grupos menores, e acaba gerando uma pouca visibilidade. Pensamento e constatações essas que a autora Judith Butler, filósofa pós estruturalista também pontua em suas análises, para ela é imprescindível que haja uma divisão do gênero em seu contexto social, cultural e assim como pontuei, nas classificações de etnia. Segundo ela, ainda existem as características da conjuntura históricas, que se entrelaçam com as interações vividas em certos períodos da história, afinal ser mulher não é unicamente o que uma pessoa é (BUTLER, 2003). É necessário levar em consideração as diversas posições culturais da região.

Se analisarmos brevemente é possível dizer que apenas o feminismo branco e Ocidental moldou os demais movimentos feministas, porém no mundo já haviam movimentos feministas surgindo com características únicas e distintas. O feminismo branco ganhou um lugar de destaque maior pelo seu lugar de fala e relações de poder comparada às demais mulheres negras/não brancas. Por esta razão temos nesse feminismo um molde para os demais. Em relação a grupos em um centro de poder, Ribeiro comenta: “importância epistêmica da identidade, pois reflete o fato de que experiências em localização são distintas e que a localização é importante para o conhecimento” (RIBEIRO, 2017, p. 29).

Nem todas as vivências das mulheres nas demais localidades pelo mundo eram iguais, muitas vezes era mais luta pela liberdade e exclusão da opressão patriarcal o que criava uma semelhança nesses movimentos. Existia um sentimento de imposição de quando se tratava do feminismo hegemônico, suas vertentes caíam em uma espécie de regra do feminismo para mulheres dos mais distintos lugares do mundo. O capítulo tem como foco principal analisar o nascimento e crescimento do feminismo chinês a partir da perspectiva e influência do feminismo hegemônico. Desta maneira, a pretensão será compreender a pluralidade que engloba o feminismo chinês desde seu nascimento há décadas atrás, em meio a lutas por

liberdade e inclusão da figura feminina em lugares normalmente ocupados por homens, como por exemplo, em revoluções, o que vem a ser uma pauta de bastante relevância quando levada a debates no meio internacional.

A autora chinesa Ya Chen-Chen, enfatiza sobre o feminismo chinês não poder ser compreendido apenas pela visão e experiências teóricas do feminismo Ocidental, mesmo que talvez o mesmo tenha sido uma das peças ou chaves para a inserção do feminismo na sociedade chinesa. Outra pontuação da autora é que não se pode considerar o feminismo da China como um feminismo exclusivo que generalize todo o território e cultura regional, pois é necessário ver e pensar nos distintos feminismos que existem em suas mais diversas realidades no cenário político (CHEN, 2011).

2.1. Breve histórico do feminismo hegemônico e suas principais contribuições teóricas.

De acordo com Mattos (2021) normalmente quando o feminismo é posto como pauta em alguma obra, artigo crítico ou até mesmo em rodas de discussões, as principais características lembradas e pontuadas são as do feminismo hegemônico. Ela ainda destaca:

Os espaços feministas que oferecem formação, discussão e construção política são constituídos, em sua maioria, por mulheres brancas, que participam e têm alguma aproximação com políticas partidárias ou com a academia, sendo que frequentemente essas construções ocorrem em espaços institucionalizados como universidades e organizações políticas. (MARCINIK & MATTOS, 2021, p. 192)

Mesmo que movimentos feministas ainda sejam tratados como uma pauta sem relevância em diversas ocasiões, quando posto para debate o feminismo hegemônico (branco e ocidental) ganha maior notoriedade por estar no centro global. A princípio vale ressaltar que assim como Costa (2005) menciona, o feminismo em qualidade de movimento social é considerado moderno tendo surgido no contexto das ideias iluministas no quesito liberdade, progresso e tolerância, assim como no âmbito das ideias da Revolução Francesa e Americana, por uma grande procura por direitos essenciais de cada membro da sociedade, como direitos políticos e sociais.

As iniciativas individuais de mulheres que buscavam se inserir em espaços públicos tiveram início em meados do século XVII, as mulheres começaram a impor seu lugar como seres dignos de igualdade e respeito. Já no século XIX até final do século XVIII nasce o feminismo como um movimento social, político e religioso. O mesmo tratamento privilegiado que os homens recebiam era o que figuras feministas aclamavam da sociedade patriarcal, os

mesmos direitos à educação no qual os homens eram introduzidos, elas buscavam igualdade e acima de tudo respeito.

A “primeira onda” do feminismo segundo Donovan (2012) teve seu início ao final do século XVIII e se seguiu até meados do século XX, principalmente em países como França, Canadá, Reino Unido, Estados Unidos e Países Baixos. Essa onda trouxe um grande impacto ao movimento feminista. Muitas das reivindicações que o movimento trazia foram remodeladas e transformadas em instituições sociais, que vieram a fortalecer ainda mais as causas das mulheres que viviam lutando contra repressão e silenciamento da sociedade “tradicional”.

A autora Xinran (2019) acentua novamente sobre o nascimento dos movimentos feministas terem se iniciado após a Revolução Francesa. Ainda no seu primeiro ano de Revolução em 1789, algumas mulheres levavam propostas à Assembleia Nacional, por mais direitos políticos nos quais homens já eram inseridos, mesmo que naquela época essas reivindicações não ganhassem destaque foi um marco inicial importante para a causa. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) um dos principais filósofos e teóricos políticos do século XVIII, tinha suas obras norteadas pelo iluminismo, e era conhecido também por sua crítica à desigualdade e defesa da liberdade, porém seguia linhas de pensamento e ideologias bastante centradas em uma ótica patriarcal¹, o que leva suas convicções a serem opostas as propostas e iniciativas do movimento feminista. (DE PAIVA, 2019):

Embora o filósofo tenha comentado o tema, mesmo assim não parece ter sido uma de suas grandes preocupações e seus escritos acabam reproduzindo a visão da família patriarcal e o papel de passividade da mulher, ainda um pouco expressivos na sociedade do século XVIII, malgrado sua importância nesse contexto.(DE PAIVA, 2019, p 358).

Mary Wollstonecraft² (1759- 1797) foi uma das principais críticas de Rousseau, Wollstonecraft foi uma filósofa, bastante conhecida principalmente por defender os direitos das mulheres, Wollstonecraft estudava a Revolução Francesa, norteou sua leitura nos nomes que direta ou indiretamente influenciaram o movimento. A influência do iluminismo sobre seu pensamento não a impediu de tecer críticas contra Rousseau, que fez obras que defendiam a existência de uma notória diferença entre o homem e a mulher (DE PAIVA, 2019).

¹ As mulheres devem aprender a serem mães e esposas, essa é a lei da natureza, defendida por Rousseau. Devem ter pouca liberdade e isso é necessário ensinar desde tenra idade. A mulher deve desde cedo conhecer para amar a vida doméstica e tranqüila de um lar, para que esta possa ter uma vida dentro da moralidade que lhes cabe. Assim tornar-se-á mais bela e encantadora (BODART, 2015).

²Mary Wollstonecraft foi uma escritora e filósofa inglesa, conhecida defensora dos direitos das mulheres, que criticou Rousseau (DE PAIVA, 2019).

Wollstonecraft concorda com o filósofo no ponto da desigualdade natural e a fragilidade física da mulher, pois o fato do Estado enxergar a mulher desta maneira a coloca em lugares nos quais eles consideram adequados, geralmente sendo espaços inferiores aos dos homens, no quesito de estrutura física. A problemática que é encontrada nessa desigualdade é a utilização que a sociedade faz da argumentação, pois sempre utiliza da justificativa física para fixar uma superioridade masculina sobre as mulheres, objetificando mulheres e as colocando debaixo de uma superioridade masculina. Wollstonecraft lançou alguns livros que deram destaque e significado para o feminismo, incluindo sua defesa de que mulheres e homens merecem oportunidades iguais, a dependência econômica feminina e sua inserção das mulheres na política. Ao defender o estado de natureza, Rousseau, segundo ela, endossa essa perspectiva e condena a única forma de corrigir o problema da diferença, ou seja, pelo processo civilizatório (DE PAIVA, 2019, p. 368).

Em meados do século XIX, nasceram movimentos organizados no território ocidental, esses movimentos buscavam educação de qualidade e melhores oportunidades de trabalhos para as mulheres, e para isso ocorrer as leis deveriam ser alteradas, como por exemplo os direitos das mulheres casadas e o direito do voto. No Ocidente as principais pautas levantadas por estas mulheres eram relacionadas a políticas e tratamento que elas recebiam pela sociedade, que as viam como sexo frágil e dependente de homens para ir e vir. A luta por direitos igualitários na educação e política se prolongou do final do século XIX até início do século XX. Nesse período, as mulheres foram conquistando seu espaço gradativamente, como o da propriedade privada e na política como o voto, sua liberdade começou a ser mais destacada por agora estarem atuando em mais espaços públicos.

A evolução das teorias feministas hegemônicas deu luz à literatura feminina, literatura que trouxe muitas vitórias para o movimento, como o aumento de mulheres escrevendo sobre a causa das mais diversas maneiras e óticas. Xinran (2019) diz o quanto o progresso da sociedade nas questões da luta das mulheres se destacou. Em meio a esse avanço nasceram grandes escritoras que são bastante conhecidas na atualidade, como as romancistas britânicas: Emily Bronte, Jane Austen, Charlotte Bronte e George Eliot, e mais outros nomes importantes em outras áreas da literatura. O que Xinran mostra ao citar esses nomes é a análise do quanto o avanço das mulheres em diversos setores nesse período foi gradual e significativo, as mulheres enfim poderiam mostrar sua voz e ponto de vista sem uma gigantesca repressão do Estado:

As escritoras prestaram atenção ao tratamento desigual das mulheres na vida real. Nesse período da literatura, a consciência das mulheres recebeu grande atenção, as mulheres nas obras começaram a resistir conscientemente à sociedade patriarcal e a livrarem-se da imagem de "fraqueza". "Fraqueza, teu nome é mulher" deixou de ser adequado ao estatuto em desenvolvimento das mulheres. (XINRAN, 2019, p.35).

Assim como Xinran (2019) pontua, as temáticas das obras femininas foram se alterando e evoluindo, e mesmo que os homens ainda tinham um maior espaço dentro dessa sociedade majoritariamente patriarcal, as obras femininas se ampliam e era notório seus reflexos na sociedade da época, com o passar dos anos a literatura feminina ganhava seu lugar fixo dentro da sociedade:

As obras literárias femininas do século XX têm outras características: as mulheres são os principais temas da escrita; os seus sentimentos, impressões, pensamentos e emoções merecem atenção; exploram o mundo interior das mulheres e criam novas imagens femininas a partir das próprias experiências e valores das mulheres. (XINRAN, 2019, p.36)

O movimento feminista não acrescentaria outros tipos de movimentos sociais que não tivessem a bandeira sobre desigualdade de gênero levantada como um dos seus pontos de discussão, mesmo que houvessem bastante mulheres participando de tais manifestações. É pertinente ressaltar que a análise feita na pesquisa tem o intuito de capacitar-se das contribuições de teorias feministas hegemônicas no movimento feminista chinês, buscando compreender as principais contribuições no nascimento e crescimento da luta das mulheres chinesas por liberdade e igualdade. Assim como Passos (2022) ressalta, mesmo com diversos debates internacionais sobre o incentivo notório dos últimos anos vindo desses movimentos, a história do feminismo pode ser considerada muito nova se comparada com as demais teorias das Relações Internacionais (RI), e até mesmo na ciência social, dessa maneira:

Os primeiros ensaios relacionados aos direitos de emancipação feminina são datados a partir das primeiras décadas do século XIX, com o surgimento do sufrágio feminino, ou primeira onda do feminismo, como ficara conhecido o movimento responsável pela defesa do direito ao voto e ao trabalho em condições viáveis para as mulheres, visando a igualdade de gênero na promoção dos direitos contratuais e de propriedade. (PASSOS, 2022, p. 16)

De acordo com Passos (2022) é interessante o fato de que mesmo com diversos trabalhos e pesquisas teóricas a liberdade feminina e suas conquistas no período da primeira onda, foi apenas durante a segunda onda em que as mulheres realmente e o movimento feminista adentrou na academia. Grande parte de feministas negras, de diferentes

descendências, vindas de países categoricamente catalogados como subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, iniciaram outro tipo de protesto dentro do movimento feminista, elas criticavam essencialmente em pautas que eram consideradas centrais e com mais relevância dentro do movimento feminista, por ter origem do norte global.

O fato de muitas das teorias desenvolvidas na segunda onda do feminismo serem usadas como base no movimento levam bastante críticas, principalmente pelo fato de usarem a “mulher” de uma forma generalizada e exclusiva, esquecendo ou deixando de lado outras realidades vividas por mulheres em distintas realidades pelo mundo. Desta maneira, o sistema opressor continua a oprimir as mulheres de classes, etnias distintas e que não se englobam nas características do feminismo hegemônico (branco, ocidental e de classe alta):

O desenvolvimento das demais vertentes do movimento feminista³ marca também o princípio da eclosão da terceira onda do movimento, a qual se inicia na década de 1990 e está em curso até os dias atuais, visando conceder aos debates feministas uma maior pluralidade de vozes, abrindo potencial espaço para a teorização produzida a partir dos países do Sul global. (PASSOS, 2022, p.22, 23)

A grande diversidade e pluralidade do feminismo é o que torna os movimentos feministas muito mais real e tratado democraticamente, apesar disso existe o feminismo mais conhecido, o que veio a se tornar hegemônico. No meio político existe uma tendência a destacar e dar relevância há algo que é considerado absoluto no movimento feminista, utilizando o termo Mulher, maximizando todas as mulheres numa única característica, experiências, racionalidade e anseios, juntamente numa imagem feminina de vulnerabilidade fixa a todas as mulheres do globo.

A hegemonia no feminismo tem características específicas e que se silenciam diariamente. O feminismo como movimento de uma maneira mais ampla busca soluções a violência sofrida dentro do sistema patriarcal, e a extinção das demais violências sofridas dentro desse sistema que respeita apenas um gênero. Entretanto, o feminismo hegemônico limita as principais exigências dos movimentos, com os olhos fechados para as distintas realidades e diversidades culturais das mulheres pelo mundo, faz com que sua luta fique presa a uma realidade apenas uma parcela das causas e violências sofridas por mulheres ao redor do mundo.

³ O movimento passa a ser identificado como feminismos, levando em consideração que suas vertentes passam a tratar de diversas interpretações da realidade, compostas de vários países, raças e classes distintas. (PASSOS, 2022)

A autora Bell Hooks (2019) lembra de uma realidade intrínseca que todas as mulheres ao redor do planeta vivenciam desde o nascimento, sendo a marca do sexismo⁴, de maneira que por diversas vezes o reproduzimos sem ao menos notarmos. Quando se fala de um lugar onde só há mulheres ou apenas para mulheres, não existe essa implicação da ausência de opressões. Tanto os homens quanto as mulheres cresceram com pensamentos sexistas imposto por um sistema patriarcal:

Um espaço só de “mulheres” não implica a inexistência de opressão. Isso é claro uma vez que o patriarcado diz respeito a um sistema de dominação, institucionalizado, disseminado e mantido. Tal como os homens, as mulheres também foram socializadas para crer em pensamentos e valores sexistas. O que os difere cinge-se ao fato de que os homens se beneficiaram muito mais do sexismo em comparação às mulheres, culminando no desinteresse que eles geralmente possuem em abrir mão dos privilégios do patriarcado. (BARROS, 2020, p104).

Com isso Barros (2020) diz não ser possível haver um diálogo sobre crimes discriminativos dentro do gênero, sexismo e orientação sexual. O poder sobre corpos são marcadores sociais que de alguma maneira sempre irão ser impostos de alguma maneira. O feminismo que hoje temos como hegemônico é em sua grande maioria branco, de classes sociais mais elevadas e heterossexual, tendo o capitalismo como seu maior incentivador de permanência enraizada. O predomínio branco e ocidental do feminismo acaba por muitas descredibilizar efetivas radicais e políticas do movimento em áreas mais distantes tanto territorialmente quanto culturalmente:

Por não fazer oposição direta ao status quo, à estrutura existente, chegou a ser apoiado pelo patriarcado convencional, que considerou legítimas somente as exigências de mulheres com privilégios de classe. Assim sendo, o feminismo hegemônico foi/é reformista, pois ao invés de pretender alterar sistematicamente a realidade (im)posta, buscou, no interior dela, obter igualdade social. (BARROS, 2020, p105)

As rodadas de conversas feministas foram ficando cada vez menores por conta dos ganhos ao movimento feminista como, por exemplo, a liberdade econômica e a facilitação maior ao poder econômico, porém como em diversas ocasiões um grupo de pessoas não usufrui de tais conquistas, nesse caso são as mulheres mais pobres com trabalhos mais

⁴ Sexismo: discriminação ou tratamento indigno a um determinado gênero, ou ainda a determinada identidade sexual, e orientação sexual. Existem diferentes formas de exercício do sexismo, o heterossexismo e o homossexismo. Um gênero é superior a outro, uma orientação sexual é superior a outra. Mulher e homem são profundamente diferentes (mesmo além de diferenças biológicas), e essas diferenças devem se refletir em aspectos sociais como o direito e a linguagem. Em relação ao preconceito contra mulheres, diferencia-se do machismo por ser mais consciente e pretensamente racionalizado, ao passo que o machismo é um muitas vezes um comportamento de imitação social. Nesse caso o sexismo muitas vezes está ligado à misoginia (ódio às mulheres). Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/sexismo/>

exaustivos, normalmente mulheres negras, mulheres com pouco acesso à educação e de baixa renda. Se mostra necessário retomar distintas pautas no movimento feminista, como a de classe, raça e orientação sexual. Do mesmo modo em que Barros (2020) diz, é necessário compreender o porquê do feminismo hegemônico ter se apegado ao gênero, cor e origem, uma análise rápida pode ser o fato de que mesmo dentro do feminismo ainda exista resquícios da sociedade sexista e patriarcal, o levante de vozes femininas é considerado bastante recente, então o fato de haver fragmentos de ideais patriarcais dentro de suas linhas é compreensível, porém acabou por trazer consequências para o movimento.

O principal reflexo foi a da mulher branca, que majoritariamente é quem está à frente do movimento, basicamente o que elas acreditavam ser o mais correto e lógico era feito discurso de imposição para as demais mulheres dentro do feminismo seguissem, mesmo sendo de diferentes culturas e realidade, não existia um lugar para que mulheres negras/não brancas se sentirem incluídas e seguras o suficiente para dividir suas experiências e realidade, basicamente existia uma falsa sororidade me meio a todo o movimento. Um ponto bastante pertinente a se ressaltar é sobre o fato do feminismo ter se tornado hegemônico, quando a causa abrangia muita diversidade desde o seu nascimento, essa hegemonia estipulou uma identidade específica e irreal, o que acabou por barrar uma diversidade em discussões sobre políticas para mulheres:

A principal delas foi que mulheres brancas assumiram a linha de frente do movimento. Eram elas as donas, embora convocassem todas as outras para aderir. Não havia captação, por exemplo, do pensamento das mulheres negras/não brancas, o que, para Hooks, simbolizava uma sororidade não genuína. “Sabíamos que não poderia haver verdadeira sororidade entre mulheres brancas e mulheres não brancas se as brancas não fossem capazes de abrir mão da supremacia branca, se o movimento feminista não fosse fundamentalmente antirracista”. (HOOKS, 2019, p. 92).

A autora Judith Butler (2019) ilustra como o termo “mulheres” tem se tornado um problema político, por ter se tornado uma identidade comum, para ela o gênero na grande maioria das vezes não se configura de maneira coesa pela diversidade de contextos históricos e culturais. O gênero em si vem por abranger convergências raciais, econômicas, étnicas, sexuais e territoriais de identidades discursivamente constituídas. Djamila Ribeiro (2019) traz bastante em sua exposição como o feminismo hegemônico acaba por silenciar muitas vozes, a voz da mulher negra por exemplo é uma das vozes silenciadas pelo lado hegemônico do movimento feministas, o que faz também que mulheres e homens negros deixem de se beneficiar de diversas políticas de grande importância, fazendo com que se distanciem de

cargos protagonistas que serviria para criara politicas baseadas em suas ideologias e vivencias.

A generalização do feminismo hegemônico ao invés de abraçar diversas causas e realidade, acaba por banalizar e excluir os demais feminismos. Ribeiro dá bastante destaque sobre as mulheres negras nos movimentos feministas, sobre como elas acabam ocupando um lugar “escondido” dentro do movimento, vistas como forasteira, e podemos usar essa exemplificação para citar a mulher asiática, ou seja, mulheres negras e não brancas:

Djamila Ribeiro sustenta a necessidade de reconhecer que as mulheres partem de lugares diferentes, justamente por experienciaram o gênero de modos distintos. Não há como igualar as pautas de discussões e lutas. É preciso nomear essa realidade, trazê-la à tona para que melhorias possam ser experimentadas. Do contrário, legitima-se um discurso excludente, que inviabiliza e invisibiliza outras formas de ser no mundo. (BARROS, 2020, p107).

A generalização de “mulheres” de maneira global é bastante errônea. Mesmo sem percebermos nós mulheres acabamos por julgar lutas femininas pelo mundo, apenas pelo fato de suas ideologias e batalhas serem divergentes das nossas. É de extrema importância levar em consideração todos os aspectos vividos por mulheres de diferentes localidades geográficas. Um exemplo desse julgamento envolve a religião e ideologias bastantes opostas do feminismo hegemônico, o uso do hijab⁵ por mulheres muçulmanas⁶ é um desses exemplos, o uso desse véu é visto como fundamental em sua cultura representando dignidade e modéstia, além de outras características culturais e religiosas. Por muitas vezes o ocidente condena e explora narrativas deturpadas⁷ da realidade vivida por essas mulheres. Até mesmo o movimento feminista hegemônico de maneira desinformada acabam atacando essas mulheres por falta de informação e entendimento cultural, nem tudo que nos é entendido como opressão se encaixa em distintas linhas culturais. O hijab/véu utilizado por estas mulheres representa também uma maneira de manifestar dentro feminismo, mesmo sendo entendido como

⁵O hijab é o véu que cobre os cabelos e o corpo das mulheres muçulmanas. É um dos símbolos mais populares do islã. Mulheres muçulmanas usando hijab. As mulheres muçulmanas usam o véu, o hijab, como símbolo cultural, religioso e de identidade. disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/por-qual-motivo-as-mulheres-muculmanas-usam-veu-hijab.htm#:~:text=O%20hijab%20%C3%A9%20o%20v%C3%A9u,cultural%2C%20religioso%20e%20de%20identidade.>

⁶As Mulheres seguidoras da crença Islâmica se sentem livres, pela fé. No entanto parte-se do pressuposto que As Mulheres na Religião Islâmica vivem sua vida religiosa e seus costumes fiéis à doutrina do Alcorão. Por isso, o uso do véu é visto pelas mulheres como forma de liberdade e de elegância. As Mulheres podem ser felizes, apesar de o mundo Ocidental vê-las como oprimidas e submissas pela forma em que elas se vestem. (FERNANDES, 2019).

⁷O preceito de cobrir o corpo não é um dever só das mulheres, mas sim dos homens também. Por isso, posso afirmar com toda certeza que as mulheres muçulmanas não são oprimidas por simplesmente usarem véu. Na maioria dos casos, o véu é uma identidade. Existem alguns lugares em que as mulheres são obrigadas a usar véu. Isso não parte do islam, mas, sim, dos homens e vai em contramão de todo princípio islâmico. disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/a-mulher-muculmana-e-oprimida/>

obrigatório o seu uso, as mulheres muçulmanas não enxergam desse modo, é algo já enraizado dentro da cultura dessas mulheres, é de escolha de mulheres livres e representa suas crenças dentro da fé islâmica:

Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam os corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, sejam explicitadas. (AKOTIRENE, 2019, p. 43-44).

De acordo com Butler essa forma de teorização feminista também foi criticada por seus empenhos para colonizar e apropriar-se de culturas não ocidentais, por meio das quais reforça abertamente as noções ocidentais de opressão. Apesar de a existência de um patriarcado universal já não ter muita credibilidade, ir além da ideia de uma concepção de “mulher” geralmente compartilhada, ela mesma um corolário da própria perspectiva do patriarcado universal, tem sido uma tarefa difícil. Barros (2020) acrescenta uma outra argumentação bastante associada ao feminismo hegemônico, é sobre a noção de que os corpos das mulheres são particularmente vulneráveis. Essa vulnerabilidade exigiria, portanto, políticas nacionais específicas destinadas a superá-la ou, pelo menos, reduzi-la.

Em seu livro sobre problemas de gênero, Judith Butler fazia um debate crítico sobre as maneiras peculiares de dominação e opressão de gênero no mundo, pois as características do patriarcado se moldam muito pelo contexto territorial e cultural, ou seja, até mesmo as ideologias do patriarcado se divergem dependendo da sua localidade. Deste modo é contraditório afirmar que exista apenas um tipo de feminismo em todos os lugares do mundo, da mesma maneira que existem diferentes formas do patriarcado destacar sua soberania, existem diferentes movimentos feministas e também diferentes kuras, tudo depende do contexto histórico, cultural, social e até mesmo religioso. Um exemplo é o feminismo dentro de países orientais, as opressões sofridas por mulheres orientais se diferem da realidade de mulheres do ocidente, se classifica quase por uma nova vertente de feminismo, pela diferença na maneira em que mulheres sofrem a opressão patriarcal.

Se existe essa variedade de atos opressores, é pertinente o reconhecimento da heterogeneidade das demandas feministas. Butler diz ser inviável uma separação de gênero de outros contextos, como o contexto cultural, social, raça e classes, a autora (BUTLER, 2003, p.20) diz sobre o gênero não configurar de forma consciente nas conjunturas históricas, mas está entrelaçado com as interações vividas em cada região e período histórico, “se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é”. Deste modo é de extrema

importância levar como um fator principal, como já citado anteriormente, a posição econômica, étnica e racial, que vem por ter obrigação uma linha em comum com a política e cultura da localidade.

Sobre feminismo asiático, especificamente o feminismo chinês, é pertinente identificar três pontos extremamente relevantes ao interpretar o feminismo em um país asiático:

O primeiro deles é que o feminismo chinês não pode ser entendido simplesmente da mesma maneira que as teorias e as práticas feministas ocidentais, por mais que estas tenham sido chave para inserção do feminismo na sociedade chinesa. O segundo ponto a ser esclarecido e evidenciado é que não se deve considerar o feminismo na China como um único feminismo que engloba todo o território cultural da região, é preciso pensar em feminismos que existem em condições políticas diversas (CHEN, 2011). Por último, o foco se voltará à China Continental para compreender sob que circunstâncias o feminismo se desenvolveu nesta região. Existem dimensões variadas do feminismo chinês que estão para além do contexto comunista e da República Popular da China (RPC). (GONÇALVES, 2022, p 120).

No que se refere às teorias ocidentais e suas práticas, a autora Chen (2011) elucida o quanto as mulheres chinesas tiveram poucas oportunidades de lerem e darem uma resposta para escritas feministas do Ocidente, com isso a autora procura enaltecer e reconhecer as demandas de mulheres amarelas (mulheres asiáticas). O problema de gênero dentro da China também é considerado um atraso dentro do país asiático. Chen (2011) fala sobre não ser a primeira autora de pautas feministas a se sentir não representada em muitas das obras que inspiraram os movimentos feministas, sempre por conta da hegemonia imposta de maneira dissimulada, acabam muitas vezes por não incluir distintas óticas feministas.

A autora sente um anseio pelo reconhecimento de uma diversidade maior de realidades femininas, tanto em obras literárias quanto em outros espaços. Por exemplo, as feministas negras sentiram que o feminismo *mainstream* não as incluía, fazendo com que por iniciativa própria criassem o feminismo negro, que certa maneira se divide do feminismo não por acharem que são causas opostas, mas sim por não terem sido incluídas de maneira significativa no movimento feminista global. Porém, assim como Gonçalves (2022) diz, vale ressaltar que embora muitas mulheres chinesas compartilhem alguns dos problemas com as mulheres negras do "Terceiro Mundo", seria errado equiparar sua situação às mulheres dos países em desenvolvimento, que são em sua maioria pobres e muitas vezes carecem de oportunidades de educação ou carreira, como argumenta Chen. Na China, a situação é completamente diferente, porque muitas áreas se desenvolveram.

As mulheres não são menos competentes ou mais fracas do que os homens quando se trata de educação e oportunidades de trabalho. Assim, é preciso romper com a ideia

hegemônica do Ocidente e tentar entender o ativismo feminista a partir da perspectiva dessas mulheres, pois, como já dito, as questões de gênero variam de acordo com o contexto social, econômico e histórico. Gonçalves (2022) traz o exemplo do livro “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir, que destaca apenas causas das mulheres brancas e europeias do período em que vivia, e não incluía meninas asiáticas que eram abandonadas, abusadas e vendidas como mercadoria. Da maneira como Chen (2011), destaca, essas mulheres chegavam a ser consideradas nem sequer um segundo sexo, mas como seres humanos secundários, ou até mesmo como animais. Gonçalves (2022) comenta que ao discutir questões de gênero e feminismo na China, deve-se considerar a existência de várias regiões na China que não podem ser reduzidas a uma única entidade que constitui a República Popular da China (RPC), deve-se levar em consideração a enorme complexidade cultural da região, a se levar em consideração:

Portanto, não há um único feminismo contido em uma unicidade cultural, mas sim diversidades de contextos vividos em todo país, como elucida Chen. Para ela, quando se fala de feminismo chinês é necessário olhar as outras regiões que também compõem a história chinesa, como Hong Kong, Taiwan, Macau, Tibete, pois os problemas de gênero nesses locais também foram e são relevantes, além de que as mulheres da RPC não são as mesmas que de Hong Kong ou Taiwan, por exemplo (CHEN, 2011). Apenas assim será possível mensurar a complexidade do pensamento feminista chinês com tantas dimensões. (GONÇALVES, 2022, p 121).

Com base nas reflexões apresentadas nos parágrafos anteriores, a questão é entender como nasceu o movimento feminista na República Popular da China e como se deu a relação desse movimento com o contexto cultural, social e político ao longo de sua história. A princípio, pode-se dizer que o movimento feminista na RPC tem origem antes da era comunista, a partir do final da Dinastia Qing (1644-1912), diversos cidadãos chineses foram enviadas para o exterior a fins educacionais, para retornar com o necessário conhecimento para uma modernização do país. Como resultado, muitas ideias e pensamentos feministas começaram a nascer em diversas regiões chinesas. Mesmo que as ideias e o ativismo viessem em grande parte trazidos do Ocidente, as teorias feministas vieram com suas próprias variações de pensamento, Chen (2011) que baseava em sua própria assimilação e realidade, com revisões e reformulações de ideias feministas originalmente ocidentais.

Sendo assim, mesmo com a influência ocidental, essas ideias foram formadas no período sociocultural chinês, ação recorrente durante o final da Dinastia Qing e a Era Republicana (1912-1949). Durante este período, ao contrário da luta das mulheres contra o patriarcado ocidental, os revolucionários na China abraçaram e difundiram o feminismo como uma ferramenta para transformar o país:

Houve uma forte associação entre as feministas e os homens reformadores que tinham como propósito, não a queda do patriarcado, nem a luta contra a discriminação de gênero, mas sim a modernização e fortalecimento da China (CHEN, 2011: 32-33). Paralelo a isso, vale mencionar que o movimento de 4 de maio de 1919 foi um movimento anti-imperialista, cultural e político que também levantou uma bandeira feminista. (GONÇALVES, 2022, p 121).

A resposta ambivalente da China ao feminismo pode ser melhor compreendida se usarmos as categorias de Nancy Fraser (2006) para analisar os movimentos de justiça contemporâneos, que são dominados por dois tipos de reivindicações que representam dois aspectos da justiça. Embora sejam requisitos diferentes, ambos são justificados em um único princípio. O mesmo princípio de justiça e cada injustiça evolui ao mesmo tempo devido à má distribuição e falta de reconhecimento. Porém como Cyfer (2017) ressalta uma injustiça difere da outra, em sua abordagem predominante. Os grupos de gênero são justamente aqueles que possuem o caráter mais bidimensional ou bivalente, ou seja, problemas sob duas perspectivas do direito:

O exemplo das lutas e repressões ao feminismo chinês mostra claramente como, apesar de elas terem conseguido importantes avanços na redistribuição, isto é, na possibilidade de terem uma carreira e estudarem, o reconhecimento, por outro lado, lhes é constantemente negado, como demonstram os reiterados assédios sexuais, os rótulos e estereótipos em que as mulheres são estigmatizadas pelos próprios termos linguísticos que as definem etc. Vale ressaltar que o reconhecimento sofre barreiras ainda mais fortes porque o Estado chinês não abre espaço para um diálogo saudável com essas mulheres que lutam pelo rompimento das estruturas sociais patriarcais. (GONÇALVES, 2022, p. 121).

Tentar explicar o feminismo chinês apenas por meio de teorias e práticas ocidentais, sem olhar para as vivências e experiências das mulheres chinesas, pode não ser o bastante. As práticas nem sempre se enquadram na mesma análise. O feminismo de mulheres chinesas tem características próprias. Apesar da influência ocidental, muitas feministas chinesas e teóricas de gênero moldaram e moldam ideias feministas para suas próprias realidades culturais e sociais (GONÇALVES, 2022). Nesse sentido, pode ser necessário superar a hegemonia dos conceitos e categorias analíticas ocidentais e tentar entender e analisar o que é o feminismo a partir de uma compreensão dessas mulheres chinesas.

A China passou por diversos períodos relacionados às questões relacionadas a gênero, desde o tratamento da mulher como objeto de satisfação masculina, passando pela manutenção da tradição de enfaixar os pés na infância para garantir um bom casamento, até os acontecimentos políticos. Na realidade, muitas mulheres permanecem sem o direito dos processos de tomada de decisão. Pode-se imaginar que as decisões sobre suas vidas ainda sejam tomadas pelos homens. Entretanto, pode-se dizer que ao longo das décadas, o

feminismo deixou de servir apenas ao status da modernização da China e aos interesses das classes superiores, e aos poucos passou a denunciar esses valores hegemônicos, a violência contra a mulher na China e a desigualdade, continua e está escondida em várias vertentes da sociedade chinesa.

As mulheres chinesas da atualidade ainda se deparam com barreiras que suas antepassadas passaram, de maneira menos drástica, mas ainda é um ponto a ser analisado. Mesmo que o patriarcado tenha perdido sua intensidade com as revoluções feministas durante os anos, ainda existem fortes pressões culturais e tradições que as famílias tradicionais chinesas seguem até hoje, para muitos chineses essas raízes já fazem a tanto tempo parte de seu cotidiano, porém na concepção de um olhar externo é vista como bastante retrógrado.

Diante o mundo ocidental ainda existe uma imagem estereotipada da mulher asiática, muitas delas têm ligações com submissão da imagem mulher na antiguidade asiática, essas ideias distorcidas muito vem do próprio ocidente tentando, por assim dizer rebaixando e julgando a imagem de outras culturas, principalmente as que vem do oriente. A falta de um interesse pelo saber acaba por diminuir a imagem das mulheres orientais diante a comunidade internacional. O gênero feminino, com suas ações integracionistas nas revoluções, mudanças de regimes, movimentos sociais e suas iniciativas em áreas em que mulheres normalmente eram excluídas, fez o grande diferencial das mulheres na literatura, nas artes marciais, no jornalismo, em âmbitos que eram preenchidos majoritariamente por homens, resultando numa imposição das mulheres diante ao tradicional e da sociedade machista e opressora.

Os movimentos feministas na China lutam contra os preconceitos impostos pela sociedade, lutas contra o sexismo e opressões e a busca pela liberdade. Sendo assim, fica mais claro que as mulheres chinesas tem e desempenham um importante lugar de fala para o mundo e para sua nação, ainda há muitas conquistas pelas quais se lutar, a China ainda vive num sistema onde o patriarcado é bastante presente, mas gradativamente mais mulheres irão ganhar a emancipação para decidir sobre o próprio futuro.

2.2. O surgimento e as características do feminismo chinês.

Para entender as questões de gênero e feminismo das mulheres chinesas é importante trazer o contexto histórico da problemática. A civilização chinesa é uma das mais antigas do mundo, trazendo consigo uma das histórias mais complexas de origem e formação. O caráter mitológico chinês em que a sociedade foi inserida desde seus primórdios, com lendas e mitos

de seus antepassados orientais, pode explicar a maneira em que administravam a vida no passado. Essa mitologia e lendas trouxeram imagens de Deuses, as mulheres eram semelhantes a deusas antigas na quais acreditavam. “Estes arquétipos femininos eram associados às figuras das deusas, mas que depois foram adaptadas para figuras masculinas, pois a filosofia chinesa via a força feminina como sendo passiva” (FAUR, 2012, p.1). Uma de suas Deusas era Nu Kua⁸, que, de acordo com a lenda, teria criado mundo e a humanidade. Este mito se prolongou por longos anos.

Segundo Numbers (2009) os mitos são muitas vezes utilizados para uma sustentação que as pessoas usam para a religião, como resposta ao porquê de todas as coisas. Se tornando uma maneira de simplificar coisas abstratas como a vida e o início dela, ele ainda comenta que “Um dos maiores desafios, eu creio, para retificar a compreensão do público acerca da ciência e da religião atualmente é esclarecer os mitos que ainda persistem desde o passado” (NUMBERS, 2009, p. 250). Desta maneira entende-se que os mitos podem estabelecer uma ordem e doutrinação para cada tipo de sociedade, na qual teve o papel de estabilizar comportamentos sob ordem da crença seguida. No início de toda a civilização da China existia uma igualdade de gênero, existia um respeito entre as partes, homens e mulheres se respeitavam como iguais:

Na mitologia chinesa, Nu Kua não é apenas a deusa geradora da vida, a mãe da terra, mas também uma heroína que consertou o céu e formou as pessoas a partir da lama. Segundo o livro Huainanzi, Nu Kua usou uma pedra de cinco cores para consertar o céu depois de Gong Gong danificar um dos pilares que o sustentava. Isto demonstra o respeito das pessoas pelas grandes mulheres que ousam desafiar a natureza (Liu & Chen, 2016) e conduziu a uma sociedade de clãs dominada por mulheres. (XINRAN, 2019, p. 7)

No seguimento da sociedade chinesa, nascia a ideia de clã, o povo não tinha o conhecimento da ideia de pai, a mulher reproduzindo já era o suficiente para manter o clã, sendo a reprodução como algo sagrado. A época se encontrava em uma estação matriarcal, as divisões de afazeres desse período eram separadas pelas características físicas das pessoas, como força e resistência e não pelo sexo. Existiam as diferenças que o gênero traz consigo, mas não era um estado imposto; os homens ficavam majoritariamente com atividades de caça, e as mulheres com afazeres têxteis, como agricultura e costura, os estatutos dos homens e das mulheres eram bastante semelhantes.

Os homens ficavam em atividades na área da agropecuária usando de sua genética e gênero mais “resistente” a trabalhos braçais, assim aos poucos tomaram um posicionamento

⁸ **Nu Kua**, Nu Gua ou Nüwa, é a deusa da mitologia chinesa. Na sua crença ela criou a humanidade, é um ser metade mulher, metade serpente, extremamente poderosa. A civilização chinesa a associa à chuva, poças d'água, lagoas, lagos e outros lugares onde as águas se encontram.

de líder quando se tratava do setor agropecuário da época. Até mesmo neste período em que as mulheres eram respeitadas por viver uma sociedade ainda matriarcal, as separações e diferenciação por gênero já existiam e eram imposta mesmo que discretamente:

Já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas. Essa produção do sexo como pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que designamos como gênero. (...) Em algumas explicações, a ideia de que gênero é construído sugere certo determinismo de significados do gênero, inscrito em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Neste caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2003, p. 25 – 26).

Algumas das atividades que exigiam mais força física ficava sob responsabilidade do homem, o que fez com que sua posição tivesse mais destaque, já as mulheres ficavam com tarefas que exigiam mais habilidades não necessariamente força física, o que fazia com que a imagem do homem se destacasse perante a comunidade, com o homem tendo a sua figura de importância ganhando destaque da civilização da época o sistema matriarcal foi perdendo sua força, sendo então substituída de sistema patriarcal:

Também o sistema de poliandria da sociedade matriarcal foi substituído pela monogamia. A organização da linhagem passou a ser contada em linha paterna, o trabalho das mulheres passou a estar limitado à família, o estatuto econômico dos homens foi aumentando, enquanto as mulheres recuaram para um estatuto subordinado na economia familiar.(XINRAN, 2019, p.9).

Com o sistema patriarcal instaurado na sociedade chinesa, a mulher perde muito do seu espaço e liberdade sobre si própria, começam as restrições de ideologias e até mesmo sobre o próprio corpo. Da mesma maneira que as mulheres chinesas iam perdendo sua autonomia, o homem ia ganhando mais destaque e se tornando superior à imagem da mulher. De acordo com o confucionismo essas mudanças tinham uma natureza pertinente, pois em sua teoria mulheres eram oprimidas e discriminadas por seu gênero ser inferior. Para autoridades da época como os reis, as mulheres não poderiam assumir cargos como de ministros por abdicarem de talento para assumir essa função, pois até segundo Confúcio mulheres não tinham aptidão ou capacidade de preencher este espaço:

Mulheres são essenciais e centrais na criação da sociedade; elas são e sempre foram atores e agentes na história. Mulheres “fizeram história”, mesmo assim elas foram impedidas de conhecer a História e de interpretá-la, tanto a sua própria quanto a dos homens. As mulheres foram sistematicamente excluídas do empreendimento da criação de sistemas de símbolos, filosofias, ciência e direito. As mulheres não apenas foram privadas educacionalmente durante o tempo histórico em todas as sociedades conhecidas, elas foram excluídas da formação de teorias. Eu chamei de

“a dialética da história das mulheres” essa tensão entre a experiência histórica real das mulheres e a sua exclusão na interpretação desta experiência. Essa dialética tem movido as mulheres adiante no processo histórico. (LERNER, 1990 apud DANTAS, 2019).

Com o passar do tempo as mulheres eram cada vez mais rebaixadas em todos os setores de sua própria vida, com a chegada do tempo dos Estados Combatentes⁹, o representante Han Fei (filósofo chinês), mostrou três guias cardeais: “o governante guia os ministros, o pai guia os filhos e o marido guia a esposa (Dong & Ye, 2010 apud XINRAN, 2019)”. O marido/líder da família passou a ser dono de sua esposa podendo governá-la como um bem ou serva, ela deveria ser benevolente ao seu esposo. O estudioso chinês no período da dinastia Han, Dong Zhongshu, e combinou a teoria com a filosofia Yin e Yang, afirmando que “o yang é o princípio do homem e o yin é o princípio da mulher” e que a esposa não pode ser independente do marido. (XINRAN, 2019, p.10)”.

As falas sobre as mulheres chinesas da antiguidade é basicamente uma explanação da imagem feminina como um ser sem dons, talentos ou capacidades, não levavam em consideração o ambiente restritos na qual faziam parte como o ambiente familiar no qual as mulheres eram oprimidas, porém no decorrer da vasta história chinesa, mulheres que se destacavam eram bastante raras por nasceram em famílias de classe média. Sendo assim não tinham como adquirirem uma educação superior e nem saberes culturais bastante valorizados na época como: música, escrita e poesia:

Sabe-se que movimento feminista trouxe olhares (de homens e mulheres) e críticas às atitudes, pensamentos e ações com relação às mulheres. Sob essa dicção feminista deve-se considerar que as mulheres têm história e estão na história como sujeitos sociais atuantes, cujos alteres, frequentemente expressos na figura do homem burguês ou proletário, marido, pai, patrão, etc., deve inspirar relações de negociação, troca, e, porque não, de resistência. (DANTAS, 2019, p.39).

O desprezo relacionado às mulheres no passado, se dá por alguns prismas da sociedade, sendo eles, os tópicos: culturais, econômicos, sexuais, domésticos, políticos e morais. De acordo com a tradição, crenças e mitos patriarcais chineses, têm a defesa do ponto que o homem tem uma superioridade diante das mulheres, esperando da figura feminina uma postura virtuosa e obediente digna de esposa e dona do lar, uma eficiente mãe, seguindo o confucionismo e a tradição do mesmo.

A história de opressão feminina é comum em diversos aspectos sociais, no âmbito econômico, físico/sexual, obrigações domésticas, culturais, na política e na educação, ou seja,

⁹ Nomenclatura empregada aos três séculos de disputas militares entre as sete dinastias (Qin, Qi, Zhao, Han, Wei, Chu e Yan) pela supremacia, domínio e influência da China.

em praticamente em todas as áreas de uma sociedade existe uma forma de oprimir a mulher. A mulher revolucionária chinesa começou a mostrar sua face durante o regime comunista chinês, quando auxiliou as mulheres a irem atrás de uma libertação/emancipação do sistema patriarcal, da família com tradições que não favoreciam as mulheres, que acabavam tendo como único sentido de vida servir alguém.

As mulheres chinesas viviam essa realidade imposta pela civilização patriarcal sem o direito de escolha, a liberdade de ir e vir, nem autonomia sobre o próprio corpo e aparência. Essas mulheres puderam se ver livres de um sistema em que o patriarcado era constante sem lhes dar nenhum espaço de relevância na sociedade. O fato delas serem inseridas no Exército Vermelho¹⁰, e ocupando "funções masculinas", eliminava as questões de lugares aos quais cada gênero deveria pertencer. Uma das problemáticas trazidas com esse acontecimento era a ausência da feminilidade nas mulheres, o papel que as mulheres estavam exercendo no exército as ligava a uma imagem masculinizada, o que fazia trazer uma "perda" de sua essência feminina.

No início do século XX, o feminismo ocidental chegava à China, ali nascia um movimento feminista em busca da liberdade para as mulheres chinesas. A China vinha se mostrando importante no âmbito internacional, principalmente com suas políticas e economia. Com esse destaque da civilização chinesa, a atenção dos ocidentais focou no fenômeno comum às mulheres chinesas da época, o chamado pé-de-lótus¹¹.

Os ocidentais levavam suas crenças cristãs para o povo chinês, e os faziam refletir sobre essa prática imposta às mulheres. Eles levavam os ensinamentos do cristianismo e apresentavam o Deus cristão para o povo oriental. Com isso vinha o debate sobre como o pé-de-lótus era algo ruim e considerado automutilação, sendo assim um pecado, ainda que essa modificação ia contra Deus, que havia feito o homem e a mulher, a sua imagem e semelhança, levantando a pauta de que essa prática era um pecado e desagradava o criador. A partir deste momento surgiram protestos e campanhas contra a prática do pé-de-lótus, ação

¹⁰ O Exército Vermelho dos Operários e Camponeses da China ou Exército Revolucionário dos Operários e Camponeses da China, rebatizado em 1936 como Exército Vermelho do Povo Chinês. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ex%C3%A9rcito_Vermelho_Chin%C3%AAs>. Acesso em: 23 jan de 2023

¹¹ Os pés de lótus foi a tradição da China antiga, que consistia em enfaixar com faixas bem firmes, os pés das meninas ainda na infância, com intuito de modelar o formato e tamanho dos pés, quanto menores fossem os pés das mulheres, mais bonitas elas eram consideradas sendo assim o padrão de beleza feminina da época.

que fez de maneira involuntária uma propaganda que promovia uma igualdade entre os dois gêneros.

Em 1870 os jornais começaram a publicar matérias de cunho religioso, levando a ideia anti pé-de-lótus, como justificativa ao sofrimento que as mulheres chinesas passavam com essa tradição. A população chinesa daquele período não tinha conhecimento de outras crenças, como o cristianismo, sendo assim o conceito de Deus não era tão utilizado:

“Devido às limitações religiosas e à falta de familiaridade do povo chinês em relação ao cristianismo, desde 1880 que alguns autores substituíram o conceito de "Deus" por “lei natural”; usando-o como uma base para a igualdade física entre homens e mulheres. Isso fez com que os chineses pensassem que os pés-de-lótus eram uma violação da ordem natural (XINRAN, 2019, p. 38)”.

Autores do ocidente levavam a ideia de lei natural que significava que, como os homens não eram adeptos dessa prática de automutilação. Desta maneira, mulheres também não deveriam segui-las, pois diante de Deus o ser feminino e masculino deveria ser como iguais fisicamente, seguindo a semelhança de Deus (XINRAN, 2019). Mesmo com êxito e o movimento anti-pé-de-lótus ser implementado na sociedade chinesa, mulheres que tivessem os pés deformados eram agora menosprezadas pela sociedade, por não se encaixarem no novo padrão imposto. Sendo assim, mesmo que os protestos tenham tido o resultado esperado, as mulheres chinesas continuaram sofrendo de maneira ou outra, pois naquele período o casamento era o único destino que a mulher poderia e tinha o direito de seguir, tirar isso delas era como apagar as perspectivas de uma vida próspera. Para a comunidade estrangeira a civilização chinesa estava bastante atrasada por seguir tradições como esta por tanto tempo, sua crítica “ajudou” de certa maneira a pararem com o seguimento desta prática e trouxe discursos sobre moralidade no futuro. A divulgação de oposição ao pé-de-lótus traria no futuro mais campanhas em favor da figura feminina.

Após a obtenção de direitos sobre os seus corpos, algumas das liberdades e conquistas dos direitos feministas eram em relação às ideias de educação para as mulheres. Conquistas essas de extrema importância, da mesma maneira que os direitos sobre sua integridade física. Os direitos intelectuais femininos e as semelhança física entre homens e mulheres foi o estopim para que os termos “direitos feminino” e “direitos iguais” fossem utilizados; “Pode-se dizer que as campanhas anti-pés-de-lótus promoveram a germinação do feminismo chinês E plantaram as bases do rápido reconhecimento dos direitos das mulheres (XINRAN, 2019, p. 41)”:

Ademais, na prática, muitas mulheres continuam à margem das tomadas de decisões. É possível conceber que as decisões sobre a vida delas ainda estão perpetradas pela

dominação masculina. No entanto, é possível afirmar que o feminismo, ao longo das décadas, deixou de servir apenas como status de modernização chinesa e aos interesses da classe dominante e começou, aos poucos, a denunciar esses valores hegemônicos, a violência contra a mulher e as desigualdades que ainda são latentes na sociedade chinesa. (GONÇALVES, 2021, p. 124).

O feminismo introduzido nesse período teve maior influência principalmente nas mulheres de uma classe superior, as mulheres chinesas da burguesia. No século XVIII, em 1898 foi fundado o primeiro jornal por uma mulher na história chinesa, Qiu Yang¹², quem tinha um ótimo conhecimento da educação chinesa e era fluente em línguas estrangeiras, em suas publicações ela defendia a educação para mulheres, liberdade de expressão e participação de mulheres em assuntos políticos. No início do século XIX, pautas semelhantes eram expostas no jornal como: a igualdade de gênero; liberdade da mulher em relação ao casamento; aumento na educação para mulheres; defesa do sufrágio feminino, etc. O fato de as mulheres estarem assinando artigos com pautas sobre o direito para as mulheres já eram grandes conquistas na liberdade de expressão:

A história de mais de dois mil anos dos direitos chineses é uma história onde falta a literatura e a consciência feminina. Por causa das grandes mudanças ocorridas na sociedade chinesa no início do século XX, o feminismo emergiu gradualmente na China com o Movimento Quatro de Maio. Nesse contexto, a literatura feminina também floresceu, sendo o anti-imperialismo e o anti-feudalismo temas recorrentes nesse período. Defender a igualdade e a libertação do feudalismo foram temas predominantes na voz das mulheres avançadas da época. Elas não só desafiaram a sociedade patriarcal, mas também contribuíram com as suas vozes para a cultura dominante (XINRAN, 2019, p. 50).

A quantidade de mulheres na China era grande, e é inegável a contribuição feminina na construção e desenvolvimento chinês, elevando o país a uma superpotência no futuro. A ideologia maoista em alguns momentos fazia a figura feminina se destacar como uma peça importante na revolução, igualando suas movimentações a dos homens, seja em qual setor estivesse, tanto como no campo da revolução como soldado ou trabalhador. As mulheres chinesas tiveram que suportar, por muitos anos, uma opressão muito intensa vinda do sistema patriarcal e carregar um fardo, abusos e exploração pelo simples fato de ter nascido mulher.

O fator cultural é algo que possui grande influência em diversas sociedades, na sociedade asiática é algo bastante importante, sendo que grande parte da população é constituída por pessoas idosas com pensamentos mais antigos levando muito a sério tradições

¹² Representante feminina da revolução democrática. (XINRAN, 2019).

passadas pelos seus ancestrais. A sociedade constituída majoritariamente de idosos explica as crenças antigas tão enraizadas, e por conta da população jovem não terem interesse em terem filhos, mesmo com a lei do filho único, que tem mudado com o passar dos anos, porém ainda assim as pessoas acabam não querendo muitos filhos de qualquer maneira, acaba por atrasar uma modernização em seus pensamentos.

Ainda hoje na China existe um pensamento bastante preconceituoso e retrógrado da maioria das pessoas sobre o casamento e constituição familiar, pensamentos que acabam novamente caindo sobre a figura feminina. A sociedade chinesa tem um julgamento bastante intenso com mulher com idade próximas dos 30 anos que ainda não se casaram, na China eles ainda mantêm a tradição do casamento na juventude, o ideal seria o casamento no início de seus 20 a 25 anos, existe uma grande pressão familiar para que suas filhas mulheres se casem antes de seus trigésimo aniversário, caso não se casem passam a ser consideradas vergonha dentro de sua constituição familiar e sociedade chinesa.

Muitas das mulheres apenas se casam para cumprir com a tradição, deixando de lado outros objetivos, como suas carreiras e anseios pessoais. Na China existe inclusive uma espécie de feira de casamento¹³ bastante tradicional onde os pais fazem cartazes e panfletos com características de seus filhos e requisitos atrás de um genro ou nora, a maior parte dos informativos são em busca de gêneros para suas filhas, já que a pressão do casamento não é tão grande com os filhos homens.

Normalmente na maioria dos casamentos, não são todos os casos pois as novas gerações vêm mudando essa característica, mas ainda existe muito a situação que após o casamento a nora vai morar com a família de seu esposo, e a questão de ser submissa ao parceiro também é uma realidade até hoje, a explicação vem sempre como uma justificativa cultural e de tradições para que as mulheres ainda vivem dessa maneira.

Mesmo com tradições ultrapassadas ainda seguidas na atualidade da vida da mulher chinesa, é inegável os avanços que suas lutas e lugar na revolução trouxeram para a formação da sociedade chinesa, e cada vez mais mulheres vem se destacando em diversos âmbitos na sociedade. A luta feminista é gradual e cada sociedade tem o seu tempo de construção de padrões e tradições. Diversos fatores fizeram com que as mulheres conseguissem seu espaço e direitos, mesmo que ainda hoje algumas coisas pareçam retrógradas na nossa perspectiva

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PcytCKrKZxE>>. Acesso em: 24 jan de 2023

ocidental, a imposição não é uma delas, as mulheres têm o direito de ir e vir e suas próprias convicções:

Cada vez mais mulheres chinesas estão à frente de grandes empresas e constroem fortunas cobiçadas pela maioria dos homens. Elas são perspicazes e, desde sempre, foram uma força de trabalho muito mais efetiva que o homem chinês. Isso pode ser constatado em vários livros da história da China. Mulheres que não paravam de trabalhar mesmo depois de terem dado a luz a um bebê. Isso acontece ainda, principalmente na zona rural do país. Algumas leis já avançaram no sentido de garantir alguns direitos básicos à mulher como licença gestante, igualdade de direitos para estudo e trabalho etc. Só que ainda há muito resquício do passado cultural da China em relação às mulheres. O que vejo hoje são os pais de meninas investindo mais na sua formação global, para que elas possam superar as barreiras culturais. E isso de fato, surtiu o efeito desejado: as maiores fortunas chinesas estão nas mãos de mulheres. Mas isso ainda é muito pouco e acredito que as novas gerações estão mudando a forma de encarar a situação da mulher na China. (MAROTE, 2014).

A importância da mulher na construção da sociedade chinesa ainda hoje é considerado um marco e estopim do feminismo chinês. O gênero feminino desempenhava e ocupava uma posição para o progresso constante de seu país. O regime maoísta considerava as mulheres intimidadoras, e o governo as via como seres capazes de exercer sua autonomia, que tinham direitos e liberdades assim como os homens, mesmo que, na prática, tal pensamento não era seguido, assim como na atualidade.

Em tese as maiores opressões feministas foram extintas no século passado, mas ainda hoje vemos como a mulher ainda é alvo de imposições de um sistema tradicional com rastros de um patriarcado inserido nas raízes da civilização tanto chinesa como em outros países asiáticos. Por um lado, existe quem seja contrário à afirmativa da força da mulher em meio a revoluções, na maioria dos casos são os homens. Esses homens acabam descredibilizando e diminuindo as lutas femininas, usando a argumentação das diferenças físicas entre homens e mulheres. E existem pesquisadoras e autoras assim como Xinran e Chen que pontuam o quanto necessário foi sua força e persistência das mulheres chinesas levando movimentos com pautas feministas de liberdade. De acordo com Dantas:

Se de um lado, tem-se o discurso de mulheres que discordam com a força da revolução cultural, de outro, a fala que corrobora com a capacidade da revolução de libertar as mulheres, comprova, nessa dissonância, que a Revolução Cultural ocorrida na China foi um processo social de elevada carga histórica e potência feminista inclusive propondo um feminismo que atinge todas as classes sociais diferente do feminismo burguês ocidental que ignora negras, e trabalhadoras de baixo calão social. (DANTAS, 2019, p. 62).

Este capítulo apresentou os contextos históricos do surgimento da teoria feminista chinesa no contexto do movimento feminista hegemônico (clássico) associado ao Norte Global, analisando o cenário de surgimento e desenvolvimento da teoria para receber sua

introdução, mencionando como e onde o pensamento feminista apareceu na China. No entanto, as lutas revolucionárias do movimento feminista chinês ainda serão explanadas nos capítulos a seguir.

3. AS MULHERES CHINESAS NAS LUTAS REVOLUCIONÁRIAS DA CHINA NO FINAL DO PERÍODO DINÁSTICO.

O fardo histórico da China reflete-se tanto em suas revoluções como no papel das mulheres na sociedade chinesa. Afinal, sua realidade vem de uma sociedade com mais de vinte mil anos, tendo isso, o período revolucionário pode ser visto apenas como uma das partes desta história. Assim como o feminismo hegemônico ajudou a moldar o feminismo chinês, a mão estrangeira teve grande influência nos conflitos na China, da mesma maneira que o Ocidente utilizou e utiliza do *Soft Power* para moldar e disseminar suas ideologias de maneiras que entrem em distintas sociedades sem a brutalidade dos conflitos, antes mesmo desse termo ser conhecido. O território ocidental também utiliza do seu *Hard Power*, para impor sua soberania e influência.

O nascimento dos movimentos feministas da China em seu período dinástico não surgiu em grande volume, as mulheres não protestavam com tanta intensidade sobre seus direitos, seu processo foi lento e gradual, isso se dá pelo fato de cada sociedade agir de uma respectiva maneira e de acordo com sua realidade. As motivações se assemelhavam, porém a ação era distinta, o processo do aflorar feminino na China foi distinto da primeira onda do feminismo, no final do século XVIII no ocidente como citado anteriormente. O feminismo como um movimento é orientado principalmente pela luta constante pelos direitos civis, políticos e sociais das mulheres, questionando a sua situação face à subordinação e à violência patriarcal.

Para garantir seus direitos foi necessário fortalecer a identidade em torno da categoria mulher, com o objetivo de posicionar as mulheres como sujeitos de direitos (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2013). Considera-se, portanto, que a primeira vaga do feminismo desempenhou um papel essencial na obtenção e concretização dos direitos fundamentais das mulheres, trazendo assim gradualmente durante os séculos outras questões para a discussão e ganhando importância e notoriedade internacional:

No território chinês povos estrangeiros vêm fazendo intervenções há séculos, “casado ao impacto provocado pelas intervenções e ocupações estrangeiras está o trauma da divisão interna, dos conflitos fratricidas que dividiram o país durante vários momentos de sua história contemporânea” (LYRIO, 2010, p. 214).

A China passou por diversas rebeliões e conflitos internos e invasões estrangeiras durante diferentes dinastias, desta maneira o capítulo irá introduzir a pré-decadência Qing e a participação das mulheres chinesas. No contexto do declínio do moral, primeiro da Dinastia Qing (1636-1912), que era impotente contra invasões estrangeiras, o poder central da China perdeu sua legitimidade aos olhos do povo chinês e entrou em colapso, iniciando uma série de lutas pelo poder, tumultos, rebeliões e guerras civis.

As rebeliões de Taiping e Nian, no final do século XIX, e a divisão dos "senhores da guerra" da China em feudos militares após a revolução de 1911, acabaram por entregar ao poder militar uma importância decisiva como fonte de poder político. A decadência e o colapso dos sistemas imperiais fizeram com que a legitimidade do poder já não parecesse depender de ordens divinas para abençoar dinastias aparentemente benignas e auto-satisfeitas, mas sim da força. (LYRIO, 2010)

O aumento da população e também do comércio exterior trouxe à China um maior contato com o mundo em geral. Esse maior contato com o estrangeiro acarretou rebeliões internas e nas fronteiras chinesas. No fim do século XVIII o governo Qing não conseguia controlar as catástrofes que a população do país vinha enfrentando, como secas, enchentes e a fome que grande parte da sociedade vinha passando, o aumento dos impostos apenas dificultava. Mesmo com diversas crises, agentes do governo conseguiram manter um certo controle, com estoques em celeiros, controlaram o aumento dos preços, a carência alimentar foi sanada graças a grãos trazidos de outras províncias regionais. Porém em 1800, depois de um aumento demográfico, o governo começou a entrar em colapso novamente.

A China passou por três fenômenos, que dominaram seu território no século XIX, sendo elas, invasões estrangeiras, rebeliões internas e o grande esforço da elite para controlar o caos e tentar uma preservação de sua dominância. A tabela a seguir apresenta tais eventos ocorridos na China;

Tabela 1. Eventos na China 1796-1901

Rebeliões internas	Invasão estrangeira	Resposta dos funcionários e da Elite
Lótus Branco (1796-1804)		
	Turquestão (1826-1835)	
	Guerra Anglo-Chinesa do	Militarização crescente sob a

	Ópio (1839-1842)	elite local
Taiping (1851-1864)		As rebeliões foram derrotadas
Nian (1853-1868)	Anglo-francesa (1856-1860)	
Muçulmano-chinesa SE (1855-1873) NE (1862-1873)		Restauração Qing (1861-1876)
		Autofortalecimento (1861-1894)
	Francesa (1883-1885)	
	Sino-japonesa (1894-1895)	Movimento da reforma (1895-1898)
	Invasão imperialista (1898)	
Revolta dos Boxers (1898-1901)	Guerra dos Boxers (1900)	Reformas Qing (1901-1911)

Fonte: (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008, p.181)

Com base na tabela acima é possível observar que a história da China tem sido marcada por repetidas turbulências políticas ao longo dos últimos dois séculos. Desde o início do século XIX, quando começou o declínio da dinastia Qing, a estrutura política da China tem sido fundamentalmente caracterizada por uma crise de legitimidade e ineficiência do poder central, incluindo a lenta falência do Império Manchu¹⁴ e do próprio Kuomintang¹⁵ Através de

¹⁴ Os manchus ou mandchus (Manchu: $\square\square\square\square$; Möllendorff: *manju*; Abkai: *manju*; chinês tradicional: 滿族, chinês simplificado: 满族, pinyin: *Mǎnzú*, Wade-Giles: *Man³-tsu²*) são uma minoria étnica da China que teve origem no que hoje é o nordeste da Manchúria. Eles também são chamados de "manchus de franjas vermelhas", uma referência aos ornamentos de seus tradicionais chapéus. São descendentes dos jurchéns, povo que estabeleceu a primeira Dinastia Jin (1115-1234). Em 1616 os manchus restabeleceram a dinastia Jin, depuseram a dinastia Ming (1368–1644) e fundaram a dinastia Qing (1644–1912). Disponível em: <<https://www.wikiwand.com/pt/Manchus>>. Acesso em: 24 ago de 2023

¹⁵ O Kuomintang (Partido Nacionalista do Povo) foi fundado na China em 25 de agosto de 1912, teve sua origem na "Liga Revolucionária Unida" (Tongmenghui) fundada em 20 de agosto de 1905, que por sua vez foi originada da "Sociedade para o Despertar da China" (Xingzhonghui) fundada em 24 de novembro de 1894. Sun Yatsen esteve à frente da fundação de todas estas organizações. Após a sua morte, assumiu a liderança do Kuomintang Chiang Kai-shek. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/k/kuomintang.htm>> Acesso em: 24 ago de 2023

revoluções como insurreições e rebelião Lótus Branco, Rebelião Taiping, Rebelião Nian, Revolta dos Boxer, Revolução Nacionalista, Revolução Comunista. Especialmente durante a era dos chamados “senhores da guerra” no ano de 1920, quando havia uma divisão de poder entre os estados e a ameaça de separatismo e pela elevada fragilidade externa demonstrada nas invasões da Inglaterra, França, Rússia, Alemanha e Japão.

Qualquer cronologia que se faça da China contemporânea entre a Rebelião do Lótus Branco, em 1796, e o fim da Revolução Cultural, em 1976, será uma coleção de fraturas civis e externas, e é difícil imaginar outro país que tenha sofrido tamanho terremoto de oscilações e transformações políticas num intervalo tão curto de tempo (LYRIO, 2010, p. 78).

Ainda, nas primeiras décadas após a Revolução de 1949, China foi abalada por graves agitações internas, avanços e retrocessos, que resultaram na Revolução Cultural e em novas divisões da China. A desordem social e também a desmoralização psicológica que o exterior causou ao território chinês, as invasões estrangeiras a longo prazo na China provocaram um desastre bastante significativo, as inovações trazidas do exterior como missões cristãs e também a educação do ocidente juntamente com investimento externo significavam uma continuação duradoura mesmo que acabassem desalinhando o bem-estar da China. A continuar, a fraqueza do governo Qing revelou certa incompetência inicial para impedir ou enfraquecer as rebeliões internas no final do Reinado de Qianlong (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008). Desta maneira, serão analisados os contratemplos das rebeliões internas e os conflitos no comércio externo.

3.1 As Rebeliões e a decadência do final do período dinástico.

No ano de 1796 até 1804 ocorreu a rebelião do Lótus Branco¹⁶, nas áreas rurais o poder masculino e os alimentos eram os principais pilares de sustentação para a guerra, utilizada muitas das vezes para tirar a dinastia do poder. A Sociedade Lótus Branco era uma seita religiosa do período mongol, e por um ato de defesa realizavam seus cultos em sigilo. A sociedade secreta mobilizou seus seguidores principalmente povoados mais pobres com promessas de que a dinastia Ming se reergueria, e que todo sofrimento, doenças e desastres

¹⁶A Seita do Lótus Branco ou Sociedade do Lótus Branco (em língua chinesa, 白蓮教. Em *pinyin*, *báilianjiào*.) foram diferentes escolas sincréticas taoístas ativas na China do século XIV ao século XX (no século XII, afirmaram-se como budistas). Elas pregavam o culto da "Vindoura Venerável Mãe Eterna" (无生老母), que iria reunir todos os seus filhos na passagem do milênio em uma família. A doutrina do Lótus Branco incluía uma previsão da chegada iminente do futuro Buda Maitreya. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%B3tus_Branco> Acesso em: 10 de set de 2023

poderiam desta maneira serem evitados e o bem-estar garantido.

Ao final do século XVIII Aceita estava espalhada nas fronteiras da província de Hubei, Sichuan, Shaanxi e ao norte nos desfiladeiros e nas margens do rio Han. Essa localidade em meio a montanha não era um lugar bom para a agricultura e estava ocupado há pouco tempo pelos funcionários da dinastia Qing. A liderança da seita lançou um apelo para a população sobre uma doutrina racial que era contra os manchus. A rebelião do Lótus Branco iniciou-se em 1796, a motivação que levou o nascimento desta rebelião foi a população iniciando protestos contra as extorsões de pequenos coletores de impostos do governo. Mesmo que o império tivesse condições de controlar situações pequenas como essa, não conseguiram evitar que novos picos de conflitos surgissem ao mesmo tempo, desta maneira o governo não conseguia controlar tais conflitos por serem numerosos demais:

A população já organizara um corpo de autodefesa contra os aborígenes ao sul e recolheram armas e alimentos. Os grupos rebeldes podiam deslocar-se para redutos montanhosos defensáveis facilmente antes da chegada das forças imperiais. A corrupção sistemática permitida no governo do imperador Qialong, agora senil, enfraqueceu o exército Imperial. Havia falta de suprimentos, de moral, de incentivo, bem como de uma liderança vigorosa (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008, p. 182).

A Rebelião do Lótus Branco foi erradicada após o Imperador Jiaqing assumir o império depois do falecimento do antigo Imperador Qianlong, em 1799, também ofereceu um suporte aos agitados comandantes manchus desta forma os Generais dos manchus iniciaram uma perseguição aos rebeldes e se colocaram no controle da população, e também dos alimentos e suprimentos regionais. O governo ordenou que os aldeões construíssem diversos lugares murados para os camponeses permanecerem, essas espécies de aldeias muradas eram diariamente protegidas de rebeldes pela milícia da região que foram organizada por conta de uma grande devastação da zona rural que impediu o sustento e também o cultivo.

Sendo assim o povo foi sujeitado ao controle do império. Nesse meio tempo a nova milícia se preparava para se juntar a uma campanha de eliminação dos Rebeldes e neste meio tempo era buscada uma política de conciliação com os homens recrutados no conflito para garantir uma Rendição sem maiores problemas. As consequências deixadas ao final do conflito não forma nada benéficas para a dinastia:

A política de “reforçar os muros e limpar a zona rural” minou as forças da rebelião que cessou em torno de 1804, mas as repercussões da revolta foram desastrosas para. Ela custou ao regime o equivalente a cinco anos de receita bruta (duzentos milhões de onças de prata) e ainda mais grave destruiu a reputação de invencibilidade das forças manchus. Com treinamento apropriado os Rebeldes tornavam-se soldados profissionais belicosos e perigosos, e era necessário um grande esforço para recuperar suas armas (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008, p. 183).

Em 1813, nove anos após o fim da rebelião, a seita denominada Oito Trigramas, uma espécie de ramificação da Lotus Branco, começou a organizar um regresso em uma região ao Norte da China, enviando assim um grupo da milícia para uma tentativa de invasão a cidade de Beijing, mesmo que tal tentativa tenha fracassado, milhares de pessoas perderam a vida no conflito.

A rebelião na fronteira do Turquestão (Xinjiang) ocorreu de 1826-1835, na antiga rota da seda nas cidades do oásis, o comércio local atravessava o Pamir, entre Kashgar e também o estado de Kokand (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008). Acontecia uma crise nas fronteiras no início do século XIX. As forças que comandavam e governavam o Turquestão antes da conquista manchua no ano de 1750, eram os descendentes de profetas e outros líderes religiosos, sendo assim consideradas famílias santas.

No Estado de Kokand, localizado ao oeste da região montanhosa de Pamir, o governo comandava ciladas da cavalaria em desfiladeiros. Um dos descendentes da linhagem santa era um homem chamado Jahangir, ele ocasionou alguns atritos no território anos antes de 1821, ano em que o novo imperador subia ao poder. Jahangir iniciou uma guerra denominada santa, contra a dinastia Qing, sua motivação se dava principalmente por uma divergência religiosa e também comercial. O comércio direcionado ao leste de Kashgar estava sob o domínio dos funcionários do governo de Kokand, que pagava diversos tributos ao império Qing, tal prática já fazia parte do cotidiano e costumes, utilizados para uma maior facilitação na rota comercial internacional.

O Estado de Kokand era tributário do governo e desta maneira manteve Jahangir afastado e recebendo presentes durante os anos dos Qing, como forma de recompensar a valiosa lealdade. “Mas, como os mercadores locais tornaram-se mais influentes no mercado principal de Kashgar, Kokand pediu privilégios especiais - redução de impostos no comércio e nomeação de um residente seu para a superintendência do Comércio local” (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008, p. 189)

As demandas exigidas por Kokand foram negadas, desta maneira em 1817 o Estado libertou Jahangir, que organizou e realizou uma invasão desastrosa na extensão territorial chinesa do Turquestão em 1826. Em média vinte e dois mil homens ajudaram o império Qing a percorrer o oásis, conseguindo reconquistar Kashgar em 1827. No mesmo período Jahangir fora traído e mandado diretamente a Beijing, lugar no qual foi oferecido em forma de ritual em um templo imperial, pouco tempo antes de ser morto e esquartejado:

Os Qing restabeleceram o governo sobre a região, mas o poder comercial e a

capacidade de provar distúrbios militares de Kokand foram amplamente demonstrados. nas negociações subsequentes, os enviados de Beijing fizeram um trabalho gradual no assentamento administrativo que, em torno de 1835, estabelecia que (1) Kokand mantivesse um representante político em Kashgar com agentes comerciais a ele subordinados em 5 outras cidades; (2) esses funcionários teriam poder consular, judicial e policial sobre os estrangeiros na região (a maioria dos que vinha de Kokand); (3) eles poderiam cobrar Impostos aduaneiros sobre os bens desses estrangeiros. Além disso, o governo Qing indenizou comerciantes cujas posses retirou durante a guerra (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008, p. 189).

Ao final, o acordo firmado entre Kokand e o Turquestão no ano de 1835 foi uma espécie de exercício administrativo bárbaro que resultou em uma fronteira extremamente estável ao conceder liberações comerciais regionais e remuneração. No século XIX o império britânico buscava fortalecer o seu comércio com a China mas o produto que mais rendia lucro era também extremamente danoso. Mesmo se localizando no Oriente a China tinha bastante contato com a Europa ocidental, através da rota da seda muitas trocas comerciais e também culturais feitas entre chineses e outros povos do mundo, como europeus, árabes, persas e africanos, e não só seda era o produto importante vindo da China, tinha: papel, pólvora, porcelana, chá, entre outros.

A rota da seda perdeu um pouco de sua importância com o passar do tempo, porém seu comércio com Oriente continuou, agora pelo mar, os portugueses navegavam e exploravam a região da Índia no Oriente, e passavam pelas costas africanas, Oriente Médio e também a China. Em 1557 os portugueses também conseguiram a permissão para se instalarem permanentemente em Macau, Dessa maneira a cidade só voltou a pertencer à China em 1999. O porto de Cantão na China era um lugar de negócios para o povo britânico desde o século XVI, no período da dinastia Qing.

Os britânicos não foram à China para comprar mas sim para vender suas mercadorias, porém o Imperador Qianlong não tinha interesse em importar nenhuma mercadoria estrangeira, pois segundo o mesmo em seu império já havia tudo que o país necessitava, desta maneira valorizando as produções locais. O pensamento do Imperador ia contra o principal ponto do Mercantilismo que buscava manter uma balança comercial favorável, ou seja, exportar mais do que importar, porém, a China não queria relações comerciais com os ingleses e nem contato com a cultura estrangeira, desta maneira também proibiu a entrada de missionários religiosos em seu território.

A única moeda de troca que a China aceitou foi a prata por suas mercadorias. Por conta do espaço que a prata preenchia em suas embarcações essas trocas não pareciam vantajosas para os ingleses, pois poderiam estar sendo ocupados por produtos que os mesmos venderiam na China, sendo assim os britânicos arrumaram uma nova estratégia para encontrar

um produto que o povo chinês realmente quisesse.

Os britânicos acharam uma saída para manter comércio com a China, eles então se voltaram para o ópio, diversas civilizações antigas já conheciam o ópio e utilizavam o mesmo para aliviar dores por conta do efeito analgésico que o mesmo obtém, Porém Esta planta poderia ser utilizada também de maneiras recreativas, poderia ser mascado ou fumado e era extraído da papoula flor abundante em regiões da Ásia:

O ópio era produzido e vendido em leilões sob a os auspícios de funcionários britânicos na Índia e levado para a China por comerciantes privados britânicos e indianos licenciados pela companhia das Índias orientais e que (até 1858) ainda governavam a Índia. As vendas de ópio em Guangzhou custeavam o carregamento de chás para Londres em um próspero comércio triangular Índia-China-Grã-Bretanha. (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008, p. 190).

O influxo de dinheiro proveniente das importações cada vez maiores de ópio começou a preocupar os administradores Qing: eles notaram que a prata estava se tornando cada vez mais cara na forma de moedas de cobre, que as pessoas usavam para comprar prata para pagar impostos, ameaçando a fórmula do governo e a subsistência da população. As autoridades Qing desconheciam o envolvimento fiscal da China no comércio mundial, a corrupção, o encobrimento e a depressão global ainda eram invisíveis para os Qing. Em 1834, Londres acabou com o monopólio comercial da companhia das indígenas Orientais com a China e um oficial britânico foi enviado para supervisionar o comércio local britânico. Assim, surgiram duas questões prementes para a China: a primeira era como acabar com o comércio de ópio e como lidar com as autoridades britânicas. (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008)

Conviver por mais tempo com o comércio do ópio não só destruiria a taxa de câmbio da prata e cobre, mas também traria um colapso a sua autoridade moral. Mesmo que fumar ópio fosse menos viciante do que os derivados da atualidade, na época era uma mudança social que destruiu os indivíduos, suas famílias, e o Estado. O solo chinês foi desperdiçado à medida que papoula crescia, à medida que os elevados preços dos medicamentos e o contrabando conduziam à violência e à corrupção entre contrabandistas e funcionários. A procura desmoralizante chinesa pelo ópio só crescia.

Este colossal mal social foi alimentado pela ganância de lucro entre o governo indiano britânico, os estrangeiros que importavam ópio para a China e os distribuidores chineses corruptos. Anos de conflito e incerteza surgiram devido à suspeita do regime Qing de destruir os contrabandistas chineses ou bloquear o comércio britânico, uma vez que os novos navios a vapor estavam muito avançados em termos de poder de fogo móvel. Alguns recomendaram a legalização do comércio de ópio em 1836, vendo que não poderia ser impedido pela

resistência ao apaziguamento, liderada pela ambição de funcionários chineses que usavam um clube de leitura de poesia em Beijing como ponto de encontro. (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008):

Em 1839 essa facção oportunista com uma conduta moral direitista recém-estudada por James Polachek(1992), obteve enorme sucesso quando o imperador Daoguang enviou um comissário incorruptível, Lin Zexu, para compelir comerciantes estrangeiros a pararem o tráfico de ópio para a China. Lin eliminou os fornecedores de ópio chinês em Guangzhou, mas foi obrigado a fazer barricadas contra os estrangeiros em suas fábricas antes que finalmente entregassem os seus estoques de ópio. Eles souberam que mais ópio, agora com preços mais elevados, estava a caminho da China e, além disso, o governo britânico poderia recompensá-los pelas perdas. (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008, p. 191).

O bom trabalho do Comissário Lin em prol do Império Chinês levou a uma guerra na qual os interesses econômicos britânicos estavam fortemente submersos. Nas longas batalhas na costa sudeste, as canhoneiras britânicas venceram a Guerra do Ópio de 1839 a 1842, sendo assim aceitaram o Tratado de Nanjing em agosto de 1842. Os acordos dentro desse tratado Anglo chinês em Nanjing seguiram o exemplo de 1835 em Kokand, sendo eles:

As providências do tratado incluíam (1) extraterritorialidade (jurisdição consular estrangeira sobre estrangeiros nacionais), atualização de uma antiga prática chinesa; (2) indenização; (3) tarifas moderadas e contato estrangeiro direto com os coletores aduaneiros; (4) tratamento as nações mais favorecidas (uma expressão “benevolência imparcial” da China em relação a todos os estrangeiros); (5) Liberdade comercial sem monopólio (há muito o costume adotado em Kashgar). Além disso locais designados para comércio (agora é chamado de portos submetidos e tratados comerciais) eram um antigo costume da Fronteira chinesa e relações iguais sem as três reverências e nove prostações de Kowtow que haviam sido comuns nas fronteiras de Kokand e da Rússia.(FAIRBANK; GOLDMAN, 2008, p. 191-192).

Para finalizar o recorte sobre a Guerra Anglo-Chinesa do Ópio é pertinente destacar a consequência do tratado de Nanjing de 1842 que na visão dos britânicos favorecia Apenas a China, desse modo o sistema de tratados só foi realmente estabelecido em 1858 após a Segunda Guerra dos britânicos e franceses contra a dinastia Qing e uma nova assinatura dos tratados em Tianjin. Esta Nova Ordem só foi aceita e reconhecida pela dinastia em 1860 quando a Expedição Anglo francesa ocupou Beijing.

É importante levar em consideração um ponto que o autor Fairbank e Goldman (2008) trazem sobre a China, que a China foi posta contra a sua vontade em uma posição de inferioridade sendo aberta a Invasões estrangeiras vindas do ocidente pelo comércio e assim também trazendo a cultura ocidental. Vale lembrar que da mesma maneira que o ocidente trouxe guerras e importunações, trouxe consigo também materiais ideológicos e religiosos que vão influenciar a sociedade chinesa posteriormente nas próximas décadas.

3.1.1 O movimento dos Taiping e a luta das mulheres chinesas

O Movimento/rebelião de Taiping é considerada a maior guerra civil da história, ocorrida de dezembro de 1850 a julho de 1864. Foram treze anos de muitas reviravoltas, mais de vinte milhões de pessoas acabaram perdendo a vida no conflito, não apenas à população chinesa, mas também estrangeiros como franceses, ingleses e americanos. Com o império abalado, a China imperial começou a viver suas últimas décadas por conta desta guerra desigual imposta pelas potências ocidentais.

Como já falado anteriormente, é possível observar o início da decadência do império com as rebeliões anteriores, como a guerra do ópio, por exemplo, que foi iniciada pela ganância inglesa em entrar no comércio chinês, o ópio acabou por deixar a sociedade chinesa com milhões de viciadas na substância, o governo imperial caiu diante dos ingleses, a decadência só aumentava. Em paralelo às revoluções, após a Guerra do Ópio, o pensamento de democracia burguesa nasceu na China. E como uma forma de tentar salvar o país, a população, principalmente os intelectuais da burguesia, iniciaram uma onda de reformas no território chinês. Durante este período, a consciência das mulheres sobre autonomia, liberdade, validade para suas emoções, revolução, direitos e valorização de seu gênero estava em constante despertar.

Em razão e consequência da Guerra do Ópio, o território chinês acabou sendo reduzido de maneira gradual a uma sociedade semifeudal e semicolonial. Com o passar do tempo algumas questões sociais começaram a eclodir no território, como, por exemplo, a questão das mulheres começou a ser destacada. O Ocidente acabou trazendo além dos conflitos e declínio, trouxe também uma série de ensinamentos, pensamentos e um conjunto de doutrinas que por consequência fez com que começasse a se discutir o problema das mulheres na sociedade. O estatuto social e o estatuto das mulheres tradicionais começou a ser questionado por mulheres intelectuais. Desta maneira, iniciaram uma busca por uma igualdade, liberdade e principalmente sua independência do sistema patriarcal extremo, desafiando assim o sistema tradicional político, os costumes e ética feudal que a China era moldada no período (PAN; HE 2020).

Como mencionado anteriormente, o despertar da consciência feminina na China não teve um grande volume inicialmente, porém, a consciência da mulher despertou não de maneira passiva, pois as mulheres não esperavam que essa liberdade seria alcançada passivamente, mas sim de modo bastante ativo. Pode se considerar que o despertar da mulher surgiu de uma maneira em que o que era mais perceptível era a consciência emocional, sobre

um pessimismo sobre a constituição familiar, ou seja, o casamento, o papel da mulher nessa construção de duas pessoas, as mulheres chinesas buscam o verdadeiro sentimento de amor, liberdade e se livrar de submissão empregada pelo casamento:

Na sociedade humana, a qualidade psicológica das mulheres, a sua posição natural no grupo humano e o papel de vários fatores sociais fazem com que as mulheres prestem mais atenção aos sentimentos de amor do que os homens. Portanto, o amor, em certo sentido, torna-se um ponto de partida básico para que eles olhem para si mesmos e para a sociedade. Sua busca por o seu próprio valor realiza-se, em primeiro lugar, no campo do “amor”. Eles consideram a livre escolha do amor como um dos conteúdos mais importantes do valor próprio da mulher (PAN; HE, p.2 tradução livre, 2020).¹⁷

Desta maneira é possível compreender que a relação do amor com a liberdade estava intrinsecamente relacionada com o destino e futuro das mulheres, o casamento (casamentos arranjados) em si na vida de uma menina, era estipulado desde seu nascimento, ali seu futuro e vida já era algo estabelecido, assim a liberdade do amor se refletia nas escolhas ceifadas desde seu primeiro suspiro. Disto nasceria o primeiro despertar que seria a semente para o surgimento dos movimentos feministas na China, o despertar social, e o grau de relevância das mulheres chinesas.

O sistema feudal neste período silenciou e colocou algemas nas mulheres, pode ser colocado como uma espécie de mercado de casamentos arranjados, um leilão na qual a melhor oferta levava o prêmio, e a premiação nesse caso era a mulher. É importante levar em consideração que os dois lados queriam arranjar bons casamentos. Os homens buscavam esposas saudáveis e com um bom dote para construir uma família, se sua esposa gerasse um filho homem era bem vista pela família, marido e sociedade, filhas mulheres eram vistas apenas como um tipo de fardo e as mulheres buscavam maridos que pudessem lhe oferecer uma vida no mínimo confortável, já que a escolha não as era ofertada.

Uma das razões, além de uma sociedade patriarcal, era a sua ideologia sobre o sentido da vida. A vida não era uma jornada em busca de uma felicidade cotidiana, mas sim uma espécie de fardo que estavam destinados a levar consigo, uma tortura necessária (PAN; HE 2020). A mulher chinesas que gostariam de buscar por um pouco de independência emocional, deveriam buscar por si próprias um casamento em que pudesse ter amor além dos interesses materiais ou biológicos (filhos), mas também não era a garantia de que o casamento

¹⁷In human society, women’s psychological quality, their natural position in the human group and the role of various social factors make women pay more attention to the feelings of love than men. Therefore, love in a sense becomes a basic starting point for them to look at themselves and the society. Their pursuit of their own value is firstly carried out in the field of “love”. They regard the free choice of love as one of the most important contents of women’s own value (PAN; HE, p.2 tradução livre, 2020).

por amor traria uma vida com menos fardos ou apenas felicidade. Porém, para as mulheres esse ato básico de se casar com alguém com quem realmente nutre sentimentos já era uma demanda pelos direitos femininos, e um dos passos para a restauração da consciência emocional das mulheres, e deixar marcado como uma declaração de autodignidade, escolha e liberdade.

Voltando a mencionar a Guerra do Ópio, vale destacar que com a sua eclosão e o aprofundamento gradual a educação ocidental trouxe os conceitos de igualdade e liberdade, alguns indivíduos progressistas traziam o pensamento e a defesa da liberdade do casamento, utilizados a argumentação que casamentos arranjados trariam apenas prejuízos para a sociedade. A ética feudal era constantemente criticada, a ideia de o “pai liderar o filho” ou o “marido liderar a esposa”, eram algumas das pautas criticadas:

Neste ponto, um grupo de mulheres começou a perceber a importância e a necessidade do casamento independente. Sem esta liberdade, não haveria independência pessoal. As mulheres estão completamente em posição de obediência passiva por causa do casamento arranjado. Portanto, somente quebrando longe do casamento arranjado eles podem ganhar independência, escolher a sua própria vida e perseguir o amor de acordo com as suas próprias ideias (PAN; HE, p.2-3 tradução livre, 2020).¹⁸

Os casamentos arranjados no período feudal era mais uma das maneiras em que um código ético era usado de modo que oprimia e explorava as mulheres chinesas, tirando o livre arbítrio da escolha, assim como Pan e He (2020) dizem, era uma situação de desespero da luta matrimonial. Durante esse período em que a China se encontrava em diversos conflitos e rebeliões, em que a Dinastia passava por um grande declínio, algumas mulheres propuseram que quando se trata do casamento: “Tudo pode ser independente, ou seja, os direitos dos pais não podem ser suprimidos”. Exigiram veementemente a eliminação das “três obediências e das quatro virtudes” e do “marido guia da esposa”(PAN; HE, p.3 tradução livre, 2020).¹⁹ A exigência de uma mudança nas condições em que elas eram submetidas, a igualdade de direitos sobre a escolha do casamento.

Pan e He (2020), trazem a experiência de Jin Qiu, uma mulher revolucionária burguesa, que vivenciou o sofrimento do casamento arranjado no período feudal, e para se livrar desse casamento feudal optou por sair de sua família. Elas ainda dizem que casos como

¹⁸ At this point, a group of women began to realize the importance and necessity of independent marriage. Without this freedom, there would be no personal independence. Women are completely in a position of passive obedience because of arranged marriage. Therefore, only by breaking away from arranged marriage can they gain independence, choose their own life and pursue love according to their own ideas (PAN; HE, p.2-3 tradução livre, 2020).

¹⁹ “Everything can be independent, that is, the rights of parents cannot be suppressed”. They strongly demanded the elimination of the “the three obediences and the four virtues” and the “husband guides wife” [(PAN; HE, p.3 tradução livre, 2020).

os de Jin são diversos para citar todos. Quantos essas mulheres tomavam a decisão de abandonar suas famílias passavam a ser vistas como rebeldes da ética feudal.

Mesmo que os movimentos feministas desse período não fossem nomeados da maneira que temos na atualidade, já era possível observar lutas nascendo de maneira natural mesmo que em pequenas quantidades. Existiam muitas mulheres que continuavam lutando por direitos mesmo com a grande resistência. Em sua maioria as pessoas que conseguiram mudar suas ideologias eram estudantes, progressistas e com estudo. Desta maneira, mesmo que os números fossem pequenos, as mulheres da burguesia com maior acesso a informações conseguiram alcançar o despertar da consciência emocional, levando os tópicos da liberdade do amor, ou seja, a liberdade de casamento por amor e não arranjados.

Com a crise do território chinês, nasce um novo líder espiritual (Hong Xiuquan)²⁰ que se denominava irmão de Jesus Cristo. O imperador soube deste "agitador" subversivo no Sul do território chinês, desta maneira mandou um pequena tropa para aniquilar os seguidores da seita, porém a plano não saiu como previsto, e a tropa imperial acabou perdendo para a seita, e mais sete mil homens foram enviados para conter naquela questão, mas novamente a tropa imperial foi derrotada/aniquilada, assim teve início a maior guerra civil ocorrida até hoje.

Em maio de 1856 os rebeldes conquistaram Nanquim, até o final do conflito foi a capital de Taiping, até então a revolução se mostrava com um grande cunho ideológico, em outubro de 1858 as mulheres começaram a ser tratadas com um certo grau de igualdade. No início os rebeldes tinham como armamento apenas espadas e com a progressão da guerra sua força em armamentos aumentou, no fim de 1860 os rebeldes já contavam com a ajuda de mosquetes e canhões. Os mercenários ocidentais lutam em ambos os lados, mesmo durante essa guerra civil outros conflitos eclodiram dentro do território, entre eles está a segunda guerra do ópio. A Rebelião Taiping veio a inspirar Mao Tsé Tung no futuro, na revolução cultural de 1949.

A China regida pela dinastia Qing que ficou no poder de 1644 até 1912, o império chinês sofria pressões de todos os lados das potências ocidentais que derrotaram os chineses na primeira guerra do ópio, e como resultado os ingleses ficaram com controle de Hong Kong. A China foi submetida posteriormente aos conhecidos tratados desiguais já mencionados, os britânicos dividiram junto com a França dos Estados Unidos a concessão de Xangai, os produtos chineses estavam em alta demanda.

²⁰ Revolucionário chinês que foi o líder da Rebelião Taiping contra a dinastia Qing. Ele estabeleceu o Reino Celestial Taiping em várias partes do sul da China, com ele mesmo como o "Rei Celestial" que se auto proclamava irmão mais novo de Jesus Cristo.

Aproveitando a influência ocidental muitos missionários chegaram no território chinês para divulgarem o cristianismo, os Jesuítas estavam presentes desde o século XVI, mas do século XIX mais ramos do cristianismo começaram a evangelizar a China, tais como ortodoxos, russos e Protestantes, tradicionalmente os chineses praticavam a religião tradicional chinesa e o budismo, taoísmo e confucionismo como uma quase religião. Inclusive a Dinastia Qing tinha adotado o confucionismo como sua religião oficial, as autoridades imperiais chinesas proibiram religiões como cristianismo, pois não queria perder o domínio cultural.

Para compreender o estopim de rebeliões, incluindo a Rebelião de Taiping, é pertinente saber o surgimento de um de seus principais líderes, Hong Xiuquan (1814-1864). Os imperadores Yongzheng (1678-1735), Jiaqing (1760-1820) e Daoguan (1782-1850) tentaram banir a religião cristã, porém em vão, pois grande porcentagem da população adotaram o cristianismo como religião, e nas áreas dominada pelo ocidente foram construídas diversas igrejas, dentre estas pessoas convertidas estava Hong Xiuquan.

Hong veio de família humilde, mas se destacava como um excelente aluno, ele se mudou para a maior cidade de domínio ocidental, na época Cantão, para se preparar para os exames imperiais, uma busca de deixar a vida humilde e ingressar na classe média alta, onde acabou tendo seu primeiro contato com o cristianismo, nos exames acabou reprovando três vezes, o que ocasionou um colapso nervoso ficando bastante doente, nesse episódio Hong teve visões em que pertencia a uma família celestial sendo filho de Deus.

O confucionismo passou a ser visto por Hong como uma abominação, e passou a se enxergar como um ser sobrenatural, com tantos fracassos nas provas de admissão, passou a voltar todos seus interesses para mensagens de Jesus, chegando à conclusão que era filho direto de Deus. A partir disso, ele passou a compartilhar suas visões e converter pessoas próximas como parentes, amigos ou qualquer indivíduo que orasse em seu vilarejo. Seus seguidores devotos destruíram monumentos e estátuas de Confúcio localizadas nas proximidades de seus vilarejos, e por tal desordem acabou sendo expulso de sua cidade, ele e seus seguidores começaram a evangelizar em Cantão e na província de Guanxi (primeira sede da seita). (PORTUGAL, 2018).

Em 1844 Hong Xiuquan teve a possibilidade de retornar a sua cidade natal, em 1847 ele e seus primos estudaram o cristianismo a fundo com um dos missionários americanos da região. Hong junto de seu primo distante Feng Yunshan, fundaram a “Sociedade dos adoradores de Deus”. Hong escreveu um livro onde misturava a cultura chinesa tradicional e uma interpretação livre do cristianismo e mensagens de Jesus, tal livro passou a ser intitulado

como “Bíblia da grande paz” e seguidores da seita começaram a seguir as mensagens dentro da mesma. Como já mencionado, o crescimento da seita foi bastante volumoso o que trouxe desconforto e inveja a diversos missionários ocidentais, e para as autoridades a presença de criminosos nela trazia prejuízos e ameaças a Dinastia Qing. Após diversos conflitos contra o governo e o surgimento de várias rebeliões menores em que a seita vinha ganhando vantagem, surge em fim a Rebelião de Taiping (PORTUGAL, 2018).

A personalidade independente das mulheres chinesas se inicia depois do início da Guerra do Ópio e com o processo de modernização trazido pelo Ocidente, o sistema de opressões visto como algo natural foi mudando, e mulheres podiam ter um pouco de independência. No início do domínio do Reino Celestial de Taiping, com o aflorar da liberdade e consciência feminina foi onde os movimentos feministas em meio às lutas revoluções começaram a surgir. O surgimento foi através de uma busca por seus direitos, direitos esses conquistados gradualmente com o passar do tempo após a rebelião de Taiping, e no então reino de Taiping em que Hong Xiuquan era seu rei. Como mencionado por Han e He (2020) “a adoração de Deus por Hong Xiuquan absorveu o espírito cristão de igualdade, que dizia às mulheres que elas eram pessoas iguais e independentes, causando assim o despertar da consciência”(PAN; HE, p.3 tradução livre, 2020).²¹

Em 1856, três anos após o estabelecimento do reino de Taiping, Hong Xiuquan estabeleceu agora como supremo rei, estabeleceu novas normas sociais, dentre elas estava a igualdade de direitos entre homens e mulheres, evitando também a prática de matar bebês meninas. Cargos para mulheres nos serviços públicos e nas forças armadas antes somente oferecida aos homens, agora eram permitidos às mulheres:

Um dos grandes beneficiários do movimento Taiping terá sido, precisamente, o sexo feminino. É verdade que no seio do extrato principal da rebelião, os Hakka, a mulher possuía um papel importante no trabalho da terra. No entanto, não podemos esquecer que a rebelião emergiu de uma sociedade patriarcal, na qual a mulher estava sujeita ao homem (fosse o pai, o marido ou mesmo o filho) em todos os aspectos. Assim sendo, os esforços movidos pelo projeto Taiping no sentido da emancipação da mulher são frequentemente incluídos entre os aspectos inovadores da rebelião. Tais esforços derivam, como se pode depreender, do princípio de igualdade dos sexos perante Deus. Este criou todos os homens e mulheres como

²¹ “ Hong xiuquan’s worship of god absorbed the Christian spirit of equality, which told women that they were equal and independent people, thus causing the awakening of consciousness”(PAN; HE, p.3 tradução livre, 2020).

irmãos e o plano social Taiping procurava corporizar essa ideia (SOBRAL, 2018, p. 72).

Foi nesse período também que a auto mutilação da prática dos pés de lótus foi proibida:

“Com efeito, as medidas conducentes à afirmação do papel da mulher vão além da proibição da prostituição, do adultério e do enfaixamento dos pés. Num plano formal, foram criados para as mulheres títulos nobiliárquicos paralelos aos disponíveis para os homens. Tal constituiu a primeira oportunidade deste tipo na história da China” (SOBRAL, 2018, p. 72).

As mulheres começaram a servir ao exército chinês e tiveram até mesmo uma mulher como general, Hong Xuanjiao (1830-1856), que era praticante assídua de artes marciais. Atuando como general, ela liderou as mulheres dentro do exército sob a bandeira dos rebeldes de Taiping e passando seus ensinamentos de combate, a presença de Hong Xuanjiao alcançou resultados significativos para as causas femininas como o lugar da mulher fora do âmbito doméstico como esposa e mãe, mas também ressignificando o habitual papel da mulher, trazendo mudanças da ética feudal e dando passos para o movimento feministas em solo chinês:

Após a conquista de Nanquim em 1853, a cidade foi dividida em quarteirões para homens e mulheres. Tal implicou que cada gênero teve de tornar-se autossuficiente. Homens partilhavam a responsabilidade de tecer uniformes para os soldados, enquanto mulheres cavavam valas para a defesa de Nanquim. Até as lojas eram separadas por sexo, homens e mulheres apenas se cruzavam casualmente na rua (SOBRAL, 2018, p. 73).

O palácio do rei Hong, no centro de Nanquim, seguia costumes contrários ao tradicional chinês, o povo de Taiping não ofereciam trabalho para eunucos²², ou seja, o palácio de Rei Celestial era inteiramente comandado por mulheres, com cargos como: ministras, burocratas, serventes e familiares do rei, ao todo existiam aproximadamente duas mil mulheres trabalhando no palácio celestial. As exigências exigidas para estas mulheres era uma aparência e comportamento decente e íntegro, uma total eficiência e perfeição em seus deveres, sob uma pena de castigo físico. “Acima de tudo, as mulheres do palácio estavam terminantemente proibidas de sair e ter contacto com o mundo exterior. O que nos conduz a

²² No Oriente Médio e na China, o eunuco era o guarda encarregado de cuidar dos haréns, local da casa reservado às esposas e odaliscas. Para se tornar eunuco, o homem guardião era escolhido pela sua incapacidade sexual, que poderia ser causada por um problema congênito ou por ser sujeito à castração. Disponível em <<https://www.significados.com.br/eunuco/#:~:text=Eunuco%20%C3%A9%20um%20homem%20castrado,reservado%20%C3%A0s%20esposas%20e%20odaliscas>>.

uma das maiores contradições do programa social do Reino Celestial: a segregação dos sexos” (SOBRAL, 2018, p. 73).

Mesmo com a influência do Ocidente, dentro das pautas feministas de liberdade, o estudo para mulheres chinesas (mesmo que em sua grande maioria mulheres da burguesia) e trazendo uma barreira em mutilações que mulheres sofrem por conta de crenças e culturais, porém mesmo que a influência ocidental tenha sido um grande passo para as mulheres na China, essas mulheres não seguiram de maneira em suas próprias ideologias e relações culturais como por exemplo a participação da mulheres nas rebeliões domésticas para o despertar da consciência feminina em seu território:

Embora a consciência seja fraca, mas por muito tempo, para as mulheres profundamente imersas no princípio da conduta moral feudal e na visão de que os homens são superiores às mulheres, a germinação desta consciência em si é a moralidade feudal. Muitas mulheres responderam ativamente ao chamado do “Reino Celestial de Taiping” e participaram da revolta. Assim como os homens, algumas mulheres ocupavam cargos oficiais, como o “acampamento feminino” especialmente criado no Reino Celestial de Taiping. Desde então, o número de “acampamentos de mulheres” cresceu para mais de 100.000, com as mulheres gestoras desempenhando um papel proeminente. (PAN; HE, p.3 tradução livre, 2020).²³

Segundo Sobral (2018), com as mulheres agora inseridas no exército, uma divisão ocorreu, no auge da militarização em 1850, mulheres e homens não poderiam ficar no mesmo acampamento. E neste mesmo contexto maridos e esposas não poderiam se encontrar ou fazerem vistas nos acampamentos opostos, caso contrário os dois receberiam uma pena de morte. Sobral (2018) ainda destaca, que neste período, com a formação do exército feminino nas forças de taiping, trouxe a ascensão de mulheres a cargos oficiais. Com isso, se afirma que a emancipação feminina ocorreu em um mesmo período de tempo em que era vivenciado uma grande segregação dos sexos, já que neste momento a mulher começou a se autogovernar.

De acordo com Pan e He (2020) a expansão de mulheres em cargos públicos e funções além de seus deveres domésticos, incentivou as mulheres a reavaliar seu verdadeiro valor e significado dentro de seu estatuto dentro da sociedade. O Reino Celestial Taiping observou que não poderia se sustentar por conta das limitações aplicadas às mulheres, como um grupo social tão grande deveria iniciar um sistema e iniciativa de inclusão, a partir disso o gênero feminino pode participar efetivamente das atividades da sociedade.

²³ Although the consciousness is weak, but for a long time, for the women deeply immersed in principle of feudal moral conduct and the view that men are superior to women, the germination of this consciousness itself is feudal morality. Many women actively responded to the call of “the Taiping Heavenly Kingdom” and took part in the uprising. Just like men, some women held official positions such as “women’s camp” specially set up in the Taiping Heavenly Kingdom. Since then, the number of “women’s camps” has grown to more than 100,000, with female managers playing a prominent role. (PAN; HE, p.3 tradução livre, 2020).

Pan e He (2020) ainda salienta que o fato do avanço nos direitos femininos nesse período foi uma espécie de rebelião ao ir contra a ética tradicional feudal chinesa, que de certa forma despontou o despertar da autonomia das mulheres. Entretanto o reino de Taiping acabou retornando às éticas e modo de vida feudal no que se refere à conduta moral, o que trouxe diversas opressões e um declínio para os direitos conquistado pela mulheres, ou seja, mesmo que as mulheres tivessem alcançado um progresso nos direitos e liberdade feminina, a balança com altos e baixos no desenvolvimento e no aflorar dos movimentos feministas dentro da sociedade chinesa. As mulheres estão envolvidas não só no combate, mas também na logística, e são forçadas a realizar trabalhos maçantes. O verdadeiro despertar do sentido de independência das mulheres modernas deve começar com as Guerras do Ópio e a sua repercussão no leste chinês (PAN;HE, 2020).

No tempo feudal da China há séculos atrás, as mulheres estavam conectadas há quatro cordas, sendo elas: o poder feudal, poder do clã, poder divino e poder conjugal. Cordas estas consideradas espécies de algemas de uma doutrina de escravização das mulheres. Com o progresso da modernização, a cultura ocidental adentrou cada vez mais na China. No processo de aprendizagem ocidental, a sociedade moderna da China começou a se separar da cultura tradicional chinesa e a avançar à civilização ocidental. Tal tendência da sociedade moderna chinesa a seguir exemplos ocidentais está gradualmente a ter um grande impacto nas percepções das mulheres. Desta maneira Xinran (2019) expõe:

O propósito fundamental dos missionários era converter os chineses, usando a religião para conquistar a sociedade chinesa. Com o fluxo de missionários, a cultura ocidental viria a ter uma grande influência na cultura nativa, nomeadamente no que respeita à visões das mulheres e à educação feminina. A expansão colonial ocidental rompeu a barreira entre o Oriente e o Ocidente, levando os pensamentos educacionais predominantes no Ocidente para a China. Apesar de não ser esse o objetivo dos missionários, alguns fizeram um trabalho útil, ao colocarem as mulheres chinesas em contacto com o pensamento estrangeiro, o que viria a melhorar as suas condições de vida. No entanto, o conceito de igualdade de género levado pelos missionários produziu contradições e conflitos acesos com as ideias tradicionais chinesas. Então, no início, os missionários sofreram uma forte resistência por parte das forças feudais. Por forma a facilitar a pregação e expandir a influência cultural, surgiram as escolas para as meninas (XINRAN, 2019, p. 20-21).

As mulheres, preocupadas com a ascensão e queda do país e com o seu futuro incerto em meio aos altos e baixos envolvendo seus direitos e liberdade, começaram a colocar a família fora das definições sociais do mundo. Libertas das algemas da velha sociedade de segurança reprodutiva e familiar, elas entram na sociedade e esforçam-se por cumprir a sua responsabilidade de salvar o seu país da crise. A luta pelos direitos das mulheres e pela sua

emancipação é um sinal importante para despertar a consciência independente das mulheres neste momento (PAN: HE, 2020).

Em meados de 1856, conflitos internos no reino de Taiping começaram a surgir. Yang Xiuqing vice rei do leste, se tornou muito ambicioso, usava de seu poder e lugar de privilégio para punir todos que o ofenderam ou o criticasse, incluindo punições contra outros líderes. Um desejo de poder entre os generais do reino começava a crescer fazendo com que discórdias nascessem. Hong Xiuquan com receio da ambição de Yang, Hong e outros generais, Wei Changhui (vice rei do norte) e Qin Rigang (general responsável por diversas vitórias na rebelião) invadiram o palácio de Yang ainda em 1856 e o executaram ele e seus familiares, ataque esse conhecido como o “Incidente de Tianjing”. No mês seguinte do incidente Shi Dakai (mais um dos generais do reino) finalmente chegou onde o incidente ocorreu mostrou repúdio pela violência excessiva, com isso foi visto como traidor, teve sua família e apoiadores foram executados (PORTUGAL, 2018).

Shi Dakai fugiu, e em seu exílio reuniu um exército de milhares de homens indo em direção a Nanquim atrás de vingança contra os líderes responsáveis por seu exílio. Neste momento nasce diversos conflitos dentro do reino de Taiping, o rei Hong mandou executar When Changhui e Qin Rigang após seus informantes mostrarem indícios de traição. A popularidade do rei com a população acabou regredindo, Shi Dakai ganhou bastante popularidade com o povo, fazendo com que o rei se aproximasse e o nomeasse como supremo comandante do exército.

A situação política do reino de Taiping estava instável, seus ministros como forma de solucionar a crise pediram ajuda aos europeus e para a burguesia chinesa, porém a tentativa de ajuda não obteve êxito. Os europeus estavam bastante comprometidos para poder oferecer ajuda, principalmente por conta da Segunda Guerra do Ópio (1856-1860) contra a Dinastia Qing. Apesar das turbulências internas na política, o reino de Taiping saiu vitorioso em mais batalhas ao redor do território já conquistado. Em 1859, Hong Rengang ²⁴ Primo do rei celestial e um dos pioneiros da seita, retorna para auxiliar o rei em Nanquim. Em 1860 Rengang reúne uma grande quantidade de pessoas em seu exército na então Segunda Batalha de Jiangnan. Batalha essa que durou semanas, as forças de Taiping aniquilaram as forças imperiais (PORTUGAL, 2018).

²⁴ Hong Ren'gan não havia participado na revolta de Jintian nem nas campanhas militares que se lhe seguiram e que culminaram na conquista de Nanquim. Nos anos decorridos até 1859, havia estudado em Hong Kong e contactado com mais missionários cristãos que qualquer outro líder Taiping. Estudou a doutrina cristã com o Reverendo Theodore Hamberg e trabalhou na Missão de Londres em Hong Kong (SOBRAL, 2018, p. 75).

Nos anos seguintes, entre 1861 e 1864 os conflitos entre o reino de Taiping e a Dinastia Qing se intensificaram novamente, o imperador da Dinastia investiu em novos ataques contra o exército de Taiping. Surge em cena um novo general promovido pela dinastia Qing, Zeng Guofan, considerado um dos maiores estrategistas militares do conflito. No início de 1861, Li Xiucheng (General de Taiping) decide fazer um ataque arriscado, marcando o início do fim do reino de Taiping, o general reúne e lidera uma força de mais de 600 mil homens para atacar e conquistar Xangai. Hong Rengang foi contra este ataque pois sabia que Xangai era uma concessão ocidental, com muitos franceses, ingleses e americanos. No final de 1862 após um longo período de conflitos, o rei Hong Xiuquan ordenou que seu exército interrompesse a ofensiva, desta maneira a batalha chegou ao fim (PORTUGAL, 2018)

De acordo com Portugal (2018), o reino de Taiping sempre se saía vitorioso nos conflitos anteriores pois eram considerados um povo disciplinado por não consumir o ópio e por ser uma teocracia seguindo seu líder espiritual (Hong Xiuquan). Nos meses após o fim da batalha de Xangai, o exército de Taiping foi perdendo cada vez mais territórios, e em novembro de 1863 a maior parte do exército de taiping deixaram os principais pontos do Reino Celestial, o rei Hong foi orientado a abandonar a cidade murada o quanto antes, porém o rei se recusou e tomou a liderança de seu exército restante, condenando a morte qualquer um que abandonasse o reino indo contra sua vontade e a vontade de Deus. Grande parte do exército se renderam e fugiram cada vez que as tropas do imperador Qing se aproximavam. Em 14 de março de 1864 a capital Nanquim foi sitiada pelo exército do império, a batalha final se arrastou por mais 4 meses levando a uma grande escassez de alimento, Hong Xiuquan acabou ceifando sua própria vida após ingerir veneno. Com isso enfim chega ao fim o Reino Celestial de Taiping em 1864.

A rebelião de Taiping foi uma revolução em diversos sentidos, pelo método, determinação e disciplina, que fizeram a diferença e o fato acreditar e transmitir confiança e energia positiva para seu exército. Inclusive na emancipação feminina, a abertura que as mulheres chinesas tiveram nesse período revolucionário foi extremamente importante para as futuras gerações de mulheres. Mesmo que houvesse segregações e ainda seguissem uma ética patriarcal, as mulheres tiveram a possibilidade de, como dito anteriormente, se autogovernar. A influência do ocidente também é uma característica inegável, já que pelo rei Hong Xiuquan ter se convertido ao cristianismo (doutrina vinda do ocidente) e implicar a lei da igualdade entre homens e mulheres, claro que com traços da cultura chinesa.

3.2 A participação das mulheres na revolta dos Boxers anti imperialistas.

Para introduzir a participação das mulheres na revolta dos boxers²⁵ (1899-1901), é pertinente esclarecer quem são os boxers e como se iniciou tal rebelião/revolta. Em meados de 1820 enquanto o mundo passava por uma grande globalização, onde os países europeus vinham conquistando e colonizando a tempos diversos países pelo mundo, a China em si não participou dessa grande globalização que vinha ocorrendo desde o fim da idade média, o país preferiu se fechar nos seus próprios métodos e cultura. As únicas relações que a China tinha com o exterior eram pequenas ligações com os reinos ao seu redor, o principal contato era com a Coreia, que era um Estado vassalo da China.

Como já mencionado anteriormente, o Ocidente enxergava a China como um grande mercado nunca antes explorado, com uma população bastante volumosa, porém a Dinastia Qing não tinha interesse em realizar parcerias comerciais e culturais com povos estrangeiros dentro de seu território. Os missionários enviados eram enviados aos montes para o território chinês com o intuito de espalhar o cristianismo, mas além disso obter influência sobre o povo local, porém os chineses que se converteram ao cristianismo eram mal vistos dentro de seu país. Tendo em vista que os povos estrangeiros desde a sua entrada na China não eram bem vistos, por inúmeras razões, os diversos prejuízos que trouxeram e implantaram no território. Com sua chegada, trouxeram problemas na saúde pública, com a comercialização ilegal do opio, e uma propagação da cultura e religião vindas do ocidente contra a vontade do império chinês, é um bom contexto para explicar o surgimento dos boxers e sua revolta (SALVADOR, 2023).

A partir da Primeira Guerra do Ópio a China passou por aquilo conhecido na história chinesa como o “século da humilhação”, onde a China se viu obrigada a abrir cada vez mais concessões a diversos povos europeus que vinham chegando em seus territórios. As derrotas cada vez mais humilhantes pela qual a China vinha passando, se tornando um povo de “segunda classe”, por ter que seguir os mandos dos povos estrangeiros, o que criou uma grande crise e descontentamento dentro do país, crises essas políticas como de identidade. Após séculos vivendo como uma sociedade fechada ao exterior, os chineses vinham guardando um grande descontentamento, o desemprego estava em alta (SALVADOR, 2023):

Desde a derrota chinesa na Primeira Guerra do Ópio, 1839-1842, década após década, guerra após guerra, o Império Qing fora sendo pressionado pelas potências ocidentais (mais o Japão, a partir da década de 1880, um país ex-tributário seu), desejosas, assim como abutres, de arrancar para si um pedaço do dragão em

²⁵ Grupo de lutadores da China desenvolveu uma sociedade secreta, conhecida como “A Sociedade dos Punhos Harmoniosos e Justiceiros”, para lutar contra os imperialistas.

decadência. As seguidas derrotas militares abalavam, gradativamente, a imagem de poder que a dinastia passava para o povo, imagem a qual necessitava para manter o Mandato Celeste. O Estado passou a direcionar a gastar somas cada vez maiores com a sua própria defesa, em vez de direcionar os recursos para outras áreas prioritárias, como a agricultura e manutenção de obras públicas estrada (SANTIAGO, 2015).

A situação do território chinês só piorou quando o Japão decidiu adentrar em seu território. O Japão passou séculos sendo considerado um povo subdesenvolvido e atrasado, e enxergavam a China como uma grande metrópole, um grande centro de cultura e de tecnologia. No começo do século XIX os japoneses foram atacados pelas Américas, semelhante ao ataque dos ingleses na China. A diferença é que ao contrário da China que se defendeu e tentou resistir e se negar a acreditar na superioridade do inimigo, os japoneses perceberam que necessitavam investir em uma modernização, e assim o fizeram, centralizando seu governo, formando um exército moderno (SALVADOR, 2023).

Com essa modernização o país começou a ficar subitamente mais forte que a China, a ambição dos japoneses só crescia e sua vontade de obter um império colonial para si, nesse período a Coreia que era vassalo da China passava por conflitos internos, chamando ajuda da China e do Japão, com isso ocorria a Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), onde o Japão saiu vitorioso, colocando a Coreia dentro de sua esfera de influência e invadiram a Manchúria ao norte da China. Com isso a China se encontrava sofrendo ataques de diversos países até o final do século XIX, assinando tratados incessantes atrás de diversas humilhações, o que criou um enorme sentimento de descontentamento no povo chines.

Após esta breve contextualização entendeu-se que o início da revolta dos boxers começou no final do século XIX até início do século XX, os boxers eram praticantes das artes marciais chinesas que participavam de uma sociedade chamada de punhos de ferro, nomeados por boxers pelos ingleses que desconheciam o kung fu apenas o box, os nomeando desta maneira²⁶. Com a realidade de grande crise na China no final do século XIX, é pertinente deixar um fato claro, normalmente quando um país está passando por crises severas como a China vinha passando, é natural que a população local por não encontrar soluções no campo racional e viáveis, procure maneiras distintas para solucionar as crises, assim como Salvador (2023) apresenta, uma destas maneiras são os movimentos messiânicos, ou seja, soluções no misticismo, em crenças não convencionais, desta maneira se juntado a grupos

²⁶ Aquilo que os ocidentais chamam de Boxers eram, na realidade, uma variedade de sociedades secretas nascentes: O Punhos de Justiça e Concórdia, também chamados de Boxers Puritanos ou Espíritas; Os Boxers (Punhos) Unidos em Propriedade, Yihetuan, uma ramificação da anterior, mais popular na época do levante; e as Lanternas Vermelhas Cintilantes, formado apenas por mulheres (SANTIAGO, 2015, p. 6-7).

radicais, que mesmo que para quem observar de fora não faça sentido, da para um povo já moribundo de expectativas de mudanças, uma esperança.

Na modernidade como vivemos em um período mais laico com mais informações e tecnologias, quando algo assim ocorre, as pessoas costumam adentrar em movimentos políticos populistas e radicais, como podemos ver em momentos de crises, onde o radicalismo cresce drasticamente, no Brasil vemos isso no período de eleições presidenciais e até mesmo eleições menores como as municipais. Nas sociedades do passado mais supersticiosas, mais primitivas e simples esse caminho geralmente era encontrado no em sentidos místicos algo fora da compreensão, com isso a parcela da população que se rende às essas crenças são as menos instruídas sem um raciocínio e ideologias totalmente formadas.

A China nesta grande crise, como ainda era um povo muito místico e supersticioso, vivendo agora a chegada da modernidade, foram surgindo diversas sociedades de cunho religioso, assim como o Reino Celestial de Taiping explorado anteriormente. A maioria destas sociedades faziam oposição ao comércio estrangeiros e as ações missionárias europeias do cristianismo que tentavam catequizar o povo chines, lembrando que o cristianismo passado por Hong Xiuquan era uma baseado em sua própria ideologia sobre o cristianismo anexado à cultura chinesa.

Os boxers praticantes das artes marciais da segunda metade do século XIX, treinavam com lanças, espadas e seu próprio corpo. Muitos antes da revolta estourar esse grupo de lutadores já atacavam missionários estrangeiros cristãos, embaixadas estrangeiras, pontos comerciais ocidentais numa tentativa de repelir a população ocidental de seu território, pois para eles esse povo era visto como os principais responsáveis pela crise de seu país, algo que não deixa de ser verdade:

Os Boxers provavelmente surgiram no Shandong, terra de origem da Sociedade do Lótus Branco, ancestral comum a todas estas novas sociedades, e no norte de Jiangsu em meados do final do decênio de 1880, durante a ocorrência da Segunda Grande Seca da segunda metade do XIX (1889 – 1891). Disseminam-se por outras províncias, como Hebei, Shanxi e Zhilin, após serem reprimidos pelas forças Qing. As enormes levas de desesperados são por eles, gradativamente atraídas e recrutadas (SANTIAGO, 2015, p. 7).

Os britânicos, americanos e mais povos estrangeiros enxergavam os boxers como rebeldes fora da lei. O governo imperial também os tratava como rebeldes e os perseguiu, afinal a Dinastia Qing no final do século XIX ficou reduzida a um poder local onde basicamente obedecia às ordens estrangeiras. Inclusive em Pequim existiam vilas onde se situavam as grandes embaixadas estrangeiras de onde vinham ordens para o governo imperial:

O estopim, o incentivo final para as revoltas, talvez tenha sido a tomada de terras, dentro dos territórios cedidos às potências, principalmente a Alemanha no Shandong, dos já empobrecidos agricultores destas regiões, e a entrega das mesmas, a chineses que aceitavam a fé dos demônios estrangeiros. Em 1897 inicia-se uma avalanche de ataques aos ocidentais e aos chineses cristianizados. Começam como furtos de propriedades destes, principalmente no Hebei e no Shandong, e, logo depois, passam a assassinato de missionários, destruição de igrejas e outras instalações vinculadas aos estrangeiros, como as fábricas e estações ferroviárias. Apesar das ameaças ocidentais, a dinastia se mantém imóvel, simultaneamente oportunista e cautelosa, vendo seus dois inimigos se destruírem (SANTIAGO, 2015, p. 7).

A situação vem a piorar no governo do imperador Guangxu (光緒, 1871-1908) que foi colocado no poder por sua sua tia, a imperatriz viúva Tseu-Hi²⁷ (慈禧太后, 1835-1908) conhecida como Cixi. Guangxu tinha ideologias liberais, e tinha a intenção de transformar a China em uma país semelhante aos dos ocidentais, no quesito modernidade, semelhante ao Japão, porém a população não se agradavam com as ideias do imperador, ele enxergava os boxers como inimigos do império, e tentou aplicar uma reforma modernizante na China em 1898, orem foi removido do poder por o tinha colocado lá, a imperatriz Cixi, ele ainda tinha o status de imperador, porém apenas seu papel era efetivo apenas no cerimonial quem realmente tomou o poder foi Cixi, até 1908, ano de suas mortes.

Assim que Cixi, assumiu o poder, teve a iniciativa de acabar com a perseguição aos boxer, com isso a sociedade dos boxers que já era algo grande aumentar, esse aumento foi devido também a crises de 1896, onde períodos de muitas chuvas e muita seca destruiu a colheita do povo chinês, gerando um período de muita escassez e fome, a partir disso a insatisfação popular aumento alarmantemente, os boxers receberam um suporte popular gigantesco, muitos jovens se juntaram as academias de artes marciais, onde florescia um sentimento anti-estrangeiro, e neste momento tem a eclosão da revolta/rebelião dos boxers.(SALVADOR, 2023)

O conflito dos boxers contra as forças estrangeiras tomam uma grande proporção, mesmo a Dinastia Qing tentando controlar os rebeldes por mando dos ocidentais, nenhum esforço era suficiente, pois os soldados da Dinastia Qing eram chineses comuns e tinham consigo simpatia por causa dos boxers. Os rebeldes conseguem cercar e adentrar Pequim, o conflito foi repleto de muita violência e destruição, com todo o conflito ocorrendo, a imperatriz Cixi decide apoiar a causa dos boxers. No dia 20 de agosto de 1900 o exército

²⁷ A última Imperatriz chinesa, a viúva Tseu-Hi – ou Cixi – foi uma das mais poderosas mulheres de seu país, além de uma carismática governante da Dinastia Qing, de etnia Manchu. Cixi governou a China por quase 50 anos, de 1861 até o ano de sua morte. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/cixi-concubina-que-se-tornou-imperatriz-da-china.phtml>. Acesso em: 18 de set de 2023

imperial da China, reuniu seus armamentos como canhões e iniciou um bombardeio contra as forças estrangeiras.

Por um certo momento houve uma esperança de que o povo chinês iria enfim derrotar as forças ocidentais, porém muitos dos países estrangeiros vendo que a situação da rebelião estava crítica decidiram unir forças para combater a revolta dos boxers, dentre esses países estrangeiros estava a Rússia, Japão, Grã-Bretanha, Império Austro-Hungaro, Estados Unidos, França, Alemanha e Itália, derrotando os boxers e salvando seus diplomatas na capital chinesa.

As grandes potências industriais – EUA, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Áustria-Hungria, Rússia e Japão – que detinham cidadãos seus retidos nas legações, montaram uma aliança militar de última hora, a Aliança das Oito Nações, e combinam os recursos disponíveis por cada uma delas na Ásia, aproximadamente 20 mil soldados, a maioria japoneses, devido a maior proximidade do país, e iniciam ataques às cidades e fortificações chinesas, mesmo antes de uma declaração de guerra formal pela Dinastia, que dá resposta aos ataques, e passa a apoiar os boxers. Mesmo com a entrada oficial do Estado Qing diretamente no conflito, os governadores do Sul, da região abaixo do rio Yang-tsé, não responderam ao chamado às armas, deixando a dinastia e o norte à sua própria sorte. O conflito entre o Império Qing e a Aliança das Oito Nações foi amplamente noticiada no Ocidente, possivelmente, pela ânsia de se saber o quê acontecerá às pessoas nas Legações, por mais que a maioria pensasse que todos os que estavam lá já estariam mortos. Com a iminência de um cerco e invasão a Pequim, entre agosto e setembro de 1900, a família Imperial foge para Xian, no Shaanxi, mais uma vez, deixando os generais para comandar suas tropas na resistência, que dura até o ano seguinte, o que foi impressionante se tendo em vista a grandiosidade do inimigo enfrentado, além de funcionários e príncipes para negociar com os estrangeiros em caso de derrota, o que vem a se concretizar. Os retidos nas legações são salvos, para a surpresa dos resgatados e resgatadores, ainda durante o andamento do conflito, em 1900, tendo o cerco, pelos chineses, durando de 29 de junho a 14 de agosto de 1900, 55 dias ao todo. A guerra ainda se prolonga até o ano de 1901, com o ataque da Aliança a várias cidades importantes da região do Zhilin, Tianjin, entre elas, e culmina na captura de Pequim, uma segunda vez, pelas forças estrangeiras (SANTIAGO, 2015, p. 8-9).

Com a derrota a imperatriz acaba fugindo da cidade, pois a ofensiva dos estrangeiros tomou proporções gigantescas, bombardeando e destruindo diversos pontos e monumentos históricos da China, uma grande quantidade de patrimônio cultural chinês foram destruídos, além disso, os estrangeiros saquearam o território chinês e estupraram mulheres chinesas que se encontravam indefesas logo após a derrota, estima-se, que uma média de 100 mil civis perderam suas vidas na batalha de Pequim. A China teve de assinar um tratado de paz com os estrangeiros, “o protocolo boxer” (SANTIAGO, 2015):

Para a China as consequências foram graves: a elevada mortalidade de chineses, destruição de várias cidades no Zhili, incluindo Pequim, e ao longo do Golfo Amarelo, a destruição das já reduzidas plantações, demolição de importantes fortificações militares na região de interesse ocidental no Norte, bem como a perda das ferrovias construídas com recurso nacionais (SANTIAGO, 2015, p.9).

A participação das mulheres na Revolta dos Boxers se dá pela Imperatriz Cixi (A Imperatriz de Ferro), que como já mencionado, governou a China por muitos anos. Cixi teve uma criação mais liberal se comparar com a criação das meninas do povo Han. Cixi, em uma família manchu, grupo étnico da Manchúria, que apesar de ser uma minoria deteve o poder na China por quase três séculos durante a dinastia Qing, os manchus tinham uma cultura diferente dos Hans, que era o grupo étnico majoritário na China, o grupo de Cixi não adotavam a prática dos pés de lótus, tradição da qual muitas meninas praticavam no período. Os manchus também permitiam que as mulheres ocupassem posições de poder em suas tribos, diferentemente dos Hans que defendiam a ética feudal na qual a mulher deveria servir e obedecer o pai durante a juventude, ao marido durante o casamento e ao filho homem no caso se tornar uma viúva.

Em 1851, com apenas 16 anos, Cixi entrou na corte do Imperador Xianfeng (1831-1861), como sua concubina²⁸, em 1856 teve o seu primeiro filho. Em 1861 o Imperador vem a óbito, desta maneira seu filho assume o trono, antes de morrer Xianfeng separou oito ministros regentes para governar o império durante a menor idade de seu filho. porém após um golpe no palácio o poder do reino passa para a mãe imperatriz viúva Cian, e divina mãe Imperatriz viúva Cixi. Esses regentes continuariam com as políticas do falecido Imperador de manter as portas da China fechadas.

Durante 12 anos as Imperatriz desfrutaram de um período compartilhado exercendo o poder por trás de cortinas, pois os ministros não tinham o direito de ver as imperatrizes. Cixi tornou-se uma governante de fato em um momento em que a China vivia um grande dilema em manter o seu modo de vida tradicional isolada do resto do mundo ou ceder às pressões vindas dos estrangeiros ocidentais. Em 1881 a Imperatriz Cian morreu repentinamente, Com sua morte Cixi pode exercer um poder irrestrito. Neste mesmo período a Imperatriz viúva já havia acumulado um grande patrimônio pessoal, em uma época de crescente crise financeira na China a Imperatriz construiu uma série de extravagantes construções pelo território mas também trabalhava em prol do país avançando na modernização da China.

Mesmo que Cixi tivesse sido responsável por uma grande modernização do território chinês desde 1861 quando chegou ao poder do império, suas realizações e conquistas eram sempre atribuídas aos homens ao seu redor. Ainda em 1881, Cixi começou a governar de

²⁸ O concubinato é outra instituição da China imperial que reforçou a posição subalterna da mulher na sociedade. As concubinas eram tratadas como propriedade do homem e podiam ser vendidas ou dadas como presente. Normalmente, as jovens se tornavam concubinas depois de serem vendidas por suas próprias famílias a homens de classe social mais elevada. O limite para o número de concubinas era dado pela fortuna do dono, que podia ter tantas quantas pudesse sustentar. Essas mulheres viviam na mesma casa da família e deviam obediência à esposa legítima (DANTAS, 2019, p.58).

maneira mais firme, proibindo que os cidadãos chineses estudaram no exterior por conta de ideias liberais da qual a mesma não concordava, vetou os planos e propostas para uma vasta inovação ferroviária que abriria grande parte da China, pois alegava que seria um importante para os falecidos imperadores.

Um ato muito importante para o movimento feminista nesse período foi o fato da Imperatriz terem seus planos uma tentativa de melhorar a educação para as meninas chinesas e a proibição da mutilação das ataduras do pé de lótus. A imperatriz não tinha uma fama tão boa entre a população seus planos não eram executados de maneira eficiente para o povo, como no caso da revolta dos boxers. Sua soberania durante a última dinastia da China, em meio às diversas rebeliões e período de decadência do território chinês, trouxe um marco na história Chinesa. Desse modo, Dantas (2019) ressalta:

Vale ressaltar na história da China, a importância de Cixi, uma concubina que alterou os caminhos do império. Segundo Chang (2014), a imperatriz viúva Cixi (1835-1908) é a mulher mais importante da história chinesa. Tendo governado o país por décadas, ela hoje é considerada a principal responsável por ter conduzido o império medieval à era moderna. Foi a responsável por implantar os atributos de um Estado moderno, como a indústria, ferrovias, eletricidade e novos armamentos, e mesmo por avanços como a abolição de torturas milenares e o reconhecimento dos direitos das mulheres (DANTAS, 2019, p.59).

Uma mulher comandando e tendo liberdade de governar o povo e se auto governar foi algo que chamou a atenção de futuros pesquisadores da luta e conquistas das mulheres chinesas para a emancipação. Contudo, Cixi marcou mais uma presença feminina do que realmente feminista, pois ela foge das construções feministas, sendo uma pessoa conservadora e não tendo participado de fato de lutas revolucionárias. O fato a ser observado é que na revolta dos Boxers não apareceram muitas mulheres, porém nesse mesmo período tiveram mulheres que abraçaram as causas do ideal republicano (que também era uma dos objetivos dos boxers, derrubar a Dinastia), se juntando ao movimento de renovação da China, acontecimento apresentado no último capítulo.

4. O CRESCIMENTO DO FEMINISMO CHINÊS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DA CHINA REPUBLICANA.

De 1901 até 1916, se inicia na China a revolução republicana, abrindo oportunidade para um novo equilíbrio doméstico do poder, e o crescimento do movimento feminista chinês. Um aspecto importante que aclimatou e gerou grande impacto na liderança e participação da mulher nas lutas revolucionária, influenciando na vida de todo o povo chinês “foram as condições muito conturbadas do tempo histórico que os chineses chamam de “tempo da

humilhação”: das guerras do ópio (metade do século XIX) até 1949” (DABAT, 2017, p.3). No início do século XX após a derrota das forças de expedições das importantes potências territoriais acabava a última dinastia da China, em razão de não haver outro regime que pudesse ficar no lugar da dinastia Qing.

A população chinesa e estrangeira decidiu pelo fim das dinastias. Os últimos suspiros da Dinastia foi um processo de decadência sofrido pelos desgastes das intervenções externas e revoltas internas, sem uma capacidade de restauração ampla. Deste modo o ano de 1911 foi um marco para a China pois país iniciaria uma grande mudança política no seu funcionamento, uma série de novas propostas ofertadas, pois era um governo na qual ela nunca tinha implementado anteriormente, e foi decorrente de novas ideias de reformas de uma nova classe, de uma nova geração, porém não foi fácil, pois a realidade política militar e social da China era vasta e bastante complexa (UNZER, 2020):

Esse período teve nitidamente dois focos diferentes. Sob o foco cultural, assistiu a uma afluência de mercadorias, ideias e costumes estrangeiros nunca antes tão abrangente. as influências da modernidade juntavam-se as influências de diversas Nações específicas. tudo estava mudando. no entanto, sob o foco político social, permaneciam vários traços característicos de vacância do Trono entre as dinastias. a uma tentativa fracassada de reviver o império seguiu-se uma década regida por Senhores da Guerra que instaurou desordem no país, enquanto os estrangeiros desempenharam papéis econômicos e administrativos fundamentais nos portos signatários do Tratado de comercialização. isso Serviu de inspiração para a Revolução nacionalista contra o imperialismo estrangeiro, que foi acompanhada, em um início bastante agressivo de uma revolução social que visava mobilizar as massas de agricultores em defesa da terra (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008, p. 239).

Uma das figuras importantes neste período era a figura do general Li Yuanhong (1864-1928), Li tinha adquirido bastante prestígio em seu período como general na Dinastia Qing, que inclusive lutou contra a revolta dos Boxers. Ele se junta a uma revolta ao lado de alguns jovens oficiais militares em Hubei, onde ocorreu uma série de motins militares, onde angariou um apoio das grandes cidades, principalmente por republicanos, que já vinham querendo a China em uma nova esfera.

Nesse momento nota-se uma confluência de fatores, cidades industriais no curso do rio, uma nova mentalidade dos militares sobre reformas, muitos decorrente da insatisfação sobre a maneira em que a China foi humilhada diante dos japoneses em 1895, na Guerra Sino-Japonesa, e também uma nova classe geracional urbana que pregava as reformas republicanas, essa nova classe vinha com ideais ocidentais, dentre eles haviam jornalistas, estudantes, mulheres, intelectuais que tiveram contato com as ideias do Ocidente, como a democracia da república, e enxergam nessas ideias a solução para a China. Esses intelectuais

afirmavam que a China estava bastante atrasada, presa ao século XIX, comandada por uma etnia Manchu que era considerada estrangeira que defendia arcaicamente a ortodoxia confucionista. Nesse sentido é nítido notar o aflorar de novas ideias de um novo caminho para uma nova China, porém essas novas ideias faz estourar uma série de revoltas, a maior delas foi entre militares e acaba se propagando por mais cidades, com um espírito anti-manchu.

Em 1912 ocorre a primeira eleição onde uma assembleia nacional na China, onde é decidido pela maioria dos membros, dominados pelos nacionalistas, onde eventualmente nomeiam o republicano que tinha ideias de reformas republicanas, e havia vivido muitos anos como médico nos EUA, estudados no Japão, o médico Sun Yat-Sen (1866-1925), que tinha defendido e proposto o republicanismo no território chinês. Seu posto foi dado com o intuito de dar um fim formal à última dinastia chinesa (UNZER, 2020).

O caminho em direção à democracia após Sun Yatsen começa a ter problemas, pois a China não tinha condições sólidas e sustentáveis para consolidar uma democracia, por ser um caminho vasto de contradições e diversas lealdades antigas dentro do cenário político. O que o povo mantém consigo um grande descontentamento em relação à tradição imperial, algo que se mostrou bastante evidente no início do século XX, mas não significava que teria as condições para uma transição sustentada por uma democracia, uma república, existiam alguns fatores para tal, sendo eles: (1) em primeiro seria a relativa suavidade com que a Dinastia Qing tinha de chegar ao fim de maneira abdicada; (2) em segundo, Sun Yatsen ter renunciado ao seu cargo de presidente, o que acabou abrindo brechas para a entrada de Yuan Shikai (1859-1916, militar considerado indispensável para restaurar a ordem nacional) intervir na política nacional; (3) e em terceiro, o fato de Yuan uma vez vendo-se na liderança, inicia uma perseguição aos opositores, ir contra qualquer tipo de reforma constitucional que limitava o poder executivo no âmbito da câmara legislativa, automaticamente se revelando um autocrata, fazendo valer mais suas convicções militares autoritárias, do que propriamente revelando-se um republicano:

O quadro de convulsão social no qual se encontrava a China e a incapacidade da dinastia Qing em fazer frente às potências imperialistas, levou a emergência do Movimento Republicano, no começo do século XX, a partir da iniciativa de intelectuais chineses exilados no Japão. Juntos, criaram a chamada Liga Jurada, baseada nos três princípios do povo, quais sejam: nacionalismo (a derrubada da monarquia), democracia (segundo o modelo descentralizado dos Estados Unidos) e um bem-estar vago. Essa organização, cujas atividades eram calcadas na propaganda em tentativas de insurreições Armadas, era liderada por Sun Yat-sen e consistia no embrião do que viria a ser o Guomindang (partido nacionalista). após várias tentativas insurrecionais, na denominada revolução de 1911 ou revolução Xinhai, a Liga Jurada logrou êxito em derrubar a dinastia Qing e implantar um regime republicano na China, o qual foi marcado desde o início por forte instabilidade política, decorrente das lutas internas do aparelho partidário e pela ampliação dos

poderes dos Senhores de terras locais, os quais, na Ausência de um poder Central forte, passaram a criar milícias particulares e a digladiarem entre si na ânsia por ampliar seus domínios, convertendo-se no chamados “senhores de guerra” (PARNOV, 2020, p. 29).

Nesse momento em que a China passava por suas primeiras décadas da revolução republicana, é notável um crescimento do feminismo chinês no país. Frente aos embates que a China passou em seus últimos séculos dinásticos, com embates entre diversas potências e forças internas e externas. O movimento revolucionário não perde seu protagonismo, nem mesmo o fato da participação de feministas revolucionárias. A participação das mulheres nas lutas revolucionárias chinesas é algo esquecido ou mal retratado na maioria das vezes, em que autores (em sua maioria, homens) retratam o período de revoltas e rebeliões em meio à temática das revoluções chinesas. No entanto, a participação feminina é incontestável e reconhecida, mesmo que menos conhecida, por conta de uma escassez em material de fácil acesso. Dabat (2017) ressalta as preocupações similares entre as feministas chinesas e feministas ocidentais, no fim do século XIX, e sob o lado circunstancial traz também diferenças:

No final do século XIX, as preocupações das feministas chinesas e da época vitoriana tinham aspectos similares àquelas de suas contemporâneas na Europa e nos Estados Unidos, com movimentos em grande expansão, seja na dimensão do sufrágio, seja no movimento operário. Mas, sob o ângulo das circunstâncias concretas deste engajamento, havia grandes diferenças. Com efeito, a realidade que enfrentavam e queriam mudar na China era incomensuravelmente mais adversa, em termos da situação semi-colonial do país e da condição da metade feminina de sua população (DABAT, 2017, p. 1).

O período da revolução republicana é marcada pela presença de personalidades importantes para o feminismo chinês, que serão citadas nos subtópicos seguintes. O modo de agir destas mulheres em meio esse período caótico de mudanças, em diversas frentes, suas ações eram rodeadas de responsabilidades para aplicar o que cada uma queria passar. Essas mulheres vinham representando todos os tipos de mulheres, sendo elas, ricas, famosas, classes sociais baixas, diferentes idades, do partido nacionalista (Guomindang), que enfrentaram e vivenciaram os costumes e a ética feudal de seus ancestrais, e também do povo estrangeiro.

As mulheres revolucionárias estavam cada vez mais focadas nas causas femininas, em busca de igualdade e equidade, uma sociedade justa para o povo, incluindo principalmente as mulheres. Entre essas mulheres estavam “a anarquista He Zhen, Deng Yinchao e He Xiangning, as duas últimas ocupando, como Soong Qingling, altos cargos na República Popular da China” (DABAT, 2017, p. 2). De acordo com Dabat (2017) a sensibilidade feminina permitia que elas tivessem uma visão mais ampla da situação em que viviam no período, como enxergar além das diferenças culturais e de nacionalidade. Com esse fato é

pertinente colocar que estas mulheres já haviam praticado uma dimensão e viés internacionalista, em meio ao movimento revolucionário.

4.1. As mulheres chinesas e a tentativa de modernização da China.

A tentativa das mulheres chinesas em trazer uma modernização à China, vem com o despertar da consciência revolucionária. No caminho para a modernização, a chegada de potências estrangeiras, e a série de humilhações que o território chinês passou, com tratados desiguais, uma crise nacional que se arrastou por décadas, fez com que dezenas de pessoas se mobilizassem de distintas maneiras para salvar o país. Existia um conjunto de tarefas rotineiras que foram determinantes para a queda ou ascensão da China, Pan e He (2020), trazem o questionamento se as mulheres são responsáveis pela ascensão ou queda do território:

Foi só na grande revolução que as mulheres perceberam que “os movimentos de mulheres chinesas, que tinha características do movimento revolucionário nacional, e estava sob uma dupla opressão dos imperialistas estrangeiros e os senhores da guerra do norte, não podendo ter uma base para a existência de mulheres nos direitos humanos, a menos que os direitos humanos e os direitos civis sejam primeiro reconquistados para a China” (PAN; HE, 2020, p. 5, tradução livre).²⁹

Neste meio tempo, houve uma percepção por uma pequena parcela da população que para salvar seu país e seu povo, não era uma responsabilidade exclusiva dos homens, mas uma responsabilidade de todo o povo chinês, o que naturalmente inclui as mulheres. Antes mesmo da crise nacional chinesa se agravar mais, as mulheres já vinham mostrando suas opiniões e atitudes políticas e revolucionárias, quando doaram seu tempo e vida às causas progressistas em um caminho por direitos iguais e liberdade.

Em 1922, o ministério das mulheres foi estabelecido de maneira formal, após a fundação do partido comunista, nesse momento o trabalho das mulheres vinha ganhando bastante destaque e atenção. A libertação feminina nesse período é considerada uma essencial libertação do proletariado, pelo partido comunista chinês (PCC), que por consequência trouxe um fortalecimento às forças revolucionárias do partido.

No final de 1924 o PCC já tinha 109 membros, no qual 7 desses membros eram mulheres, representando 6,4% de seu total. Após o movimento de 4 de maio, o partido aumentou seu número de membros em 1.080, desta maneira a participação das mulheres também, que passaram a representar com 186 membros femininos, 17,2%. “Em abril de 1926,

²⁹ It was not until the great revolution that women realized that “the Chinese women’s movement, which had taken the characteristics of the national revolutionary movement and was under the dual oppression of the foreign imperialists and the northern warlords, could not have a basis for the existence of women’s rights unless human rights and civil rights were first won back to China.” (PAN; HE, 2020, p. 5, tradução livre).

havia 1.809 membros do partido em Xangai, dos quais 383 eram mulheres, contabilizando para 21,2%” (PAN; HE, 2020, p. 5, tradução livre).³⁰

Um dos movimentos importantes para a modernização da China e da mulheres chinesas é o movimento de 4 de maio, que é considerado um marco do início da revolução chinesa, e também contemporaneidade no país, pois foi nesse momento em que a população se articulou questionamentos sobre a vida e formação social da China, nos planos culturais, políticos e econômicos:

Em 1919, o Tratado de Versalhes transferiu a zona de ocupação alemã no país para o Japão, demonstrando que o estatuto de semi-colônia da China não havia sido alterado. Esse fato gerou intensas reações, sobretudo de intelectuais, estudantes e artistas chineses e desembocou no chamado Movimento de 4 de Maio de 1919, o qual dedicou-se a questionar a interferência externa e o atraso do país, especialmente no âmbito dos costumes e da cultura. Vale ressaltar que inclusive a opressão feminina e dos jovens passou a ser alvo de questionamentos, uma vez que eram entendidos como resquícios arcaicos e, por conseguinte, entraves à modernização do país (PARNOV, 2020, p. 30).

Momento da história chinesa, a proporção de mulheres membros do partido aumentava gradativamente mais, ganhando um significado simbólico para as mulheres que participavam da revolução. Os pensamentos das mulheres tinham um caráter de liberdade social e individual, pois durante toda sua história até aquele momento o grupo era explorado e oprimido, restringido por ideias, educação e condições de vida patriarcais. E com a nova propagação de novos ideais, a liberdade feminina foi muito mais valorizada pelas mulheres jovens o que fazia um sentimento de seguir com as novas ideias revolucionárias que vinham surgindo. As mulheres que faziam parte dos movimentos revolucionários expunham cada vez mais o tratamento desigual que era imposto por homens e pela sociedade nas mulheres, um longo caminho de opressões e explorações sem nenhuma dignidade ou liberdade.

Levando e inspirando novas mulheres a continuarem na busca por uma modernização no período revolucionário, aproveitando de um espaço recém conquistado onde mulheres eram ouvidas e suas trajetórias levadas em consideração. “Ao se integrarem na luta revolucionária, as mulheres armaram-se de ideias, definindo suas atitudes políticas e elevaram os seus sentimentos nacionais para exigir uma melhor e mais digna existência”(PAN; HE, 2020, p. 5, tradução livre).³¹

³⁰ By April 1926, there were 1,809 party members in Shanghai, of whom 383 were women, accounting for 21.2%. (PAN; HE, 2020, p. 5, tradução livre).

³¹ By integrating themselves into the revolutionary struggle, the women armed themselves with ideas, defined their political attitudes, and raised their national sentiments to demand a better and more dignified existence (PAN; HE, 2020, p. 5, tradução livre).

As mulheres se mostravam muito mais determinadas que diversos homens dentro dessa revolução, pode ser levado em razão ao novo espaço que agora elas ocupavam, como o primeiro despertar entre mulheres por direitos de igual e equidade, as mulheres foram suas próprias pioneiras e salvadoras na luta pela libertação. Desta maneira, suas escolhas sobre qual causa se responsabilizará dentro da revolução, trás os frutos de uma busca incessante de uma missão de liberdade das mulheres chinesas:

O destino de várias personalidades ilustra esta asserção. Como todas agiam em várias frentes, com responsabilidades importantes, não seria possível invocar, mesmo sucintamente, tudo o que cada uma empreendeu. Por isto, colocar-se-á em evidência apenas uma destas diversas atividades para cada uma, mostrando desafios e riscos enfrentados, pois todas sofreram exílio ou prisão e duas foram executadas por suas atividades militantes. Poderia se distinguir quatro áreas principais de atividade nas quais todas elas se ilustraram (DABAT, 2017, p. 2).

Nasciam importantes nomes dentro do movimento feminista, entre ela estão: (1) Qiu Jin (1875-1907) que iniciou uma nova forma da mulher ser vista frente ao antigo modelo do confucionismo, se libertando de padrões estipulados numa ética feudal, teve uma grande influência no engajamento nacionalista e também feminista e social, acabou perdendo sua vida pela causa; (2) outro nome foi a de Xiang Jingyu, pioneira das mobilizações de trabalhadoras mulheres em movimentos, sindicatos e uniões, Xiang seguia ao lado comunista dos esforços da revolução; (3) No campo dos direitos humanos e ajuda aos refugiados em diversas atividades de cunho humanitário tem o nome de Song Qingling esposa de Sun Yatsen e fiel às ideologias políticas de seu marido; (4) dentro de atividades militantes dentro do PCC, especificamente em áreas rurais afastadas, com um grande cunho artístico, tem o nome da escritora Ding Ling, sua proficiência e importante posição e voz enquanto mulher lhe resultam alguns atritos com a direção do partido ao longo de sua vida, mas nada que a fez cessar com suas atividades pelo movimento. (DABAT, 2017):

Tomemos a situação da mulher. Nenhum partido democrático do mundo, em nenhuma das repúblicas burguesas mais progressistas, realizou a esse respeito em dezenas de anos nem mesmo a centésima parte daquilo que nós fizemos apenas no primeiro ano de nosso poder. Não deixamos literalmente pedra sobre pedra de todas as abjetas leis sobre as limitações dos direitos da mulher, sobre as restrições do divórcio, sobre as odiosas formalidades às quais estava vinculado, sobre a possibilidade de não reconhecer os filhos naturais, sobre investigação de paternidade etc., leis cujas sobrevivências, para vergonha da burguesia e do capitalismo, são muito numerosas em todas os países civilizados. Temes mil vezes o direito de estar orgulhosos daquilo que fizemos nesse terreno. Mas quanto mais limpamos o terreno do entulho das velhas leis e instituições burguesas, melhor vemos que com isso apenas limpamos o terreno para construir e não empreendemos ainda a própria construção. (Lênin apud DANTAS, 2019, p. 63).

O movimento feminista chinês, e o feminismo ocidental iniciam uma série de pontos de convergência, em razão de pontos de grande diversidade, iniciativas e tópicos discutidos.

Dabat (2017), coloca uma divergência como prova do sucesso das mulheres de ferro chinesas que as antecederam. As mulheres chinesas do passado com sua competência e esperança que sua luta traria bons resultados para a causa feminista no futuro, a coragem dessas mulheres do passado permitiu mais liberdade e direitos sociais para mulheres contemporâneas, incluindo suas descendentes, filhas e netas.

As mulheres chinesas da atualidade foram afortunadas com a liberdade conquistada em um longo histórico de lutas de suas antepassadas. Mesmo que na atualidade essa nova geração de feministas venham enfrentando novas lutas e desafios, as conquistas herdadas é a porta aberta pelas primeiras mulheres revolucionárias, que batalharam pela perpetuação de um caminho dentro do movimento feminista chinês. A participação das mulheres nas lutas revolucionárias chinesas foi de extrema importância, não apenas nas mudanças mais incisivas e dramáticas que a população feminina enfrentava, mas todas as pequenas conquistas traziam uma diferença e um caminho para a modernização, a obstinação e inteligência das mulheres chinesas foram pertinentes para o nascimento e crescimento dos movimentos feministas da China.

4.2. As lutas revolucionárias republicanas e o protagonismo das primeiras revolucionárias chinesas.

Do final da Dinastia Qing até à República da China, a discussão sobre os direitos das mulheres baseava-se em quatro questões: amarração dos pés (pés de lótus), acesso feminino à educação, participação na força de trabalho e participação nas decisões governamentais. Mesmo que os intelectuais do sexo masculino apelassem à abolição da mutilação do pé das mulheres e defendessem a educação das mulheres, a maioria dos acadêmicos homens não demonstraram um real interesse em defender a participação política das mulheres. As feministas chinesas defendiam arduamente a causa, porém não conseguiam ganhar muita atenção. (SHEN, 2016):

Enquanto os empresários chineses, como os liberais da Nova Cultura, pretendiam permanecer fora da política e do serviço público, alguns dos ativistas do quatro de Maio foram induzidos a procurar um novo poder estatal. Embora formados na ala acadêmica da Nascente sociedade civil chinesa, eles se entregavam ao antigo esforço de criar um novo governo que fosse capaz de trazer unidade ordem social riqueza e poder para a China (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008, p.256).

A partir de 1911 a situação das mulheres na política foi posta em pauta. O primeiro presidente da República da China, após o fim da Dinastia, Sun Yatsen, expressava apoio na causa feminina, sob influência dos direitos naturais e o que a contribuição das mulheres traria

para suas ideologias revolucionárias. Nos países ocidentais como França e Estados Unidos, que eram enaltecidos por sua civilização moderna, e o lugar onde existiam os maiores defensores das causas feministas, ainda não tinha sido concedido às mulheres os direitos naturais, que na China já tinham começado a ser postos em pauta:

No Império Britânico, na França e nos Estados Unidos, por exemplo, as mulheres ainda eram excluídas do governo. Neste contexto internacional, a defesa da participação das mulheres no governo e da igualdade de gênero tornou-se uma questão fundamental a ser considerada na construção do sistema estatal da China. O foco do debate desviou-se para saber se o facto de as mulheres estarem no governo era bom para um país “civilizado”. Um correspondente que usava o pseudónimo de Kong Hai opôs-se às mulheres, alegando que as mulheres não tinham tanto conhecimento como os homens, que a política não era feita para as mulheres e que traria crises à vida familiar. Ele tentou provar a legitimidade da desigualdade de gênero citando diferenças inerentes entre os sexos (SHEN, 2016, p.4, tradução livre).³²

A teoria do direito natural perdeu a sua base na tese de que se uma mulher quiser servir o seu país, ela tem a “obrigação” de primeiro tornar-se mãe ou esposa. Depois que Yuan Shikai assumiu o governo de Sun Yat-sen em 1912, seu envolvimento com as mulheres diminuiu. Após o estabelecimento da República da China em 1912, a ideologia social tornou-se conservadora e reacionária. Os apelos à participação política das mulheres foram rejeitados e rejeitados, e os meios de comunicação social enfatizaram o papel das mulheres como esposas compreensivas e mães zelosas. (SHEN, 2016).

Ao contrário de diversas opiniões opostas sobre a participação política das mulheres, nenhum homem ou mulher criou uma oposição à entrada das mulheres no mundo do trabalho. Neste período, muitas mulheres trabalhadoras foram até idolatradas como “mulheres modernas”. No começo da era republicana, a entrada das mulheres no mundo dos negócios foram influenciadas, principalmente, pelo nacionalismo e pelo patriotismo. As mulheres tentaram abrir os seus próprios estabelecimentos para contribuir para o desenvolvimento do país. De 1915 a 1923, a pauta do movimento das mulheres mudou para a luta pela independência pessoal, incluindo a independência econômica. Nesse período, os empresários, ainda patrióticos na época, focaram no atendimento ao público, principalmente na criação de empregos diversas mulheres (SHEN, 2016).

³² In the British Empire, France, and the United States, for instance, women were still barred from government. Against this international backdrop, advocacy for women’s participation in government and gender equality became a key issue to be considered in building China’s state system. The focus of the debate veered towards whether women being in government was good for a ‘civilized’ country. A correspondent who went by the pseudonym Kong Hai opposed women doing so on the grounds that women were not as knowledgeable as men, that politics was not meant for women, and that it would bring crisis to family life. He tried to prove the legitimacy of gender inequality by citing inherent differences between the sexes (SHEN, 2016, p.4, tradução livre).

Shen (2016) traz que em 1930, durante a Grande Depressão, as empresas começaram a contratar mulheres para cortar custos. As mulheres foram inseridas em profissões anteriormente dominadas por homens, criando ainda mais polêmica. Ao mesmo tempo, à medida que os intelectuais defendiam cada vez mais a independência econômica das mulheres, crescia a oposição à entrada das mulheres na força de trabalho. Os opositores questionam os motivos das mulheres para procurarem trabalho e expressam preocupação com as consequências.

A situação entre as feministas revolucionárias chinesas do início do século XX, se mostrava complicada tanto quanto as das feministas ocidentais. Sendo mulher, a longa luta dentro do movimento feminista estava cada vez mais custoso, pois elas tinham que equilibrar as mudanças revolucionárias com sua vida no âmbito pessoal. Sua luta acabou ganhando mais uma pauta, estudar uma maneira da sociedade resolver os problemas sociais sem interferir nos específicos às mulheres.

Pois a sociedade chinesa tradicional, particularmente rural, era ferozmente anti-feminista. Às mulheres eram reconhecidas poucas capacidades e direitos. Apenas nas classes dominantes e alcançando idade avançada, elas poderiam eventualmente gozar de alguma autoridade, enquanto viúvas, sobre seus filhos e, sobretudo, suas noras, no âmbito doméstico (DABAT, 2017, p. 4).

Mesmo que neste ponto as mulheres chinesas já tivessem conquistado vários direitos ao longo de sua história, os desafios contavam a surgir para as mulheres, principalmente aquelas que viviam áreas rurais do país. O grande histórico de repressões é violências vivenciadas pela metade da população feminina desde seus primeiros anos de vida, com seus pés marcados por uma prática cultural regada pelas leis do patriarcado, a situação era mais difícil. As conquistas que o movimento feminista tinha trazido para a vida das mulheres não era usufruído por todas, como por exemplo, as camponesas, que além de ficarem longe dos grandes centros, onde uma grande modernização já havia chegado tanto para a sociedade quanto para o novo estilo de vida das mulheres, tinham a mentalidade do antigo modo de vida feminino, sendo sujeitas ao antigo modo de vida. A amarração dos pés durou por um longo tempo mesmo após sua proibição. (DABAT, 2017).

O momento em que o despertar da consciência feminina no geral não foi uma luta fácil, mas o feminismo chinês ocorreu em um ambiente ainda pior. Desde o período dinástico a China vinha enfrentando a mais de um século, guerras ininterruptas, a invasão de povos estrangeiros trazendo grandes humilhações, as rebeliões e revoltas internas de seu próprio povo, o levante popular contra repressões estrangeiras, entre diversas outras devastações

dentro da China. Mesmo após o fim do império chinês, os conflitos pelo mundo interferiram no funcionamento e reestruturação do país, por exemplo:

Durante a Segunda Guerra Mundial (iniciada na Manchúria em 1931 e em 1937 na China propriamente dita), contra um invasor japonês aliado dos nazistas e proclamando similar ideologia racista; por fim, a subsequente guerra civil contra as forças de Chiang Kaishek (apoiado pelos Estados Unidos). (DABAT, 2017, p. 4).

Esta série de conflitos e a grave turbulência econômica que se seguiu tinham esgotado a China quando esta foi declarada República Popular em 1949. Até a Índia, recentemente libertada do domínio britânico, parecia rica em comparação à China. Porém, a evacuação de territórios de vários inimigos, tanto nacionais como estrangeiros, foi conseguida com a ampla participação do campesinato, incluindo metade das mulheres, apesar da sua posição subordinada na sociedade patriarcal tradicional. A vantagem que motivou a participação das mulheres chinesas na revolução foi que estas pessoas viram oportunidades de mudança no movimento revolucionário, incluindo aspectos que as afetavam como mulheres. No palco da Revolução Chinesa aparecem constantemente figuras femininas importantes para a história.

As mulheres chinesas tinham diversos direitos e liberdades a serem conquistadas, mas era inviável conseguir todas de uma só vez. Desta maneira, Dabat (2017) coloca, que juntamente com os seus aliados, as mulheres lutaram por direitos básicos como a vida livre, a integridade física e a educação igualitária. Isso ocorria porque estes não eram garantidos na sociedade tradicional. Os direitos democráticos civis, como o direito de voto, os direitos de propriedade privadas sem a autorização de uma figura masculina, e a liberdade de circulação, também não se aplicam.

Na verdade, a ideologia confucionista valorizava apenas a metade masculina da população. As meninas, ao contrário de seus parentes homens, como irmãos, nem sequer desfrutavam de integridade física, por o costume de amarrar os pés perpetuado nas variadas classes sociais. Por esta razão as iniciativas para trazer seus direitos e liberdade começaram na raiz do problema, nos costumes e éticas feudais, que ainda assombravam sua realidade.

A introdução de conceitos feministas influenciou inicialmente as mulheres das classes alta e média que viajavam para o estrangeiro e tinham ideias mais progressistas. Eles começaram a expressar suas opiniões sobre as mulheres e a formar seus próprios pensamentos. Ela criou vários jornais e revistas para fornecer informações às mulheres para que mais mulheres pudessem adquirir conhecimento e libertar-se das restrições que as limitavam um lugar para expressar sua opinião (XINRAN, 2019).

O protagonismo das primeiras revolucionárias chinesas, traz importantes nomes na luta pela igualdade de direitos, que marcaram a história do surgimento dos movimentos feministas da China. Dentre essas personalidades está Qiu Jin(秋瑾, 1875-1907)³³, considerada a primeira grande representante dos movimentos feministas modernos. Assim como no blog “China desde el sur” no artigo 秋瑾 Qiū Jīn, feminismo en la China imperial (2021), é destacado que no fim da Dinastia Qing inicia-se uma série de questionamentos sobre as diversas práticas que degradavam o papel das mulheres, desde a venda de bolos à participação política e ao acesso à educação. “A vida de 秋瑾 Qiū Jīn, embora curta, foi uma rebelião raivosa contra um sistema corrupto e opressivo que, como 梁启超 Liáng Qǐchāo (1873–1929) apontou em 1896, estava pronto para entrar em colapso sem mudanças. (CHINA DESDE EL SUR, 2021, tradução livre).³⁴

Qiu Jin, na mobilização da nação contra a Dinastia Qing e as potências externas, em seu papel pré estipulado e moldado de mãe esposa, levou 14 longos anos, esposa e mãe, para construir independência espiritual suficiente para agir de acordo com sua própria autonomia. Durante o exílio no Japão, fundou o primeiro grupo de mulheres chinesas, Gonghai Hui, com visão política nacionalistas e exigências de acesso à educação e à formação profissional. Como escritora, ela escreveu diversas obras, e com seu apreço pela escrita fundou em Xangai o jornal Chinese Women's Journal:

Como era comum na época, o pai de 秋瑾 Qiū Jīn arranhou seu casamento com um homem rico da província de 湖南 Húnán. 秋瑾 Qiū Jīn tinha 21 anos, uma idade considerada velha demais para o casamento. Nas suas reflexões posteriores, ele escreveu sobre a barbárie do casamento arranjado. O casamento era praticamente uma formalidade, pois o marido estava mais interessado em aproveitar a vida com outras atividades não relacionadas à família. Por esse motivo, 秋瑾 Qiū Jīn abriu uma pequena loja e raramente via o marido. Durante esses anos, ela começou a refletir sobre a sua vida e a posição das mulheres na sociedade chinesa. (CHINA DESDE EL SUR, 2021, tradução livre).³⁵

³³El 8 de noviembre de 1875 nació 秋瑾 Qiū Jīn en la provincia de 福建 Fújiàn. Pertenecía a una rica familia de administradores imperiales. Su padre trabajaba en la oficina gubernamental de 厦门 Xiamen y era responsable de la defensa de la ciudad y su madre también provenía de una familia de gobernadores. En esos años, en la provincia de 浙江 Zhèjiāng, las familias adineradas comenzaron a brindar educación básica a sus hijas. El propósito de esta educación era principalmente aprender poesía e costura para entretener a futuros maridos. En su juventud, 秋瑾 Qiū Jīn sintió cierto interés por la poesía, principalmente porque la educación implicaba aprender a leer y escribir, algo a lo que pocas personas, pero especialmente muy pocas mujeres en China, tenían acceso. Sin embargo, las clases de costura nunca lograron llamar su atención.(CHINA DESDE EL SUR, 2021, tradução livre). Disponível em:

<https://www.chinadesdeelsur.com/2021/11/qiu-jin-feminismo-en-la-china-imperial.html>

³⁴La vida de 秋瑾 Qiū Jīn, aunque corta, fue una rabiosa rebelión contra un sistema corrupto y opresivo que, tal como había señalado 梁启超 Liáng Qǐchāo (1873–1929) en 1896, por no introducir cambios estaba pronto a desmoronarse. (CHINA DESDE EL SUR, 2021, tradução livre). Disponível em: <https://www.chinadesdeelsur.com/2021/11/qiu-jin-feminismo-en-la-china-imperial.html>

³⁵Como era común en la época, el padre de 秋瑾 Qiū Jīn concertó su matrimonio con un hombre adinerado de la provincia de 湖南 Húnán. 秋瑾 Qiū Jīn tenía 21 años, una edad considerada muy avanzada para el matrimonio. En sus reflexiones posteriores, escribió sobre la barbarie del matrimonio concertado. El matrimonio fue

Nesse mesmo período outros jornais com intuítos semelhantes foram fundados, todos de cunho revolucionário e ideias de libertação feminina. Com base semelhante ao que vinha ocorrendo em países ocidentais, a introdução de conceitos feministas influenciou muitas mulheres, inicialmente as mulheres das classes alta e média, que já tinham feito viagens para o estrangeiro e tinham ideias mais progressistas inspiradas no feminismo hegemônico. Elas assim como Qiu, começavam dar um passo importante ao expressar suas opiniões sobre as mulheres e a construir suas próprias ideologias. Essas mulheres chinesas progressistas criaram vários jornais e revistas que deram às mulheres uma plataforma para expressarem as suas opiniões, para que mais mulheres pudessem adquirir conhecimento e libertar-se das restrições que as limitavam:

O jornal Progresso da Menina Chinesa (女学报, nǚxuébào) foi fundado em 1898 por Qiu Yufang (裘毓芳, qiú yùfāng) (1871-1904), uma das representantes femininas da revolução democrática. Qiu tinha uma base sólida de estudos chineses e sabia línguas estrangeiras. As suas ideias revolucionárias absorveram elementos progressistas ocidentais, ela defendeu a garantia do direito à educação, liberdade de expressão e participação política; foi a primeira mulher na China dedicada ao jornalismo (Yi, 2003). No entanto, o jornal teve apenas 12 edições. Em 1902, foi republicado por Chen Xiefen (陈撷芬, chén xiéfēn) (1883-1923), promovendo a discussão de vários temas, entre eles: 1. A promoção da igualdade entre homens e mulheres e a liberdade do casamento; 2. A defesa do estabelecimento de escolas femininas e a proteção do direito das mulheres à educação; 3. A defesa do sufrágio feminino (XINRAN, 2019, p. 42).

O jornal empregou mais de 20 escritoras. Assinaram artigos com os seus nomes, abrindo a porta à liberdade de expressão para as mulheres chinesas. Os jornais Progresso da Menina Chinesa eram baratos e estavam disponíveis para pessoas de todas as classes. O seu conteúdo estava quase inteiramente relacionado com a libertação das mulheres, e as ideias progressistas defendidas iluminaram as mentes da maioria das mulheres e foram bem recebidas por muitas. A criação do jornal Progresso da Menina Chinesa mudou o antigo isolamento intelectual das mulheres. Mais importante ainda, registrar o “discurso” das mulheres na China nos séculos XIX e XX, refletindo o processo de crescimento de uma nova geração de mulheres (XINRAN, 2019).

Dabat (2017), Qui Jin também organizava ações nacionalistas secretas "usando suas próprias forças armadas". Ela acreditava que a pátria não tinha futuro sob a proteção do império e afirmava ser uma defensora do caminho revolucionário contra os reformistas. Tal

prácticamente una formalidad, ya que su esposo estaba más interesado en disfrutar de su vida con otras actividades no relacionadas con la familia. Por esta razón 秋瑾 Qiū Jīn abrió una pequeña tienda y pocas veces veía a su esposo. Durante aquellos años, comenzó a reflexionar sobre su vida y sobre la posición de la mujer en la sociedad china.(CHINA DESDE EL SUR, 2021, tradução livre). Disponível em: <https://www.chinadesdeelsur.com/2021/11/qiu-jin-feminismo-en-la-china-imperial.html>

como o seu colega político Sun Yat-sen, defendeu uma mudança social profunda baseada no lema dos três princípios nacionais;(1) Democracia (“fundar uma república”); nacionalismo (“expulsar os manchus e levantar a China”); (3) e o bem-estar do povo chinês (“direitos iguais à posse de terras”). Em um de seus atos, coordenou vários grupos revolucionários anti-Manchu espalhados em Zhejiang.

Em suas palavras, Qiu descreveu as principais frentes nas quais as batalhas deveriam ser travadas. Ela defendeu o que era necessário reforçar a igualdade de gênero e combater a escravidão dos pés das meninas. Outro viés pertinente (também para os jovens) era a liberdade de casar ou não e de escolher um companheiro. Para atingir este objetivo, foi necessário promover qualificações profissionais que permitissem às mulheres tornarem-se economicamente independentes. Ele criticou a sua conformidade, dizendo: "No lugar de se rebelarem contra as suas circunstâncias, elas estão satisfeitas consigo mesmas e aceitam ser escravas dos seus maridos e filhos." (DABAT, 2017).

Dabat (2017), expõe o período em que Qiu é executado por induzir a rebelião contra o império, e sua negação em revelar os segredos e informações sobre a revolução. Sua morte gerou comoção em como uma vida de lutas para a libertação das mulheres nos âmbitos público e privado tenha tido um fim injusto e rápido, pelo seu assassinato prematuro. As principais pautas tanto de Qiu quanto de outras mulheres revolucionárias, que lutavam ao seu lado por uma aplicação de igualdade entre os seres humanos, o que não ocorria, homens e mulheres foram tratados como espécies distintas por séculos.

Tal como nos primeiros discursos do feminismo ocidental, Qiu utilizou factos e esperança para despertar a consciência das mulheres. No entanto, a consciência feminista de Qiu tinha grandes limitações. Ela admirava os heróis masculinos da história, preferia roupas masculinas e gostava de andar a cavalo, fabricar bombas e mirar. Tudo isto mostra que ela imita e desafia os homens e, portanto, a consciência feminista da Sra. Qiu ainda é um sistema hierárquico no qual a dominação masculina é dominante e as mulheres ainda são passivas e não o centro das atenções (Dabat 2017).

De acordo com a ideologia comunista chinesa, as novas mulheres revolucionárias são educadas para servir ao país, no lugar de servir de forma submissa aos homens, pai, marido e filhos, no espaço da vida privada familiar. Durante o governo de Mao, a comunicação visual refletia essa imagem revolucionária, “des-feminizada”, e as mulheres chinesas foram retratadas como "mulheres de ferro" (JOHANSSON, 2001). Possivelmente, esta mulher revolucionária se viu dividindo tarefas com “homens de ferro”, pela primeira vez na história da mulher oriental (DANTAS, 2019, p.52)

Outra mulher revolucionária na mesma direção e estilo destas mobilizações que Qiu fazia parte, foi Xiang Jingyu (1895-1928)³⁶, “uma das figuras mais marcantes do feminismo revolucionário na China. Ela defendia que a emancipação das mulheres pode acontecer apenas com mudança na estrutura social que liberte tanto os homens quanto as mulheres” (DABAT, 2017, p.7). Tal como Qiu jin, ela considera a libertação das mulheres um elemento essencial da libertação nacional. Embora fosse politicamente ativa ao lado dos homens dentro do PCC, acreditava que as mulheres eram um grupo social oprimido, juntamente com a classe trabalhadora e as minorias nacionais, e propôs uma aliança tripartida para a luta revolucionária. Além das protagonistas citadas, o período de revoluções da China foi marcado ainda por grandes nomes e diferentes vertentes, mas a sua principal linha de raciocínio e anseio era a libertação das mulheres chinesas. A posição das mulheres durante todas as lutas revolucionárias republicanas foi essencial para que a liberdade da mulher chinesa atual pudesse prevalecer.

³⁶ Única mulher no Comité Central nos anos 1920 (DABAT, 2017, p.8)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar que o movimento feminista dentro ou fora de seu campo de atuação mais comum, pode ser introduzido e vivido em diferentes contextos da sociedade, como no âmbito social, onde ganha mais destaque na atualidade, quanto no campo político, onde é encontrado nas pautas sobre gênero. Quando um país enfrenta adversidades é deixado de lado tópicos considerados menos pertinentes a serem mantidos na lista de prioridades. Gênero ou qualquer assunto que envolva mulheres é passado para um segundo plano de ação. Nesta pesquisa foi elucidado que a participação efetiva das mulheres dentro da sociedade pode trazer frutos, tanto quanto a ação masculina.

O estudo de gênero nas Relações Internacionais é considerado um tópico recente e com pouco reconhecimento de aspecto científico. Essa recente área nas RI tem uma discrepância em relação a um equilíbrio de representação e presença feminina, que é uma das vertentes dos estudos, juntamente do comportamento dos gêneros em ambientes, e as mudanças das mulheres dentro da modernização da sociedade e academia. A abordagem de gênero abre portas para uma análise sobre a influência do feminismo nas relações sociais nas Relações Internacionais. O gênero dentro das relações internacionais não substitui o papel dos Estados como principais atores, mas conferem-lhes novas funções e posições derivadas das ciências que estudam as formas e normas de comportamento dos atores sociais.

Com base nisso, a identificação das características das teorias feminista como análise histórica do surgimento do feminismo chinês, com influência do feminismo hegemônico, que se acredita ter as principais raízes dos demais feminismos pelo mundo, fez com que houvesse um esclarecimento do lugar que cada mulher ocupa e ocupava na sociedade. O feminismo hegemônico diferente não é o único e nem a única forma de se manifestar. Cada lugar do mundo tem um modo de ver as coisas e de agir de acordo com sua cultura, cultura essa que muitas vezes perpetuam geracionalmente. Na China por exemplo, segundo Wang (2018), existe uma divisão dos pensamentos das mulheres chinesas de diferentes gerações, isso tanto das mulheres que vivenciaram as revoluções de perto ou participando delas, quantos as feministas contemporâneas. Cada geração traz pensamentos, ideologias e anseios diferentes, as mulheres do fim do período dinástico se preocupavam em sair do sistema repressivo que vinha de seus lares, homens e de sua tradição. Mulheres essas que buscavam encontrar direitos no âmbito doméstico, busca que deve ser valorizada e levada em consideração por ser o primeiro passo para sua libertação. O processo de vitórias em cada setor da liberdade da mulher chinesa foi um longo percurso até a atualidade, as novas gerações vivenciam

experiências que são frutos de uma longa batalha por liberdade e direitos essenciais, traçada por mulheres do passado. A ideia original de gerações como cortes etárias enfatiza a relevância da idade biológica para a formação de atribuições de identidade/papéis dos grupos nas mudanças sociais. Wang (2018) ainda esclarece a diferença de “posição etária”, que confere-lhes um conjunto diferente de características geracionais e posicionamentos sociais das gerações anteriores de feministas, é a razão pela qual as novas gerações de mulheres “rejeitam as políticas e métodos das suas antecessoras” de ação.

As condições históricas são fundamentalmente diferentes, estas diferenças serviram como formação para uma nova geração de mulheres, abrindo caminho para o surgimento de novas e diferentes perspectivas políticas feministas. A modernização pela qual cada geração passa, ajuda a esclarecer por que razão estes jovens têm pouca tolerância ao sexismo e à injustiça social. O feminismo hegemônico, por exemplo, por ser considerado o pioneiro dentro dos movimentos feministas, faz com que cada vez mais mulheres não aceitam imposições e tratamentos misóginos, pois esse foi um de seus primeiros pilares, o questionamento e a imposição. A influência do feminismo ocidental dentro dos movimentos feministas chineses como visto no primeiro capítulo, pode de certa forma ser considerado também como uma imposição do estrangeiro.

A presença de características ocidentais dentro dos movimentos das mulheres chinesas não foi algo natural. Da mesma maneira que no decorrer da história da China em que as ocupações estrangeiras influenciaram em setores políticos e governamentais do país, pautas como a libertação das mulheres chinesas também foram influenciadas e moldadas pelo Ocidente. Se a interferência estrangeira não tivesse acontecido a história do nascimento e desenvolvimento dos movimentos feministas chinês teria seguido por outro caminho, e o que muitas mulheres chinesas conhecem como liberdade hoje seria diferente, talvez se mantivessem muitas tradições culturais. O que mostra que houve esse molde do feminismo hegemônico no feminismo chinês.

Atualmente em alguns lugares da Ásia as pautas feministas não são muito discutidas e levadas em consideração dentro da sociedade, as mulheres continuam em busca e lutando por um espaço de igualdade e respeito. Os países asiáticos têm um grande número de ideias conservadoras e tradicionalistas, dificultando pautas como as de gênero, sendo assim, mesmo que o Ocidente tenha influenciado significativamente ao longo da construção e modernização de países asiáticos, suas raízes e ideologias perpetuam-se.

No que tange às lutas revolucionárias, elas podem ser compreendidas como fenômenos históricos que moldaram sociedades no decorrer do tempo. Durante as lutas

revolucionárias há diversas transformações no espaço geográfico em que ocorrem, mesmo com derrotas as mudanças e nascimentos de novas vertentes perpetuam, assim como ocorreu nas revoluções chinesas, dentro daquele espaço o gênero feminino pode se reerguer e lutar por sua liberdade e direitos, gradativamente alcançando sua autonomia.

Essas revoluções normalmente ocorrem por motivações de poder do Estado/governo, porém dentro delas nascem também movimentos sociais em busca de mudanças e melhorias em algum aspecto da sociedade em questão, ou contra invasões oportunistas e até de cunho terrorista de estrangeiros. As características que definem o grupo de pessoas/classes populares e movimentos e intervenções contra ou protestando no setor político, é a elevação de maior proporção na luta de classes por uma ou mais ideologias. Independente do tamanho da luta que esteja ocorrendo na localidade sempre gera algum tipo de levantamento de causa (problemas na sociedade), as massas atrás de seus direitos e liberdade podem ser pequenas ou até mesmo gigantescas, indiferente do cenário e regime político que o país possa estar passando, esses movimentos de pessoas entram em ação mesmo se o Estado já estiver em meio uma luta revolucionária de outro motivação.

Talvez este resultado prove mais uma vez que na China, como nos outros países, o debate entre revolução e feminismo continua até hoje. Existem decisões difíceis sobre prioridades e limites disciplinares apropriados, e mesmo o âmbito das revoluções, seja em termos de ambiente, classe, gênero ou outro tópico, permanecem no campo de visão das novas gerações. Talvez o exemplo e o sucesso das "Mulheres de Ferro", as feministas revolucionárias chinesas aqui mencionadas, na superação de dificuldades aparentemente intransponíveis para alcançar uma vida melhor para mulheres e homens, possa servir pelo menos como inspiração, senão como modelo.

Deste modo, a fim de validar a hipótese do trabalho de que o feminismo chinês nasce e se fortalece junto às lutas revolucionárias chinesas norteadas pela parte teórica, sobre a influência das teorias feministas. Foi possível observar o desempenho e a influência do feminismo hegemônico em certos momentos e situações, como apresentamos anteriormente, as mulheres chinesas utilizam pressupostos extraídos do pensamento feminista ocidental pra seguir a linha de raciocínio sobre liberdade, anexando isto na cultura chinesa. Intersecções de gênero, etnia, classe social, nível educacional, status de vulnerabilidade, entre outros para desenvolver e aplicar projetos no contexto chinês. Portanto, é possível concluir que no contexto das mulheres chinesas a influência do feminismo hegemônico e lutas revolucionárias ajudou no desenvolvimento e nascimento dos movimentos feministas chineses, sendo possível confirmar a hipótese da pesquisa.

Além disso, de acordo com Passos (2022), explorar os principais feminismos de acordo com seus espaços de expressão, identificar as diferentes correntes estabelecidas no feminismo de mais de apenas uma região global, podendo ser mais interessante e frutífero para o movimento em geral. Para isso, devemos tentar explicar as diferenças, identificar os diferentes projetos e explicar os diferentes paradigmas que limitam o movimento como um todo. Dessa forma, não importa a que feminismos diferentes pertencamos ou em como conquistamos nosso lugar na sociedade, poderemos finalmente perceber as nossas diferenças e apoiar-nos mutuamente.

Estima-se que o presente trabalho é de suma importância e vem sendo cada vez mais discutido e explorado nos meios interculturais e políticos, porém não recebe muita visibilidade e reconhecimento por se tratar de uma área com poucos pesquisadores se comparada com outras temáticas. A construção da civilização chinesa é bastante pautada no gênero, no que se refere a desigualdade nas hierarquias entre eles, e existe o questionamento de quando se teve o início aos movimentos feministas, ou seja, desde quando as mulheres se mostraram ativas na sociedade chinesa. Esse tema acaba sendo pouco explorado também na área das relações internacionais, sendo a teoria feminista uma das teorias com menos material de fácil acesso para estudo.

REFERÊNCIAS

ARCARY, Valerio. **O que é uma revolução?**. Revista OFFLINE, n. 5, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/download/5146/3778> > Acesso em: 23 de abril de 2023.

ARTUZA, Victor. **O selo de Jade Imperial Taiping e o Reino do Filho Chinês de Deus**. Epígrafe, v. 8, n. 8, p. 13-44, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/141662/159798> > Acesso em: 9 de abril de 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=LSqsDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=AKOTIRENE,+Carla.+Interseccionalidade.+&ots=nqZ_3wbVVZ&sig=qsM4jJJTEza05eH6KfLGHPR8plM#v=onepage&q=AKOTIRENE%2C%20Carla.%20Interseccionalidade.&f=false > Acesso em: 18 jun de 2023.

BODART, Cristiano das Neves. **Rousseau e as mulheres**. 2015. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/visao-de-rousseau-sobre-as-mulheres/>. Acesso em: 12 jun de 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Record, 2003. Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Disponível em: <https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemade-g%C3%AAnero.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3oda%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf>. Acesso em: 4 jun de 2023.

CÂMARA, Rafael Sette. **Os Punhos Harmoniosos e Justiceiros e a rebelião que balançou a China**. 2018. Disponível em: <<https://www.360meridianos.com/especial/punhos-harmoniosos-e-justiceiros-china>> Acesso em: 9 de abril de 2023.

CORDEIRO, Ana Lúcia Meyer. **Taoísmo e Confucionismo: duas faces do caráter chinês**. Sacrilégens, Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião -

UFJF v. 6, n. 1, p. 4-11, Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilogens/article/view/26466/18248>> Acesso em: 16 jan de 2023.

CORREA, Camilla Duarte. **Pés de lótus: estudo da relação entre a simbologia do objeto fetichista e a cultura chinesa.** 2022. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/30371/4/Trabalho%20de%20Conclus%C3%A3o%20de%20Curso.pdf>> Acesso em: 27 jun de 2023

CHEN, Ya-chen. **Breaking Feminist Waves: The Many Dimensions of Chinese Feminism.** New York: Palgrave Macmillan, 2011. Disponível em: <<https://link.springer.com/content/pdf/bfm:978-0-230-11918-5/1?pdf=chapter%20toc>> Acesso em: 4 jun de 2023.

CHINA DESDE EL SUR. 秋瑾 **Qiū Jǐn, feminismo en la China imperial.** 2021. Disponível em <https://www.chinadesdeelsur.com/2021/11/qiu-jin-feminismo-en-la-china-imperial.html#google_vignette> Acesso em: 15 de nov de 2023.

CYFER, Ingrid. **Feminismo, identidade e exclusão política em Judith Butler e Nancy Fraser.** *Idéias*, [S.l.], v. 8, n. 1, pp. 247-274, ago. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649783>> Acesso em: 12 jun de 2023.

DABAT, Christine Rufino. **“Mulheres de ferro”: revolucionárias feministas na China do século XX.** 2016. Disponível em: <<https://dev.historiaelutadeclasses.com.br/upload/arquivo/2018/03/503b94bd1779856c4193de670593c1d3b0e2f02a>> Acesso em: 10 set de 2023.

DA CUNHA MINVIELLE, Nicole Xavier. **Feminismo pós-colonial nas Relações Internacionais? Intersecções e diálogos teóricos para refletir sobre gênero, refúgio e violência no Sul Global.** *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, v. 8, n. 15, p. 249-277, 2019. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/11544>> Acesso em: 23 de abril de 2023.

DANTAS, Valná Souza. **REPRESENTAÇÕES CONFLITANTES: A imagem da mulher chinesa na Revolução Cultural.** Maceió-AL, 2019. Disponível em: <

http://sotepp.unit.br/wp-content/uploads/2019/08/2019_Representacoes-conflitantes-a-imagem-da-mulher-chinesa-na-Revolucao-Cultural.pdf > Acesso em: 10 jan de 2023.

DANTAS, V. S; MENDES JUNIOR, W. L. **Mulher revolucionária representações conflitantes: Discursos sobre a mulher chinesa na revolução cultural.** In: Anais AVIA! Semana de Design da UFAL | 3º edição. Maceió-AL: Galoá 2018. Disponível em: < <https://proceedings.science/avia/avia-2018/trabalhos/mulher-revolucionaria-representacoes-conflitantes?lang=pt-br> > Acesso em: 16 jan de 2023.

DE BARROS, Matheus Guimarães. **Violência simbólica no feminismo hegemônico: mulheres e vulnerabilidade.** Anãnsi: Revista de Filosofia, v. 1, n. 1, p. 102-114, 2020. Disponível em: < <https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/9593/6419> > Acesso em: 12 jun de 2023.

DE PAIVA, Wilson Alves. **A questão da mulher em Rousseau e as críticas de Mary Wollstonecraft.** Ethic@-An International Journal for Moral Philosophy, v. 18, n. 3, p. 357-380, 2019. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2019v18n3p357/42719> > Acesso em: 12 jun de 2023.

DONOVAN, Josephine. **Feminist theory: The intellectual traditions.** A&C Black, 2012. Disponível em: < [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=bFbP0DawYPAC&oi=fnd&pg=PP2&dq=donovan,j.\(2012\).+feminist+theory.+&ots=XRiPgo1sVv&sig=WmXPKEmxckMfrLs_PxXOXivRPcg#v=onepage&q=donovan%20j.\(2012\).%20feminist%20theory.&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=bFbP0DawYPAC&oi=fnd&pg=PP2&dq=donovan,j.(2012).+feminist+theory.+&ots=XRiPgo1sVv&sig=WmXPKEmxckMfrLs_PxXOXivRPcg#v=onepage&q=donovan%20j.(2012).%20feminist%20theory.&f=false) > Acesso em: 10 jun de 2023.

FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China: uma nova história.** tradução de Marisa Motta. 3ed. Porto Alegre, RS: L & PM, 2008. Acesso em: 23 de ago de 2023.

FAUR, Mirella. **Círculos sagrados para mulheres contemporâneas: práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina.** Editora Pensamento, 2. ed. São Paulo, 2021. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=9Zo5EAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=ANTIGAS+CREN%C3%87AS+DA+CHINA+Uma+publica%C3%A7%C3%A3o+do+C%C3%ADrculo+de+Mulheres+da+Teia+de+Thea&ots=tkmxn0J45J&sig=fMtYBsGX41dd4NVMF5pKbU-2_vY#v=onepage&q&f=false > Acesso em: 16 jan de 2023

_____. **Deusa viva; Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea, Antigas crenças da China.** [S.I.], 2012. Disponível em: <<https://www.teiadethea.org/wp-content/uploads/2007/08/jornalmarco12.pdf> > Acesso em: 17 jan de 2023.

FERNANDES, Maria de Lourdes Dias. **As mulheres na religião islâmica.** 2019. 106 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO. Disponível em:<<https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4256#:~:text=As%20Mulheres%20seguidoras%20da%20cren%C3%A7a,de%20liberdade%20e%20de%20eleg%C3%A2ncia.>> Acesso em: 20 jun de 2023.

FRASER, Nancy. **Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”.** Cadernos de Campo, São Paulo, v. 15, n. 14-15, pp. 231-239, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50109/54229>> Acesso em: 19 jun de 2023.

GALHERA, Katiúscia Moreno; MASO, Tchella; PRETURLAN, Renata. **Entrevista com J. Ann Tickner.** Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, v. 6, n. 11, p. 15-23, 2017. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/6901>> Acesso em: 23 de abril de 2023.

GODIVA, Stephanie; FALCI, Fernando. **A Revolta dos Boxers.** Disponível em<<https://docplayer.com.br/69497555-A-revolta-dos-boxers.html>> Acesso em: 19 set de 2023

GONÇALVES, Tuane Oliveira. **Feminismos e vivências: uma análise das relações de gênero na China.** Zi Yue, v. 2, n. 01, p. 119-126, 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ziyue/article/download/181795/185218/572036>> Acesso em: 17 jan de 2023.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. **O conceito de movimentos sociais revisitado.** Em tese, v. 1, n. 2, p. 75-91, 2004. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/13624/12489>>Acesso em: 23 de abril de 2023.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução: Ana Luiza Libânio. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019> Acesso em: 10 jun de 2023.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China.** Tradução Cássio de Arantes leite. Editora Objetiva Ltda; Rio de Janeiro. 2011.

LAU, Jessie. **Enfrentando censura em casa, feministas chinesas estão soando o alarme sobre Peng Shuai no exterior.** gal-dem, [S.I], 2021 Disponível em: <<https://gal-dem.com/peng-shuai-chinese-feminists/>> Acesso em: 12 jan de 2023.

LYRIO, Maurício Carvalho. **A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos.** Brasília, 2010. Disponível em:<http://funag.gov.br/loja/download/902-Ascensao_da_China_como_Potencia_A.pdf> Acesso em: 11 de abril de 2023.

MARCINIK, Georgia Grube; MATTOS, Amana Rocha. **Movimentos feministas e relações raciais intragênero: entre a luta e a opressão.** Revista Polis e Psique, v. 11, n. 1, p. 162-182,2021.Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2021000100012>Acesso em: 12 jun de 2023.

MAROTE, Christine. **China celebra o Dia Internacional da Mulher.** [S.I], 2014. Disponível em:<<https://chinanaminhaveda.com/2014/03/08/china-celebra-o-dia-internacional-da-mulher/>> Acesso em: 23 jan de 2023.

MORENO, Tica; ZELIC, Helena. **O movimento de 4 de maio e a emancipação das mulheres na China.** 2023. Disponível em <<https://capiremov.org/experiencias/o-movimento-4-de-maio-e-a-emancipacao-das-mulheres-na-china/>> acesso em; 23 de out de 2023.

NUMBERS, Ronald L. **Mitos e verdades em ciência e religião: uma perspectiva histórica.** Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), v. 36, p. 250-255, 2009. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rpc/a/tQvf4sbWNsQDnM7KTzZjxsr/?format=pdf>> Acesso em: 27 jun de 2023.

OLIVEIRA, M. E. R. G.; RODRIGUES, L. O. **Descolonizando o feminismo: desafios para a construção do feminismo latino-americano.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero

10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Anais de evento, Florianópolis: 2013, 8 p. Disponível em: Microsoft Word - 1373345073_ARQUIVO_Artigo_FG_versaofinal.doc (dype.com.br) Acesso em: 23 de ago de 2023.

PAN, Tingting; HE, Xiancheng. **On the Awakening of Female Consciousness from the Opium War to the Great Revolution Period.** Open Access Library Journal, v. 7, n. 6, p. 1-8, 2020.

PASSOS, Ellen Gomes. **As contribuições teóricas do feminismo latino-americano na luta para a igualdade de gênero no Brasil: um estudo de caso de três ongs feministas relevantes para o contexto nacional.** 2022. Disponível em: <<https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/riu/7197>> Acesso em: 4 jun de 2023.

PEDRONI, Roberta. **O Lugar contra-hegemônico do feminismo nos fazeres artísticos-ativistas.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2018. Disponível em: <<https://www.redor2018.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNDoiYToxOntzOjEwOiJRRF9BUiFVSVZPIjtzOjM6IjYzMCI7fSI7czoxOjI7czozOjMyOiIxODUwYTU5OTU2ZTQwYTEwZTBiN2U4NDRINTg3OGEzZCI7fQ%3D%3D>> Acesso em: 11 jun de 2023.

PILGER, Caroline Roveda. **Feminismos: um olhar para a desconstrução de estereótipos e privilégios.** 2022. Edição: Ricardo Machado. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/corporalidades/feminismos-um-olhar-para-a-desconstrucao-de-estereotipos-e-privilegios/>>. Acesso em: 3 de junho de 2023.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 23 de abril de 2023.

PORTUGAL, Sergio. **A Rebelião de Taiping - Documentário.** 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NEtA6uqoDcs>> Acesso em: 26 de ago de 2023.

PROZCZINSKI, Daniele. **A construção da mulher na China: Submissão e feminicídio.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women 's Worlds Congresso, Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499461322_ARQUIVO_Daniel>

eProzczinski_Aconstruc_%23807_a_%23771_odamulhernaChina.pdf> Acesso em: 23 jan de 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.> Acesso em: 4 jun de 2023.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. (terceira edição). Rio de Janeiro. 1995. Disponível em:<<https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/emc3adlio-ou-da-educac3a7c3a3o.pdf>> Acesso em: 4 jun de 2023.

SANTIAGO, Hugo Leonardo Alexandre. **UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DOS REBELDES BOXERS E DA CHINA NO FILME “55 DAYS AT PEKING”**. 2015.

SALVADOR, Fábio Burch. **A Rebelião dos Boxers, parte 1 de 2: raízes e contexto**. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nLjBf3DIYM> .> Acesso em: 19 ago de 2023

SALVADOR, Fábio Burch. **A Rebelião dos Boxers, parte 2 de 2: revolta e reação**. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZcFwPpallzE> > Acesso em: 19 ago de 2023

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. **Guerra e Guerra Revolucionária**. *Revista de Sociologia e Política*. n. 08, p. 31-41, 1997. SAINT-PIERRE, Héctor Luis. Guerra e Guerra Revolucionária. *Revista de Sociologia e Política*, n. 08, p. 31-41, 1997. Disponível em:<<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/download/39317/24136> > Acesso em: 23 de abril de 2023.

SCARMELOTO, Klaus. **Conceitos básicos sobre a luta revolucionária**. 2022. Disponível em:<<https://www.cienciasrevolucionarias.com/post/conceitos-b%C3%A1sicos-sobre-a-luta-revolucion%C3%A1ria>> Acesso em: 23 de abril de 2023.

SOBRAL, Pedro Simão Rocha. **De ameaça a inspiração: a rebelião taiping (1850–1864) no percurso revolucionário Chinês**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade do Minho (Portugal). Disponível em:<<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/59519>> Acesso em: 23 jan de 2023.

SHEN, Yifei. **Feminism in China. An Analysis of Advocates, Debates, and Strategies.** Friedrich Ebert Stiftung. 2016. Disponível em: <<https://library.fes.de/pdf-files/bueros/china/12947.pdf>> Acesso em: 23 out de 2023

WALTERS, Margaret. **Feminism: A very short introduction.** Oxford University Press, 2005. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=xUkSDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP8&dq=Walters+,+M.+\(2005\).+Feminism:+A+Very+short+introduction&ots=-fyKhvXTZ0&sig=kByljB1b5VUtXcf2uNoKXUOqNqs#v=onepage&q=Walters%20%2C%20M.%20\(2005\).%20Feminism%3A%20A%20Very%20short%20introduction&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=xUkSDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP8&dq=Walters+,+M.+(2005).+Feminism:+A+Very+short+introduction&ots=-fyKhvXTZ0&sig=kByljB1b5VUtXcf2uNoKXUOqNqs#v=onepage&q=Walters%20%2C%20M.%20(2005).%20Feminism%3A%20A%20Very%20short%20introduction&f=false)> Acesso em: 12 jun de 2023

WANG, Qi. **Young feminist activists in present-day China: A new feminist generation?** China Perspectives, v. 2018, n. 2018/3, p. 59-68, 2018. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/chinaperspectives/8165>> acesso em: 3 de junho de 2023

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A vindication of the rights of woman.** Mineola: New York: Dover Publications Inc., 1996. Disponível em: <<https://www.earlymoderntexts.com/assets/pdfs/wollstonecraft1792.pdf>> Acesso em: 4 jun de 2023

XINRAN, Dong. **As mulheres chinesas no fim do século XIX e o início do século XX: sob a influência ocidental.** 2019. Tese de Doutorado. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/64360/1/Disserta%20a7%20a3o%20da%20Dong%20Xinran-Final.pdf>> Acesso em: 20 dez de 2022

ZEFERINO, Jaqueline Cardoso. **LUGAR DE FALA: DESESTABILIZANDO O FEMINISMO HEGEMÔNICO E O SISTEMA DE AUTORIZAÇÃO DISCURSIVA.** Humanidades & Inovação, v. 6, n. 4, p. 210-212, 2019. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/891/902>> Acesso em: 24 jun. de 2023.

